

Universidade Federal da Bahia
Escola de Teatro
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

NELCIRA APARECIDA DURÃES

HISTÓRIAS AO PÉ DO MORRO:
UM ESTUDO DA ORALIDADE E PERFORMANCE DOS NARRADORES
DO MORRO ALTO, COMUNIDADE RURAL, BOCAIÚVA – MG

Montes Claros, 2011

NELCIRA APARECIDA DURÃES

**HISTÓRIAS AO PÉ DO MORRO:
UM ESTUDO DA ORALIDADE E PERFORMANCE DOS
NARRADORES DO MORRO ALTO, COMUNIDADE RURAL,
BOCAIÚVA – MG**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas – PPGAC/UFBA, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Érico José de Souza Oliveira

Montes Claros, 2011

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Érico José de Souza Oliveira (orientador, PPGAC/UFBA)

Prof. Dr. Antônio Alvimar Souza (UNIMONTES)

Profa. Dra. Anete Marília Pereira (UNIMONTES)

Para:

João e Tereza, meus pais;
João Gabriel e Jukita Queiroz, meus amores.

AGRADECIMENTOS:

A Deus, pela vida;

A Érico Oliveira, meu querido orientador, por ter de fato me orientado, com atenção e carinho, respeitando os meus limites e me fazendo crer que podia ultrapassá-los;

A meus irmãos e irmã, pela força;

A minhas sobrinhas, afilhado e cunhadas, pela torcida;

A Jukita, meu marido, pelas andanças, pelo carinho e pelo “olhar fotográfico”;

A João Gabriel, pela certeza que devo prosseguir;

A meu pai e minha mãe, por me ensinar a não desistir diante das pedras no caminho;

A Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, pela oportunidade;

A Querida Elvira e demais colegas da UNIMONTES, pela acolhida;

Aos professores do PPGAC/UFBA, especialmente Antônia Pereira Bezerra, Heloísa Domenici, Lúcia Lobato, Denise Coutinho, Suzana Martins, Luiz Marfuz e Hebe Alves, pelos ensinamentos;

A Cláudia e Capieli, pela acolhida em Salvador;

A Prof. Anete Marília e ao Prof. Antônio Alvimar, que tão prontamente aceitaram participar da minha banca;

Aos moradores do Morro Alto, por dividirem comigo as suas histórias de maneira tão generosa;

Muito obrigada.

“... que a importância de uma coisa
não se mede com fita métrica
nem com balanças nem barômetros etc.
Que a importância de uma coisa
há que ser medida
pelo encantamento que a coisa produza em nós.”

Manoel de Barros

RESUMO

Este é o estudo da oralidade e da performance dos moradores da comunidade rural Morro Alto, situada no município de Bocaiúva-MG. O trabalho de campo foi realizado na comunidade, no período de novembro 2010 a fevereiro de 2011, com o intuito de ouvir e registrar em vídeo e em áudio as histórias de vida, sobre fatos e pessoas conhecidas ou que viveram no lugar. A partir da convivência com os sujeitos, idosos, moradores da zona rural registrei também os modos de vida, saberes e fazeres da comunidade. Após a realização do trabalho de campo, utilizei-me dos registros e da observação local, para análise do conteúdo das narrativas e da performance dos narradores durante o evento. Neste sentido, valeu-me também os aportes teóricos e a convivência anterior com a comunidade. Diante disso, posso afirmar que as narrativas orais expressam a história coletiva e individual dos sujeitos. Em suas performances eles nos apresentam as suas singularidades, expressas nos gestos, na fala, na postura, que também tem uma relação com o contexto em que vivem.

PALAVRAS CHAVE: narrativas, oralidade, performance, memória.

ABSTRACT

This is the study of orality and performance of the residents of the rural community Morro Alto, located in the municipality of Bocaiuva-MG. The fieldwork was carried out in the community from October 2010 to February 2011 in order to hear and video and audio record the stories of life, facts and people known or who lived in the place. From the interaction with the citizens, elderly, rural area residents it was also recorded ways of life, knowledge and practices in the community. After accomplishment of field work, it was used records and observation on site to analyze the content of narratives and narrators performance during the event. In this sense, it was also used the earlier theoretical contributions and the coexistence with the community. Thus, it can be stated that the oral narratives express the collective and individual history of the subjects. In their performances were presented their singularities, expressed in gestures, speech, posture, and it also has a relation to the context in which they live.

KEYWORDS: narratives, orally, performance, memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 01 – Mapa Semi-árido brasileiro..... | 47 |
| Figura 02 – mercado municipal de Bocaiúva..... | 50 |
| Figura 03 – Escola antiga do Morro Alto..... | 52 |
| Figura 04 – Escola atual do Morro Alto..... | 53 |
| Figura 05 – Plantio de milho..... | 54 |
| Figura 06 – Fábrica de Farinha – Casa de José Vicente (Zica)..... | 55 |
| Figura 07 – Marcenaria – Fabricação de pilão – José Vicente | 58 |
| Figura 08 - Término do culto em frente a igreja da comunidade..... | 59 |
| Figura 09 – Dona Maria..... | 70 |
| Figura 10 – Dona Maria a Filhas na igreja da comunidade..... | 72 |
| Figura 11 – Mãos de Dona Maria..... | 77 |
| Figura 12 – Zica e esposa..... | 78 |
| Figura 13 – Seo João..... | 84 |
| Figura 14 – Seo João na fabricação de requeijão | 85 |
| Figura 15 – Samu | 90 |
| Figura 16 – Samu e Zara..... | 93 |
| Figura 17 – Divino Carlos..... | 94 |
| Figura 18 – Divino Carlos durante apresentação da Folia de Reis..... | 95 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| I.CAPÍTULO: A PA LAVRA NA TERRA E NO HOMEM..... | 14 |
| 1.1 ESSA COISA, A VOZ..... | 18 |
| 1. – RUÍDOS DOS NOVOS TEMPOS..... | 22 |
| 1.3 GUARDIÕES DA MEMÓRIA..... | 28 |
| 1.4 - A NARRATIVA COMO PERFORMANCE..... | 33 |
| II.CAPÍTULO: O MORRO ALTO - DOS GALHOS ÀS RAÍZES..... | 40 |
| 2. – HOMEM E NATUREZA..... | 45 |
| 2.2. A LABUTA DIÁRIA..... | 49 |
| 2. – SABERES E FAZERES..... | 54 |
| III CAPÍTULO: UM DEDO DE PROSA..... | 63 |
| 3.1 HISTÓRIA DE UM, HISTÓRIA DE TODOS..... | 66 |
| 3.2 Ô DE CASA, ABRE A PORTA!..... | 68 |
| 3.2.1 FALAS, SILÊNCIOS E GESTOS..... | 70 |
| DONA MARIA..... | 70 |
| JOSÉ VICENTE (ZICA)..... | 78 |
| JOÃO DE JULINHA..... | 84 |
| SAMU PEREIRA..... | 90 |
| DIVINO CARLOS..... | 94 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS OU A <i>RETIRADA EH MEUS CAMARADAS!</i>..... | 100 |
| REFERÊNCIAS..... | 104 |
| ANEXOS..... | 105 |

INTRODUÇÃO

Aqui me apresento: sou filha de lavradores, nascida em Bocaiúva – MG. A minha trajetória sempre esteve ligada à arte, à cultura e à terra. Logo de início interessou-me o que não posso tocar: as histórias, a literatura, a poesia. Desde bem cedo tomei gosto por esse caminho ou, como diria Manoel de Barros, por esse “desvio”.

As imagens da minha infância, das festas na *roça*, dos cultos nas casas dos parentes, do café com rapadura, das fogueiras e brincadeiras de roda, das caminhadas noturnas pelos trilhos abertos pelo gado, passando debaixo de cercas em noites de lua clara; das histórias de assombração que nos faziam rir e chorar. Imagens que ficaram em minha mente como algo fascinante e prazeroso, porém cada dia mais distante.

A perspectiva de unir meu apreço pelas histórias de vida, contos, causos e o lugar de onde vim com a pesquisa acadêmica em artes cênicas me deixou feliz e entusiasmada. Porém o caminho ainda se apresentava incerto. Foi preciso amadurecer os objetivos, delimitar o foco e traçar os caminhos metodológicos que iria trilhar.

Os porquês vão naturalmente nos conduzindo, à medida que vamos tentando encontrar as respostas. Porém, em alguns momentos apresentam-se vários caminhos, encruzilhadas, bifurcações, diante dos quais é necessário não perder o foco e seguir adiante. Pois um assunto remete a outro e a outro, assim sucessivamente.

É preciso ter clareza do que se pretende com a pesquisa. Nesse sentido os objetivos foram sendo delineados, tendo como prioridade estudar a oralidade e a performance dos narradores a partir das narrativas orais recolhidas na comunidade rural Morro Alto, Bocaiuva-MG. Além disso verificar o que do imaginário coletivo do lugar está presente nas narrativas individuais, a relação corpo-palavra no narrador, os processos histórico-culturais inseridos nas narrativas e o papel social do narrador. Paralelamente foi feito um levantamento dos teóricos que serviriam de aporte para subsidiar este estudo.

Na escrita desta dissertação fica evidente a minha opção pelo uso das metáforas e a tentativa de aproximar o texto do leitor, por acreditar que, em se tratando de uma temática como esta: narrativas orais e performance, que trazem no seu cerne a relação olho no olho, o diálogo, a voz *in natura*¹, um texto formal, impessoal, não permitiria a quem o lesse penetrar também no universo da oralidade.

¹ Utilizo itálico em todo o texto desta dissertação na transcrição de palavras, frases ou termos utilizados pelos sujeitos pesquisados, nos apelidos de pessoas e quando utilizo termos e palavras de outro idioma.

Outro aspecto que ressalto é que, sendo esta uma pesquisa de artes cênicas, onde ela se encontra? Esta foi uma reflexão feita por mim várias vezes nesse trajeto. A resposta veio a partir de muitas leituras para construir o que lhes apresento e da observação durante a pesquisa de campo.

No lugar onde situo este estudo não há o teatro como convencionalmente chamamos. Quem se coloca no “lugar onde se vê”, no caso o contador, pode ser observado como sendo esta a arte. E é exatamente esse “teatro” que as pessoas da comunidade rural Morro Alto estão acostumados a ver e que não se separa de suas vidas. Trata-se de um novo paradigma que tira o teatro do lugar no qual a europeização o colocou e o traz para bem próximo da vida, aliás, para dentro dela. Talvez para emergir daí um corpo, um gesto, uma verdade que, nessa era do “vale-tudo”, faça algum sentido. Daí o surgimento da performance, do teatro antropológico que, segundo Pavis (1999) é “uma tendência da encenação que se esforça em examinar o ser humano em suas relações com a natureza e a cultura, que amplia a noção europeia de teatro às práticas espetaculares e culturais...” (PAVIS, 1999, p.374)

Dentro dessa perspectiva proponho observar a performance dos contadores, considerando que:

a performance se apresenta como espaço interdisciplinar importante para a compreensão de gêneros de ação simbólica. A antropologia da performance, que surge nas interfaces de estudos do ritual e do teatro, amplia questões clássicas do ritual para tratar um conjunto de gêneros performativos encontrados em todas as sociedades do mundo globalizado, incluindo ritual, teatro, música, dança, festas, narrativas, cultos, manifestações étnicas, movimentos sociais, e encenações da vida cotidiana (DAWSEY, 2006, p. 23).

O universo desta pesquisa é constituído pelas narrativas orais recolhidas na comunidade do Morro Alto, de cinco moradores, selecionados previamente, sendo Senhora Maria Vieira Durães (dona de casa, líder religiosa), Sr. Divino Carlos (mestre de Folia de Reis), Sr. Samuel Pereira de Carvalho (lavrador), Senhor José Vicente (marceneiro), Senhor João Vieira Durães (lavrador) escolhidos por serem os moradores mais antigos da comunidade e também por serem reconhecidamente exímios contadores.

Registrei em vídeo um grande número de histórias narradas pelos sujeitos deste trabalho, das quais transcrevo aqui apenas algumas de cada um desses contadores. Além disso, ao longo do texto utilizo trechos de outras narrativas dos mesmos narradores para ilustrar a argumentação, que não estão transcritas na íntegra.

Existem poucos registros das narrativas orais do interior de Minas e praticamente nenhuma sob a ótica das artes cênicas, o que torna a realização desta pesquisa uma importante contribuição para o campo de estudos nesta área e em áreas que se dedicam a abordagens da cultura mineira e suas interfaces com outras ciências.

A dissertação foi dividida em três capítulos, sendo que, no I capítulo fundamentarei a discussão teórica a respeito dos assuntos aqui abordados. Faço um aprofundamento nos estudos da oralidade, apontando a sua importância e o seu legado para a história da humanidade dando um enfoque ao estudo da voz e da performance, associando a prática da narrativa oral como a performance. Ressalto ainda neste capítulo, o quanto nos distanciamos da prática de narrar.

No II capítulo, apresento o universo onde se situa a pesquisa, ressaltando a história do lugar, os aspectos culturais, utilizando das próprias narrativas recolhidas e outros referenciais - fontes documentais de arquivos, jornais - para a reconstituição de como se deu o processo de povoamento, os hábitos, costumes e modos de fazer do lugar. Com base nessas informações, proponho também algumas reflexões sobre a vida do homem do meio rural

No terceiro e último capítulo, mergulho no universo dos contadores. Aqui apresento cada um dos sujeitos deste estudo, faço a transcrição de pelo menos uma narrativa de cada um deles e, a partir destas, analiso os seus conteúdos e a performance dos narradores no ato da narração. Faço uma tentativa de interpretar as narrativas e os gestos dos contadores, tendo como base o universo teórico escolhido e na minha observação. Aqui exponho as impressões de todo o trabalho feito em campo – o *sumo*.

Observo no decorrer de todo o trabalho a vida do homem e da mulher rural em seu cotidiano, levando em conta as suas relações sociais, seus hábitos e costumes, a fim de ressaltar os aspectos subjetivos dos sujeitos, como a compreensão da realidade, as crenças, os valores. Dessa forma, estabeleço um diálogo não apenas com o que é evidenciado em suas falas, mas no que está implícito nelas.

Portanto o fio condutor são as narrativas orais, nas quais os sujeitos pesquisados deixam de ser meros instrumentos para análise, suas falas fornecem informações e contribuem significativamente para a contextualização histórica, social e cultural. Necessariamente travo uma parceria com a comunidade, com os contadores.

I CAPÍTULO: A PALAVRA NA TERRA E NO HOMEM

*Há que se lembrar algumas vezes, de qualquer modo,
Que a linguagem transporta se não um pensamento,
pelo menos uma escolha.*
Roland Barthes- 007

No título do capítulo faço uso de uma metáfora para dizer da pá, que lavra, enquanto instrumento de trabalho, que ajuda na lida diária de quem trabalha a terra. E da palavra, o instrumento privilegiado de comunicação, presente em todos os momentos da vida cotidiana, também nos momentos de celebração, de festa, nas rodas de causos e prosas e nos leilões da comunidade rural² que enfoco: Morro Alto.

Nesse contexto, quando digo a “pá lavra no homem e na terra”, refiro-me a lavrar como fazer, executar. E em certo sentido, o trabalho faz o homem, porque lhe dá o sustento, molda o gesto, a expressão, a dor, o calo nas mãos, as manchas no rosto; e a palavra lavra a própria vida, principalmente onde quase não há papéis, onde a escrita é bula de remédio, cartas amareladas de parentes distantes; ela é o meio de comunicar o dia a dia e compartilhar experiências, á tempos atrás valia mais que qualquer nota promissória – a palavra dada não podia voltar atrás – grandes e pequenos negócios eram feitos sem precisar de nenhum documento escrito, a *palavra de homem* era a garantia.

Sobre a importância da palavra, Bondía (2002) declara:

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. (BONDÍA, 2002, p.21)

Como o autor, acredito no poder das palavras. Não como há tempos atrás, mas numa outra dimensão, em que ela é capaz de provocar reações diversas em uma multidão de pessoas, seduzindo-a, como fazem as pregações de padres e pastores nas igrejas; coagindo-a como fazem os programas eleitorais; deixando-a em estado de êxtase e/ou euforia quando

² O termo comunidade refere-se “à vida grupal quando encarada do ponto de vista de simbiose, ‘sociedade’ quando encarada do ponto de vista do consenso. Uma base territorial, distribuição de homens e instituições e atividades, no espaço, uma vida em conjunto fundada no parentesco e interdependência econômica, e uma vida econômica baseada em mútua correspondência de interesses, tendem a caracterizar uma comunidade”. (WIRTH, 1992, 83)

provocada por algum artista famoso. Pode até mesmo levar as pessoas a atitudes extremas como nos casos de fanáticos religiosos. Exemplos que merecem mais aprofundamento, já que se encontram dentro de complexos sistemas culturais.

Bakhtin, no entanto, acrescenta que por trás da palavra está não só quem a profere e quem a escuta, o dito carrega o não-dito, a substância, e ela tem peso, volume, densidade. Segundo ele,

na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. (BAKHTIN, 1986, p.95)

E acrescenta: “o que faz da palavra uma palavra é a sua significação” (BAKHTIN, 1986, p.95) Não falamos somente, as palavras que saem de nossas bocas refletem o que somos e o sentido que damos às coisas. Assim,

as palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que somente palavras. (BONDÍA, 2002, p.21)

Este autor enfatiza em sua argumentação o poder da palavra, por isso mesmo ela é instrumento, que pode ser utilizado de formas diversas, pois pode manipular, coagir, aclamar, provocar, refletir. No jogo das palavras e pelas palavras há muita coisa embutida.

Como referências para este estudo, utilizo-me de Paul Zumthor³ que enfoca a oralidade e a performance vocal, dialogo também com Le Goff para tratar da memória e Ecléa Bosi, memória e velhice, com uma sensibilidade ímpar, com Walter Benjamin e as suas críticas à modernidade e com Schechner, que me possibilita a leitura da performance dentro de uma perspectiva antropológica; somados a tantos outros, que me oferecem suporte para

³ Paul Zumthor, um dos pilares teóricos desta pesquisa, nasceu em Genebra, na Suíça, em 1915. Medievalista, poeta, romancista, estudioso das poéticas da voz e polígrafo, Zumthor viveu na França, na Holanda e no Canadá, onde faleceu em 1995. Publicou em revistas universitárias e de crítica dezenas de artigos. Visitou o Brasil em 1977, 1988 e 1993, e tinha por este país um interesse e uma dedicação peculiares. De sua vasta obra, alguns publicados no Brasil: *A letra e a voz* (Companhia das Letras, 1993), *Introdução à poesia oral* (Hucitec/Educ, 1997/UFMG, 2010), *Tradição e esquecimento* (Hucitec, 1997), *Oralidade em tempo & espaço: colóquio Paul Zumthor* (org. Jerusa Pires Ferreira, Educ, 1999), *Escritura e nomadismo* (Ateliê Editorial, 2005).

interpretar e compreender esse universo rico e subjetivo do humano: a fala e os silêncios e os gestos que a acompanham.

Esse diálogo entre a teoria e as narrativas recolhidas durante o trabalho de campo, permite refletir a relação entre oralidade, performance e memória, ressaltando o entrelaçamento de todas num mesmo universo.

Acredito que os estudos já desenvolvidos nessa área contribuíram e contribuirão para a valorização da cultura oral visto que, no Brasil existem políticas públicas, por meio de leis de incentivo e pontos de cultura, cujo objetivo é ressignificar a prática de contar histórias. Nesse sentido importa-me muito com este trabalho valorizar a prática como compartilhamento de vidas, de experiências e, porque não, incentivar o seu exercício.

Nosso país tem uma cultura fortemente oral se levarmos em conta os poetas, os repentistas, as brincadeiras populares, os causos e as lendas. Passa pela oralidade a transmissão de muitos dos valores culturais brasileiros que são considerados como nosso patrimônio imaterial⁴, como os cantos de folia, os ofícios tradicionais.

Através da narração de histórias e *causos*, a transmissão desses valores e práticas foi sendo repassada, assim se reproduzia e disseminava modos de fazer, costumes e crenças. Por meio da oralidade, eles tornaram-se conhecidos, o que fez da narrativa oral importante meio de preservação de muitas manifestações culturais e valioso instrumento de comunicação.

De acordo com Paul Zumthor,

ninguém sonharia em negar a importância do papel que desempenharam, na história da humanidade, as tradições orais. As civilizações arcaicas e muitas culturas das margens ainda hoje se mantêm graças a elas. E ainda é mais difícil pensá-las em termos não históricos, e especialmente nos convencer de que nossa própria cultura delas se impregna, não podendo subsistir sem elas. (ZUMTHOR, 2010, p. 08)

Não obstante a sua importância enquanto instrumento de comunicação inerente a todo ser humano, a oralidade possibilitou-nos conhecer melhor as culturas de diferentes povos, sendo a principal ferramenta de comunicação humana que acompanha a história e a

⁴ A Unesco define como Patrimônio Cultural Imaterial "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural". O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (IPHAN, 2011)

evolução do homem a que todos têm acesso, independentemente de fatores econômicos e sociais. Ouso dizer que a oralidade somada a outros fatores também contribuiu para a formação dos agrupamentos humanos. Nesse sentido recorro novamente a Paul Zumthor:

Já dizia Pierre Janet⁵ que o que criou a humanidade foi a narração. Ninguém duvida de que a capacidade de contar seja definidora do estatuto antropológico; de que as lembranças, os sonhos, os mitos, as lendas, a história e tudo mais constituem, juntos, a maneira pela qual indivíduos e grupos tentam se situar no mundo. (ZUMTHOR, 2010, p.52)

Apesar de haver outros meios de comunicar, somos seres orais, mesmo em sociedades totalmente alfabetizadas não nos distanciamos nunca da fala. Ela se faz presente em nossa vida diária, no noticiário que ouvimos pela TV, nas aulas, nas igrejas, nas conversas pelo telefone, nos bate-papos com amigos; a oralidade nos acompanha cotidianamente, mesmo sem darmos conta disso – já estamos tão acostumados ao uso da fala em diversos contextos do nosso cotidiano, que a utilizamos de forma quase involuntária.

Mesmo com todas as transformações ocorridas nesse âmbito, hoje, em muitos lugares, a transmissão de experiências por meio da oralidade ainda ocupa lugar de destaque. Um exemplo disso são os *griôs*⁶ na África, respeitados enquanto difusores de sua cultura, por meio da narrativa oral. O ofício do *griô* é contar histórias, contos, provérbios e ditados e, nesse ato de narrar para uma plateia, vão construindo e reconstruindo a história dos seus ancestrais. Sobre isso, Zumthor aponta que

os *griôs* da África ocidental exerciam nos Estados pré-coloniais uma função política eminente, no lugar hierárquico onde se cruzam as relações de solidariedade e se instauraram os discursos: conselheiros dos reis, preceptores dos príncipes, membros de uma casta hereditária detentora da palavra operante. (ZUMTHOR, 2010, p. 241)

Muitos historiadores se serviram da oralidade como base para a reconstrução da história e da cultura, principalmente em sociedades ágrafas. Nesses contextos o contador de histórias ocupava lugar de destaque na sociedade, “homens-memória”, termo utilizado por Le Goff (2003) para nomear essas pessoas a quem era destinado o importante papel de re-elaboração e manutenção da memória do lugar.

⁵ Médico e psicólogo francês (1859-1947) que teve um papel relevante na psicologia e neurologia ao permitir a ligação entre a psicologia acadêmica e o tratamento clínico da doença mental. Desempenhou ainda vários cargos de destaque tendo sido professor de Psicologia na Sorbonne e na Universidade de França.

⁶ Poetas contadores e cantadores da África negra. (Zumthor, 2010, p.61)

Dessa forma, Paul Zumthor retorna ao medievo para estudar a importância da voz, fazendo-nos refletir sobre o seu papel nos dias atuais. O estudioso enfatiza que os poetas, os trovadores e as *canções de gesta*⁷ da Idade Média foram fundamentais para o legado que temos desse período. A oralidade foi o meio pelo qual a “sociedade medieval confiou a transmissão e publicação de sua poesia.” (ZUMTHOR, 1993, p.55)

Zumthor (1993) ressalta a importância da palavra falada enquanto instrumento de poder no contexto em que ela ordenava o mundo, em sua análise enfoca os séculos XV e XVI, onde as leis e ordens do estado eram divulgadas em praça pública por um interlocutor que, revestido pelo poder da palavra, também reinava. Nesse sentido os estudos da oralidade contribuíram significativamente para investigar as relações entre o poder e a palavra nessas sociedades. Nessa perspectiva, Zumthor enfatiza que “toda comunicação oral, como obra da voz, palavra assim proferida por quem detém o direito ou se lhe atribui, estabelece um ato de autoridade: ato único, nunca reiterável identicamente” (ZUMTHOR, 2010, p.31). Assim, ele afirma a importância e a efemeridade da palavra.

As narrativas orais são portadoras e transmissoras de experiências humanas, sai de dentro de um corpo que é vivo, que sente, que pensa. Ela tem muito daquele que a profere. Dessa forma, nos coloca em contato direto com a singularidade das existências. É uma expressão particular que reflete o estar no mundo e o modo de se relacionar com ele.

Na atualidade percebemos que houve uma tímida reaproximação com a narrativa oral, valorizando-a como transmissora de valores, cultura e conhecimento. Nesse sentido, acredito que as reflexões e pesquisas que enfocam a sua importância foram relevantes nesse processo, já que nos permite uma atitude reflexiva acerca do seu valor na vida humana.

1.1 – ESSA COISA, A VOZ

A voz, essa propriedade intrínseca ao ser humano, produzida por meio de órgãos específicos, nos acompanha desde o nascimento. Para Zumthor (2010) voz implica uma “incongruência entre o universo dos signos e as determinações pesadas da matéria”. Assim,

⁷ Canção de gesta é um longo poema épico narrativo medieval de origem francesa que celebra os feitos heróicos do passado. Surgiram entre os séculos XI e XII e exerceram grande influência na literatura medieval por toda Europa. Como indica o nome, as canções de gesta foram pensadas para serem cantadas com acompanhamento musical .

metaforicamente a define: “esta emanção de um fundo mal discernível de nossas memórias, esta ruptura das lógicas, esta saída dos trilhos do ser e da vida...” (ZUMTHOR, 2010, p 08).

A fala nos chega como seres humanos, da forma mais natural e informal possível, no momento em que a mãe estabelece os primeiros contatos com o filho ainda em seu ventre. Existem muitos estudos que confirmam que ainda no útero, quando o sistema auditivo se forma, já começamos a reconhecer as vozes que nos cercam, principalmente a voz materna.

De acordo com Zumthor (2010) essa é uma experiência bastante significativa para o recém-nascido, que vasculha o estranhamento do mundo por meio da audição logo após o nascimento. E dessa forma vamos percebendo o mundo que nos cerca, sentido que nos acompanha pela vida inteira.

Para discutir o fenômeno da voz humana, esse autor pesquisador viaja através da história, em diferentes países e culturas, inclusive no Brasil. Ele “escreveu mais do que ninguém para falar da voz e de sistemas e linguagens a ela conjugadas, legando-nos uma visada que nos faz passar pelas mediações, alcançar a força do corpo e dos sentidos, afirmação inequívoca e perene do humano”. (FERREIRA, 2007, p.145)

Nenhum outro estudioso mergulhou tão profundamente nesse campo como Zumthor, que se entregou à escuta de povos nativos por vários países do mundo, para extrair as percepções mais sensíveis a respeito da voz. O estudioso sai do “mundo oficial da cultura” e viaja no “submundo que irrompe nos interstícios.” (FERREIRA, 2007, p.143) Fascinado pela diversidade brasileira, “com o laboratório vivo de nossa cultura tão fortemente oralizada, com os textos de poetas populares, cuja atuação era possível seguir de perto, com a riqueza e a extensão de nossa literatura de cordel”. (FERREIRA, 2007, p.143)

Para ele a voz possui materialidade, eroticidade, movência e nomadismo, este faz com que uma mesma canção possa nos chegar de formas tão diversas, pois

a canção, ao longo da sua história, enriquece-se não somente (e talvez nem mesmo principalmente) com a renovação incessante de seu texto e sua melodia, mas com a força que emana da multiplicidade e da diversidade de todas essas gargantas, essas ocas que sucessivamente a assumem. (ZUMTHOR, 1993, p.53)

Nesse sentido as canções populares, as trovas, as lendas que nos chegaram através de manuscritos têm variantes significativas, característica de todo legado que temos hoje salvo por meio da oralidade. De boca em boca vão se modificando, como podemos observar nitidamente nas cantigas de roda, nos versos da marujada, onde alguns cantam: “*não me*

namore as moças, querequê, elas são casadas, corocô...” e outros: “*os home namora as moças querequê, elas são casadas, corocô...*”⁸

Segundo Zumthor uma ciência da voz, caso existisse, deveria abranger estudos da física e fisiologia, além da linguística, da antropologia, da história e da psicologia. Porque ela se liga profundamente ao homem, seu corpo, sua história, seu contexto, portanto, a todas essas ciências.

Em seus estudos o autor afirma ser a voz uma *coisa* que não se reduz à palavra oral, a esta ela se liga como uma qualidade simbólica. Já no que se refere ao tom, ao timbre, ao alcance e a altura, se apresentam como suas qualidades materiais. E acrescenta, “no melodrama europeu cabe ao tenor o papel do justo perseguido, à soprano a feminilidade idealizada e ao baixo, a sabedoria ou a loucura.” (ZUMTHOR, 2010, p.10)

Posso afirmar, ainda com base nos estudos desse teórico, que a voz ultrapassa a palavra.

As emoções mais intensas suscitam o som da voz, raramente a linguagem além ou aquém desta, murmúrio ou grito, imediatamente implantados nos dinamismos elementares. Grito natal, grito de crianças em seus jogos ou aquele provocado por uma perda irreparável, uma felicidade indizível, um grito de guerra que, em toda sua força, aspira a fazer-se canto: voz plena, negação de toda redundância, explosão do ser em direção à origem perdida – ao tempo da voz sem palavra. (ZUMTHOR, 2010, p.11)

Registro aqui que no meio rural é muito comum as pessoas gritarem, palavras incompreensíveis, onomatopeias, na hora do almoço ou do café, código que para os ‘iniciados’, é o sinal de que já é hora de comer. Muitos simplesmente gritam, talvez com o desejo de expandir-se para além do seu corpo, isso se relaciona com o desejo humano, por meio dessa força, extravasar, rasgar-se, quebrar os protocolos e deixar fluir ao som da voz a sua interioridade, suas dores, suas alegrias. O âmago do ser.

Por isso, ela informa sobre a pessoa, por meio do corpo que a produziu: mais do que por seu olhar, pela expressão do seu rosto, uma pessoa é traída "por sua voz". Melhor do que o olhar, a face, a voz se sexualiza, constitui (mais do que transmite) uma mensagem erótica. (ZUMTHOR, 2010, p.13)

⁸ Canto da Marujada do Divino Espírito Santo, do Mestre Tim de Montes Claros.

No ambiente contemporâneo existe uma infinidade de sons de toda natureza, são automóveis, motos, buzinas, TV, rádio, toque de telefone, máquinas diversas, que, de certa maneira, comprimiram a voz humana a pequenos espaços.

Além disso, há uma gama de recursos, que podem capturar a voz transferindo-a para fora do corpo. Esses meios eletrônicos, televisão, rádio, gravador, são para a voz como a escrita, pois, segundo Zumthor abolem a presença de quem fala, o tempo cronológico, e neles “a voz pode ser manipulada” (ZUMTHOR, 2007, p.14).

Paul Zumthor considera que essas novas possibilidades do uso da voz nos distanciam de elementos importantes da audiência direta em contato com o outro, como “as sonoridades significantes”, articuladas no momento da fala, “seu poder fisiológico, sua capacidade de produzir fonia e de organizar a substância”. (ZUMTHOR, 1993, p.21)

Ressalto que, recursos desta natureza são importantes ferramentas para a realização de estudos que visam a transcrição de depoimentos, entrevistas, narrativas, como este, pois possibilita ouvir e rever quantas vezes for necessário, permitindo fazer uma escrita detalhada das falas. Por esse motivo utilizei a filmadora durante a pesquisa de campo para registrar as narrações, o que contribuiu significativamente para a fidelidade no momento da transcrição dos textos narrados.

Na perspectiva de Zumthor, ao mesmo tempo que a difusão de diversos meios e o abandono de práticas tradicionais modificaram a nossa relação com a voz, há uma intensa busca pela sua restauração, pois nada se compara a esse contato direto, sem mediação, com a voz.

2.1 – RUÍDOS DOS NOVOS TEMPOS

Conforme já mencionei, hoje temos um aparato tecnológico que fornece um arsenal de meios e modos de comunicação, a presença do elemento humano já não é primordial para que a relação aconteça. São inúmeras formas, inclusive visuais, que nos cercam de informações por todos os lados, absorvendo nossos sentidos e afastando-nos do contato direto com o outro. Sobre esse aspecto, Mcluhan (2007) afirma:

Nossa nova tecnologia elétrica, que projeta sentidos e nervos num amplexo global, tem grandes implicações em relação ao futuro da linguagem. A tecnologia elétrica necessita tão pouco de palavras como o computador digital necessita de números. (MCLUHAN, 2007, p.98)

Essas novas formas de comunicação estão promovendo profundas modificações em todas as dimensões da vida. Se por um lado elas diminuem as distâncias, porque de onde estou posso falar com o outro em qualquer parte do mundo, por outro, ela aumenta a distância dos corpos, não permitindo que a energia que emana desses corpos seja dividida.

As transformações nos dias atuais acontecem com uma rapidez espantosa, a mesma com a qual as consumimos, vorazmente. Nesse sentido até o email já pode ser considerado ultrapassado, com tantas outras ferramentas que nos permite falar em tempo real, como o *skype*, o *messenger*, porque esperar a resposta de um *e-mail*?

Nessa rede tudo transita e tudo é transitório, as fronteiras foram rompidas, as informações textuais, sonoras e imagéticas de qualquer parte do globo terrestre estão ao alcance da nossa mão com um *click*. No entanto, como afirma Benjamin, nesse tipo de comunicação há transmissão de um grande número de informação e “a informação só tem valor no momento que é nova. Ela só vive esse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo precisa explicar-se nele” (BENJAMIN, 1994, p. 204).

Portanto, para esse autor “quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação”, (BENJAMIN, 1994, p. 203). Tudo corrobora para o afastamento dos homens e das mulheres das suas falas, afastando-os das suas histórias de vida e da possibilidade de repassar os seus saberes construídos a partir da relação com o outro e com o próprio mundo. A televisão, por exemplo, ocupa em muitos momentos o lugar no narrador no Morro Alto.

Por outro lado a narrativa, como o próprio Benjamin afirma, “(...) não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (BENJAMIN, 1994, p. 204). Uma história, mesmo quando se passa há centenas de anos atrás, pela voz do narrador mantém seu vigor, atravessa o tempo até chegar aos nossos ouvidos, renovando-se em um novo contexto e na interação com outros sujeitos.

Na perspectiva de Benjamin, o narrador retira o que conta do que ele vivencia e do que absorve no convívio social. No ato da narração essas experiências se misturam com as do ouvinte, surgindo daí o *sumo* da experiência, que na minha leitura é a sabedoria.

Com o ato de narrar, de reproduzir o acontecido, torna-se possível reviver e refazer certos fatos, de acordo com a experiência de vida do narrador, as leituras que faz do mundo e as expectativas do ouvinte. Experiência aqui vista na perspectiva de Bondía, como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa; não o que acontece; ou o que toca” (BONDÍA, 2002, p.21).

Bondía acrescenta que, muito diferente deste bombardeio de informação a que nos acostumamos receber todos os dias,

a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera. O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. (BONDÍA, 2002, p.23)

Benjamin (1994) previa que as narrativas orais estariam em “vias de extinção”. Já na visão de Luís Alberto de Abreu, hoje há um distanciamento dos narradores do imaginário coletivo e a diminuição das experiências comunicáveis por via oral, de comunicação presencial, o que tem promovido o fortalecimento cada vez mais do individual.

É interessante refletir, a partir das considerações de Benjamin, que, com o surgimento de outras possibilidades de comunicação, em muitos espaços, de fato o narrador e o ouvinte se afastaram. Assim houve uma transformação tanto da narrativa como do narrador – não há mais o limite territorial para a enunciação da palavra, por isso não é preciso estar diante do outro presencialmente.

Em seu texto, Luís Alberto de Abreu afirma que esse afastamento “está intimamente ligado à decadência do imaginário comum”. Ele enfatiza que:

ao perder contato com a praça, com as ruas, com a comunidade, enfim, o homem perdeu seu imaginário, abandona a fonte de sua cultura e diminui consideravelmente a quantidade e a qualidade das experiências que podem ser comunicadas. Seu repertório de imagens apreendidas no contato e conflito com outros homens reduz-se àquelas geradas apenas a partir de si próprio (os sentimentos) e advindas no contato e conflito com seu reduzido meio familiar e círculo social (moral). Os próprios sentimentos sem o sadio conflito com a complexidade do mundo real tendem a permanecer na superfície ou a se tornar idealizados. Ao abandonar as ruas o homem diminui substancialmente sua capacidade de aprender. O saber distancia-se do sentir. (ABREU, 2000, p.29)

Nesse sentido, a nossa comunicação com o outro sofreu uma grande transformação com o passar dos anos, com o avanço das tecnologias e com a urbanização crescente do país, a vida urbana impôs um novo comportamento ao homem. O ritmo acelerado dos novos dias somado à necessidade de otimizar o tempo com ações que tragam

“retorno”, não nos permite “jogar conversa fora”. Assim, fomos aos poucos nos distanciando da prática de narrar experiências.

Segundo Benjamin (1994), a narrativa oral está intimamente ligada ao trabalho artesanal, pois este permite, por seu ritmo e espaço, o encontro entre narrador e ouvinte. Ele acrescenta que a própria narrativa, em certo sentido, é uma forma artesanal de se comunicar, sendo necessário apenas o narrador e o ouvinte. Não se interessando em transmitir o ‘puro em si’, mas, como o produto feito a mão, com imperfeições e singularidades.

Nesta sociedade marcada por novos meios de produção, novos modos de se relacionar, em um ritmo totalmente acelerado, narrador e ouvinte se colocam na contramão do tempo: encontram-se num cotidiano fragmentado em que não há tempo disponível para o que é considerado ócio. Para promover o encontro entre narrador e ouvinte, seria preciso uma sociedade diferente desta, com outras relações, outros valores, outro ritmo de trabalho e de descanso.

Como observei anteriormente, as pessoas nos dias atuais estão expostas a um excesso de informações, mesmo que empobrecidas de experiências. Nesse sentido, Bondía provoca a seguinte reflexão:

a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. (BONDÍA, 2002, p.21 e 22)

O autor deixa claro que o saber, adquirido pela experiência é totalmente diferente de *saber coisas*, considerando que *saber coisas* está intimamente ligado à informação. Já o saber de experiência se encontra em outro patamar, sendo preciso, para chegar a esse saber a elaboração, a reflexão, o pensamento crítico. Ele acrescenta ainda que uma “sociedade constituída sob o signo da informação é uma sociedade na qual a experiência é impossível” (BONDÍA, 2002, p.22).

É interessante refletir a partir das considerações dos autores citados que, nesta sociedade contemporânea, o que é significativo são a operacionalidade e a instrumentalização para o trabalho, a velocidade e a quantidade de informações que o sujeito consegue assimilar. Porém, a informação é descartável, as de hoje serão velhas amanhã. Desta forma, ocupa-se a

mente quantitativamente, alimentando a ilusão de que informação é sinônimo de conhecimento.

Criou-se no homem contemporâneo a necessidade de adquirir novas informações para não *ficar por fora*. Os *media* ficam encarregados de suprir essa demanda, enquanto nós vamos sendo submetidos a um excesso de textos/palavras banais, sem tempo para processá-los e extrair delas algum significado.

Essa transformação da forma de comunicar e, conseqüentemente da forma de relacionar não se deu de um dia para o outro, mas vem se processando ao longo da história. Nos fins do século XV e início do século XVI, há, segundo Zumthor, um afastamento da oralidade, assim, “o homem se afasta de si mesmo, do próprio corpo”, cresce “sua desconfiança, até sua vergonha dos contatos diretos, dos espetáculos não preparados, das manipulações à mão nua”. Nesse contexto, o uso da voz sofreu “o mesmo tipo de atenuação que os modos à mesa e o discurso sobre sexo” (ZUMTHOR, 1993, p.28).

Em seu livro “A letra e a voz”, Zumthor afirma que, a partir da difusão da escrita

a teatralidade generalizada da vida pública começa a enfraquecer e o espaço se privatiza. Os registros sensoriais, visuais e táteis distinguem-se, separam-se: primeiro entre os letrados, depois em toda parte, à proporção que se afastam umas das outras as artes e as ciências. (ZUMTHOR, 1993, p.29)

Ele ressalta que a divisão do trabalho e a especialização das tarefas também agem contra a “plenitude e onipresença da voz”, a oralidade isola-se nas zonas periféricas de nossas “culturas populares”. Observo isso em nossos dias, apesar de termos uma cultura fortemente oral, os lugares onde as narrativas orais ainda são a forma de “intercambiar experiências” com força e vigor são os meios menos letrados. Nestes, as tradições orais permanecem vivas através das narrativas, e as pessoas ainda contam e recontam suas histórias de vida, do imaginário coletivo, do lugar onde se encontram.

Não quero aqui colocar oralidade e escrita em patamares diferentes ou dizer da superioridade de uma em detrimento de outra pois ambas são imprescindíveis, cada uma com o seu papel e o seu contexto de uso. Proponho neste estudo refletir sobre o lugar ocupado pela oralidade, o que passa por essa via e onde se situa, no âmbito da oralidade, os sujeitos aqui pesquisados. Nessa perspectiva, Zumthor ressalta que

para além das transformações culturais a sociedade precisa da voz dos seus contadores, independentemente das situações concretas que vive. Mais ainda; no incessante discurso que faz de si mesma, a sociedade precisa de

todas as vozes portadoras de mensagens arrancadas à erosão do utilitário: do canto, tanto quanto da narrativa. (ZUMTHOR, 2010, p.56)

Observo que, nas comunidades rurais, mais especificamente na comunidade aqui enfocada: Morro Alto, localizada no município de Bocaiúva-MG, a oralidade é uma prática do cotidiano, os modos de fazer e viver do lugar contribuem para o seu uso no dia a dia. Nesse contexto, as crenças, as histórias de vida, as lendas são repassadas de pai para filho. Dessa forma,

nas sociedades em que as tradições orais conservaram algo do vigor antigo, testemunhos múltiplos atestam a extrema plasticidade das formas épicas herdadas, sua resistência à hostilidade do meio letrado, sua capacidade de absorver motivos novos, de colar ao vivido sem se alterar profundamente – como os heróis elas cantam! – de não morrer sem lutas demoradas. (ZUMTHOR, 2010, p. 135)

Vale lembrar que, com a chegada da luz elétrica, da TV e do DVD, no Morro Alto, houve uma mudança no comportamento dos moradores da comunidade no que se refere à prática aqui explicitada. Nesse sentido, principalmente a televisão substitui o narrador, em muitos momentos do dia. Ainda assim as experiências continuam sendo partilhadas por meio da oralidade.

Quero ressaltar a importância desta via de comunicação enquanto manifestação dinâmica e espontânea da vida, que tece fios e liga os homens e suas subjetividades, e refletir o quanto perdemos quando nos afastamos dessa via de comunicação “tão necessária à manutenção do laço social, sustentando e nutrindo o imaginário, divulgando e confirmando os mitos” (ZUMTHOR, 1993, p. 67).

Os estudos de Paul Zumthor, oferecem condições para desenvolver uma audição atenta do que nos é apresentado pela voz cotidianamente, seja de uma história narrada ao vivo, das canções midiáticas ou da voz ao telefone, mesmo considerando que todos os meios que se apresentam na atualidade promovem a “... pobreza de escuta e excessos de elementos sonoros”. Em seus argumentos ele define como elementos que caracterizam a cultura contemporânea: “o transitório, o inacabado e o movimento”.

O autor enfatiza que a “invenção das máquinas de gravar e reproduzir restituiu à voz uma autoridade perdida na cultura letrada. O microfone, por exemplo, aumentou o espaço vocal e reduziu as distâncias auditivas” (ZUMTHOR, 2010, p. 249). O que também contribuiu para o afastamento de quem fala e de quem ouve, já que mesmo estando longe a mensagem será audível.

Se por um lado Zumthor reconhece a importância desses elementos na revalorização do uso da voz, por outro, ele afirma que os mesmos interferiram nas condições de produção e recepção já que “uma poesia oral midiaticizada perde algo de si, a percepção visual, a proximidade do gesto, a sensualidade da presença” (ZUMTHOR, 2010, p. 250).

Dessa forma, a voz é abstraída pelos recursos tecnológicos perdendo o calor, o peso e o volume real do corpo, do qual é uma expansão, “trata-se de uma vocalidade desencarnada, uma alienação particular tanto para o locutor como para o ouvinte” (ZUMTHOR, 2000, p.17).

Acrescento ainda que o uso da voz midiaticizada, em alguns casos a uniformiza. Assim são as gravações feitas para informações em aeroportos, em rodoviárias, em *telemarketing*. Já se construíram modelos para finalidades específicas e quando as ouvimos, o que nos parece é que, em todos os casos, é uma mesma pessoa que fala pois há uma padronização da voz.

Não tenho a intenção de negar os avanços da técnica ou sugerir que retornemos ao poético passado rústico. A questão aqui apresentada é o fato de que, como seres humanos, com inúmeras facetas afetivas, subjetivas, vamos seguindo sem dar conta disso, de forma desenfreada, incorporamos os recursos tecnológicos de forma indiscriminada e sem critério.

Ao passo que a sociedade avança em alguns aspectos, perde em outros. Parece difícil conciliar o avanço da técnica e ao mesmo tempo manter os laços que liga o homem ao outro, às suas tradições e aos seus antepassados. Nesse sentido a sabedoria *dos mais velhos* não pode ser descartada como algo ultrapassado, ela está presente no modo de arrumar uma cama, de preparar um alimento, de executar um trabalho. Além disso, “o narrador é um mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira”. (BOSI, 1994, p.90)

2.3. GUARDIÕES DA MEMÓRIA

No meio rural, os vizinhos se conhecem e se comunicam cotidianamente, estão acostumados à troca, a cumprimentarem-se com aperto de mão, os mais novos pedem a bênção aos mais velhos. Nesse contexto, ainda se preserva o momento de ouvir as narrações dos mais velhos.

No Morro Alto, são muitos os momentos de encontro: ocorre durante as capinas das plantações, quando fazem farinha na “meia”, nos dias de culto na igreja, na festa de São

Sebastião, padroeiro do lugar. Em todas essas oportunidades de estarem juntos, os moradores narram suas histórias, de conteúdos diversos.

Enquanto contam suas histórias de vida e dos personagens que as povoam, os moradores tecem uma rede de memória, revelando eventos e imagens em que se misturam realidade e ficção, com versões pessoais dos fatos, enfatizando suas participações e em muitos casos, enaltecendo suas atuações com doses de fantasia. Assim as histórias e as vidas dessas pessoas readquirem força e se ressignificam.

O ato de narrar está diretamente ligado à memória “como propriedade de conservar certas informações” (LE GOFF, 2003, p. 409). Tradicionalmente passadas de geração para geração, as histórias orais, à medida que são contadas, não caem no esquecimento, ganham novos sentidos no processo de interação entre quem conta e quem ouve.

Segundo Le Goff (2003), na Grécia antiga, a memória foi divinizada como uma deusa: *Mnemosine*. E foi a deusa que revelou ao poeta os segredos do passado e o introduziu nos mistérios do além, concedendo-lhe o poder de atravessar o tempo. Ao longo da história a memória sempre foi tida como uma importante faculdade humana, como na Idade Média em que se “venerava os velhos, sobretudo porque via neles homens-memória, prestigiosos e úteis”. (LE GOFF, 2003, p. 444)

No diálogo entre narrador e ouvinte liga-se o fio condutor entre o passado e o presente, fazendo passar por ele fatos, causos e vivências de outras épocas. Para Benjamin (1994), é justamente quando os conteúdos dessas narrativas vêm à tona, trazendo as imagens do passado, que levará a pessoa a se debruçar sobre as situações vividas e a *chocar os ovos da experiência*, fazendo nascer deles o pensamento crítico.

Nos meios onde predomina a oralidade, a memória exerce o importante papel de armazenar e transmitir experiências. A partir do momento em que o que é ouvido é processado ou *chocado*, como sugere Benjamin, o sujeito conseguirá extrair daí o que é significativo para ele e para o seu grupo social.

Ecléa Bosi afirma que “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações” (BOSI, 1994, p. 47). O que é lembrado passa então, por um processo de seleção a partir do hoje. Dessa forma o que é considerado importante para quem conta é mantido vivo e evidenciado, e o que não é significativo cai no esquecimento e é varrido da lembrança, levando-se em conta o narrador, o ouvinte e o contexto no qual se inserem.

Segundo Le Goff (2003)

a memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 2003, p. 419)

Isso possibilita não apenas fazer uma conexão com o passado, mas também refletir sobre ele e atualizá-lo. Bosi (1994) acrescenta que a memória é sempre coletiva, pois é o grupo social que fornece os dados no processo de reconstrução do passado. Assim é nas narrativas orais da comunidade, em que muitos contadores sabem de uma mesma história e acrescentam novos dados a narração iniciada por outro.

No contato com o narrador, observo que a lembrança o conduz de certa maneira a outro tempo. Os fatos, os personagens que povoam as narrativas são trazidos para bem próximo. Assim também o vigor da voz, o brilho dos olhos e a tenacidade do corpo vêm à tona. Como revela o livro de Ecléa Bosi, na voz de um de seus entrevistados: “*Veja, hoje a minha voz está mais forte que ontem, já não me canso a todo instante. Parece que estou rejuvenescendo enquanto recordo*” (ARIOSTO in BOSI, 1994, p. 39).

Nesse caso, como nos que presenciei no trabalho de campo, observo que ao narrar suas histórias, o narrador parece de fato rejuvenescer. É nítida a transformação que ocorre na postura, na voz e no entusiasmo que é evidenciado pela voz e pelo corpo. Observo que todos, sem exceção revigoram suas forças ao contarem suas histórias de vida. *Seo* João, por exemplo, que aos seus 86 anos, já se encontra aparentemente cansado, nos momentos em que conta, gesticula, grita, gargalha, imita a voz dos personagens; parece outra pessoa. Dona Maria, que quando chegamos em sua casa, a encontramos deitada no sofá da sala, queixosa do seu estado de saúde, aos poucos se entrega às histórias, sorri, cantarola. Assim também ocorreu com os outros visitados.

O fato é que os narradores se transformam enquanto narram, não apenas por voltarem a um passado de juventude, em que seus corpos não tinham os limites que a idade hoje impõe, mas ainda porque ao dividirem conosco suas histórias elas se tornam significativas não apenas para eles, mas também para outros. Assim as suas vidas ganham novo significado: esses sujeitos, antes anônimos, velhos e, como falam em alguns momentos, já no fim da vida, tornam-se protagonistas e um novo sentido lhes é atribuído.

Segundo Le Goff, nas sociedades ágrafas, onde há especialistas em narração, ao contrário do que se crê, “os homens-memória, na ocorrência narradores, não desempenham o

mesmo papel dos mestres-escolas, (...) não desenvolve em torno deles uma aprendizagem mecânica automática” (LE GOFF, 2003, p.425).

O ato de narrar, de maneira geral traz esse elemento que considero importante ressaltar, que é a forma espontânea e livre com que o narrador lida com o fato que conta. “Assim, enquanto a reprodução mnemônica palavra por palavra, estaria ligada à escrita, as sociedades sem escrita (...) atribuem à memória mais liberdade e mais possibilidades criativas” (LE GOFF, 1994, p.430). A narrativa oral possibilita ao narrador experimentar um processo de criação e liberdade, dando vazão ao seu potencial inventivo. Alguns bem mais que outros.

Nesse sentido, confirmo a veracidade do dito popular “*quem conta um conto, aumenta um ponto*”, pois há nas histórias populares uma dinâmica que permite a sua modificação em cada boca. O narrador é, de certa maneira, o criador da história que narra e uma mesma história pode ter muitas versões, mantendo apenas a sua essência. Sem o registro escrito, não é possível observar as alterações que ocorrem numa mesma história, em muitas há mudanças significativas. Porém, se por um lado elas se modificam, por outro elas se renovam em cada boca.

Há no contexto das narrativas orais um certo descompromisso com a verdade, porque muitos narram aquilo que lhes convém e, não raras vezes, modificam, acrescentam e criam as histórias. Por isso mesmo, não cabe aqui interpretá-las sob a ótica de um historiador, mas observá-las como essa rede que liga o individual ao coletivo e ao mesmo tempo investigar os recursos utilizadas pelo narrador em sua performance.

Como trato neste estudo da oralidade e da memória de pessoas idosas, recorro-me a Ecléa Bosi para afirmar que

há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade. Neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto uma função própria: a de lembrar. A de ser memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. (BOSI, 1994, p. 63)

Em algumas sociedades os idosos são respeitados por essa função. São eles que nos permitem fazer a costura que ata o presente da narração ao passado que viveram, ao que ouviram e viram. Eles assumem, dessa forma, a representação de si, dos outros e do lugar onde vivem. Os longos anos vividos lhes conferem autoridade para narrar, para serem portavozes de um imaginário coletivo.

É na velhice que “o saber e a sabedoria do homem e sobretudo de sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível” (BENJAMIN, 1994, p. 207). Apesar disso, segundo o próprio Benjamin, os “burgueses” querem afastar a morte, depositando a velhice em sanatórios e hospitais. Realidade que só se agravou com o passar dos anos, chegando à atualidade com o quadro crítico de abandono e agressões físicas ao idoso, como podemos ver nos noticiários.

Na maioria das vezes o idoso na contemporaneidade é lançado ao isolamento, tornando-se um fardo para sua família. Numa sociedade que teme envelhecer, o velho não será mesmo uma referência. Suas histórias e seus valores são considerados obsoletos, ultrapassados. Nesse sentido, Marilena Chauí enfatiza “toda a sabedoria adquirida através de anos de experiência é ignorada e massacrada, e o velho é condenado a uma senilidade prematura” (CHAUÍ *apud* BOSI, 1994, p. 17).

Não quero aqui reverenciar o idoso nem sacralizar suas histórias. Muito menos dizer que devemos viver presos às experiências do passado, já que muita coisa mudou com o avanço da ciência e da informação, o que possibilitou novas formas e novos meios de comunicar. Pretendo apenas enfatizar a importância de intercambiar experiências e refletir sobre a condição do idoso e o significado para ele, do ato de narrar suas memórias.

Ressalto que tanto é significativo para quem conta como para quem ouve uma história, um conto, um *causo*. Nesse exercício da escuta os sujeitos envolvidos ampliam seu repertório de imagens, de experiências comunicáveis e podem fazer importantes conexões entre os tempos. A figura do narrador é muito importante para o grupo social do qual faz parte. Não obstante

[...] o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia). (BENJAMIN, 1994, p.221)

Acrescento ainda que ouvir histórias também suscita no ouvinte novas ideias e inspirações, podendo conduzir a descobertas não imaginadas. Contribuem também para que possamos desenvolver uma atitude mais consciente e questionadora em relação a este grupo pesquisado, além de colaborar substancialmente para a (re)descoberta da cultura de sociedades antigas, algumas já extintas. Nesse sentido, representam um rico acervo não só para os estudos da oralidade, mas para diversos campos.

Da mesma forma, quando os conteúdos transmitidos por meio das narrativas não fizerem mais sentido para a coletividade, há o que Bosi nomeia como *espoliação das lembranças* (Bosi, 1994), sendo necessária uma permanente retroalimentação das lembranças. É nesse processo que, segundo a autora, a memória ganha consistência.

Falar sobre histórias e seus contadores é como falar da própria vida, em sua dinâmica do ir e vir, do nascimento à morte. As histórias trazem em seus conteúdos as experiências de quem as viveu e, que ao refletir sobre elas, temos a possibilidade de uma ressignificação dos seus saberes e fazeres e da nossa própria existência em relação a alteridade, com o outro ali colocado.

Na velhice encontram-se os narradores, sujeitos deste estudo, com seus respectivos saberes, considerados por muitos como rústicos ou até primitivos. Nascidos e criados na zona rural e acostumados a lavrar a terra, aos longos períodos de seca e às poucas águas. Hoje, aposentados, (...) “se ocupando consciente e do próprio passado, da substância mesma da sua vida” (BOSI, 1994, p.60).

Por meio deles, dialogamos com o passado que é parcial, visto que passa pelo crivo da pessoa que narra. Dessa forma, expõem o que viveram, o que assimilaram do mundo e ainda o que, segundo seus critérios, selecionaram para narrar. Enfatizo que o conteúdo narrado só tem sentido e permanecerá vivo se fizer conexão com o presente. Assim valorizamos os que vieram antes de nós e experimentaram de um mundo que só conhecemos nas histórias que nos permitimos ouvir.

Hoje, poucos são os momentos em que as pessoas se reúnem para ouvir uma história, como num ritual, que para Geertz (1989)

é uma espécie de cerimonial – ainda que essa forma nada mais seja que a recitação de um mito, a consulta a um oráculo ou a decoração de um túmulo – que as disposições e motivações induzidas pelos símbolos sagrados nos homens e as concepções gerais da ordem da existência que eles reformulam para que os homens se encontrem e se reforçam umas as outras. (GEERTZ, 1989, p. 82)

Nesse contexto os idosos são fundamentais, não apenas por serem *entes queridos*, mas por representarem esse vínculo com o passado, essa mágica de reconduzi-lo ao presente.

Vale ressaltar que aqui a vez e a voz são dos idosos que, apesar do pouco caso a que muitos são submetidos, como já mencionei, em alguns grupos os velhos ocupam postos de destaque como afirma Gomes e Pereira (2002): “em comunidades rurais de Minas esse processo ainda vigora através de uma aliança entre velhos, jovens e a coletividade que se

identificam no presente estimulados por uma relação com o passado” (GOMES; PEREIRA, 2002, p. 228). Nesses contextos a valorização da memória possibilita aos velhos lugar de prestígio na comunidade, sendo considerado uma espécie de memória viva do seu grupo. Essa é uma realidade nos grupos de cultura popular, como os congados, as folias de reis. Nestes são os idosos que ocupam os postos de mestres, detentores do poder e respeitados por isso.

Ressalto que os sujeitos desse trabalho fazem parte de uma camada social que, infelizmente, encontra-se no anonimato, à margem da sociedade, por serem idosos e moradores da zona rural. São eles que generosamente, dão voz e pujança a este estudo.

Ao dividirem as suas histórias partilham os seus silêncios, as suas impressões, as suas formas de ver o mundo. Nas mãos marcadas pelo tempo e pelo trabalho, fazem gestos que sustentam a narrativa e são expressões singulares de cada um.

1.4 - A NARRATIVA COMO PERFORMANCE

Segundo Lopes (2003), o termo performance é de origem inglesa: quer dizer atuação, desempenho e está sempre associado a um público. Em sentido restrito, refere-se à atuação. Originalmente surgiu no esporte, depois migrou para as artes, daí para a vida cotidiana. Assim, estudos mais recentes nos permite um novo olhar sobre o uso de linguagens corporais, técnicas retóricas, expressões faciais no momento único em que a interação se realiza, como performance, identificada nesse caso como um comportamento expressivo. Nessa perspectiva, proponho analisar a performance dos contadores aqui descritos.

Lopes afirma que a performance, mesmo no campo das artes visuais, só se dá na interação. Assim,

nas artes plásticas contemporâneas, instalação é considerada performática no sentido de que o gesto artístico só se consubstancia pela experiência de uma pessoa que adentra o espaço e o traz à vida. Torna-se portanto expressivo com sua presença na obra, com sua vivência da obra. (LOPES, 2003, p.6)

O autor acrescenta que os artistas buscam na performance, superar a dicotomia entre arte-vida, porque ela se inspira nas situações do cotidiano. Assim, a performance não é mera representação da vida, mas apresentação da vida em si.

Para Schechner, “tratar o objeto, obra ou produto como performance significa investigar o que esta coisa faz, como interage com outros objetos e seres, e como se relaciona com outros objetos e seres” (SCHECHNER, 2003, p.25).

De acordo com o autor,

performances afirmam identidades, curvam o tempo, remodelam corpos, contam histórias. Performances artísticas, rituais ou cotidianas – são todas feitas de comportamentos duplamente exercidos, comportamentos restaurados, ações performadas que as pessoas treinam para desempenhar (...). (SCHECHNER, 2003, p.27)

Nesse sentido Schechner afirma que a vida cotidiana é treinamento e que passamos um longo período da nossa existência treinando para um bom desempenho, uma boa performance na vida adulta. Assim sendo, “toda gama de experiências, compreendidas pelo desenvolvimento individual da pessoa humana, pode ser estudado como performance” (SCHECHNER, 2003, p.27).

Por comportamento restaurado, na concepção desse autor entende-se todo comportamento que consiste em “recombinações de pedaços de comportamentos previamente exercidos” (p.34). Assim, ele afirma que

os hábitos, rituais e rotinas da vida são comportamentos restaurados. Comportamentos restaurados são comportamentos vivos tratados como um cineasta trata um pedaço de filme. Esses pedaços de comportamentos podem ser rearranjados ou reconstruídos; eles são independentes do sistema causal (pessoal, social, político, tecnológico (...)) que os levou a existir. Eles têm uma vida própria (...) Comportamentos restaurados podem ser longevos e estáveis como os rituais, ou efêmeros como um gesto de adeus. (...) Comportamento restaurado é o processo chave de todo tipo de performance, no dia-a-dia, nas curas xamânicas, nas brincadeiras e nas artes. (SCHECHNER, 2003, p.33)

Acrescenta ainda que o comportamento restaurado “é simbólico e reflexivo”, sendo que seus significados podem ser lidos por quem conhece “as regras do jogo”. As fontes desses comportamentos podem ser “esotéricas, ocultas, exclusivas para os iniciados”. E acrescenta: “tornar-se consciente um comportamento restaurado é conhecer o processo pelo qual processos sociais em todas as suas formas, são transformados em teatro, fora do sentido limitado da encenação de dramas sobre um palco” (p.35).

Os estudos sobre performance surgiram entre 1960 e 1970. No Brasil alguns teóricos da antropologia e das artes enveredaram em investigar a performance em diversos contextos. Dentre os estudiosos brasileiros destaco Luciana Hartmann (2005), que estuda narrativas orais da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai como performance, utilizando conceitos desenvolvidos por Bauman, Turner e Schechner. Para a sua análise a estudiosa leva

em conta o contexto, a poética do texto, maneirismos e peculiaridades expressos pelos narradores durante a narração. Ela ressalta que:

é importante não perder de vista o fato de que esta forma de expressão faz uso da *linguagem poética*, de que o *corpo* é o veículo que *dá forma* ao que se quer comunicar e de que *todo ato de performance é reflexivo*, cria uma experiência ao mesmo tempo em que reflete sobre ela. (HARTMANN, 2005, p.135)

Assim, o ato performático reflete também como uma expressão particular de estar no mundo e se relacionar com ele.

Hartmann enfatiza o ato de narrar como performático, pois, como disse anteriormente, ele propicia o encontro presencial entre narrador e ouvinte. No momento único em que a narrativa acontece.

Ao contrário do que ocorre nas narrativas escritas, nas performances narrativas o tempo e o espaço do contador encontram-se com o tempo e o espaço da audiência, propiciando uma interação, um diálogo e uma troca de experiências que estão neste “aqui e agora”. (HARTMANN, 2005, p.126)

Paul Zumthor também estuda a performance dentro dessa perspectiva, como um ato de comunicação presente e única. Dando um enfoque maior à enunciação da voz, o autor considera a poesia para além do texto narrado, importando o contexto de sua produção e existência: a ação do corpo, do gesto, dos meios, recursos que cada contador utiliza diferentemente. Nesse sentido, o ato de narrar se difere não apenas entre um contador e outro, mas também a forma como a audiência reage à nova "atuação" vai modificando-se, cada um, à sua maneira provoca diferentemente o ouvinte.

Em sua teoria, Zumthor define a performance como ação complexa e única que envolve emissão e recepção simultânea da mensagem poética, onde “locutor, destinatário e circunstâncias estão juntos, confrontados, concretizando ao máximo a função fática da linguagem no jogo de aproximação, abordagem, apelo e provocação” (Zumthor, 2010, p.33), e enfatiza que a performance é o único modo vivo de comunicação poética.

Além disso, ele ressalta outros pontos relevantes da narrativa como performance, como um ato de comunicação presente, imediato, capaz de modificar o conhecimento e reforçar o poder do corpo como a “rede de sensualidades complexas que fazem de nós, no universo, seres diferentes dos outros”. (ZUMTHOR, 2000, 46)

Dessa forma, para Zumthor

a performance propõe um texto que, durante o período em que existe, não pode comportar nem arranhões nem arrependimentos: mesmo que tivesse sido precedido por um longo trabalho escrito, ele não teria, na condição de texto oral, rascunho. (ZUMTHOR, 2010, p. 139)

Isso, no entanto, exige do performer uma eloquência particular, pois o “ouvinte segue o fio, nenhum retorno é possível: a mensagem deve atingir seu objetivo (seja qual for o efeito desejado) de imediato”. (ZUMTHOR, 2010, p.139)

Em seu livro “Performance, recepção e leitura”, Zumthor afirma que o corpo, sob a forma de intervenção vocal, explícita ou interiorizada, é decisivo nessa ação de produzir sentido; dessa forma, pensa-se com o corpo, é ele que dá a medida do mundo, é o seu referente.

Assim, a voz que o corpo enuncia,

constitui um acontecimento sonoro, do mesmo modo que todo movimento corporal é do mundo visual e tátil, entretanto, ela escapa, de algum modo, da plena captação sensorial: no mundo da matéria, apresenta uma espécie de misteriosa incongruência. (ZUMTHOR, 2010, p.14)

O texto narrado deve ser observado não apenas em relação ao que está sendo dito, mas também nas formas da maneira de dizer, pois estas permitem uma leitura do que não está expresso nas palavras, mas no que o corpo, as pausas, a respiração, os gestos estão dizendo.

No ato da narração oral, se estabelece a relação viva entre narrador e ouvinte, sendo necessário que um se silencie para a voz do outro. “O emprego da dupla dizer/ouvir tem por função manifesta promover (mesmo que ficticiamente) o texto ao estatuto do falante e de designar sua comunicação como uma situação de discurso *in praesentia*” (ZUMTHOR, 1993, p.29). A concepção do “texto em presença” e da força energética e teatralizante da poética da voz, Zumthor assume como *performance*.

Quando me refiro à voz, falo em corpo, timbres, pausas, entonações, respirações, musicalidade, ritmo, dialetos, expressões, movimentos, pulsações e gestos, já que no contexto em questão é impossível separá-los. Todos esses elementos devem ser considerados como fundamentais para este estudo, permitindo um mergulho mais profundo no universo da narrativa, retirando daí todas as informações implícitas e explícitas no ato de narrar.

Dentro dessa perspectiva, observo neste estudo as narrativas orais como performance, que permite interação face a face entre narradores e ouvintes, estes se encontram

em um mesmo espaço físico e no mesmo tempo. Visto que o evento narrativo pode ser analisado como um *comportamento restaurado*, na concepção de Schechner “marcados, emoldurados, acentuados, separados do simples viver”.

Acrescento ainda que a narração possibilita o acesso imediato à reação do ouvinte e permite ao narrador dar uma nova direção ao texto, improvisar, levando em conta a sua competência e empenho.

Nas narrativas orais, os espaços, os símbolos e todos os demais aspectos (corpo, voz, postura, pausas, habilidade de narrar) compõem essa performance do contador. É necessário considerar todos os elementos que envolvem o ato da narração, levando em conta o corpo que narra e sua história, o contexto e a audiência. A performance pela sua abrangência e subjetividade requer um olhar horizontal do pesquisador para ter uma dimensão mais completa do fenômeno.

Nesse sentido, Schechner (2003) ressalta que é preciso ter cuidado para não generalizar, as performances se diferem umas das outras, tanto no gênero quanto nas circunstâncias histórico/culturais e nas escolhas pessoais de cada *performer*.

Para além das histórias narradas, o narrador não conta simplesmente o fato, ele põe de si, na fala, as experiências de vida são reveladas, por meio da voz, da postura, do corpo. Como afirma Benjamin, “(...) se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1994, p. 205). Cada contador tem seu modo particular de narrar. Não só o evento narrado é história, o corpo do narrador também traz as marcas da sua história de vida, marcas que se manifestam durante o evento narrativo. No momento da partilha elas são evidenciadas.

Tendo em vista que a performance pode abarcar estudos que visam compreender as outras dimensões da teatralidade humana, ocupando-se em observar o comportamento humano ‘restaurado’, termo forjado por Schechner, ela nos possibilita olhar a atuação dos contadores, seus talentos e competências para apresentarem as histórias, e nelas seus valores, gostos, significados e escolhas. Mais do que simples falas ou ações do cotidiano, o evento narrativo apoia-se na ideia de performance pontuada por este estudioso, refletindo de que maneira essa ação expressa a forma particular de cada narrador estar no mundo enquanto sujeito autônomo, mas dentro de um contexto que é social.

A performance nos possibilita o intercâmbio e o diálogo com diversas áreas. Esse trânsito permite que, dentro de um trabalho de artes cênicas, eu possa realizar uma pesquisa que por sua localização, não apenas geográfica, é significativa para mim e, por sua abordagem, leva a estudos da antropologia, da geografia, das ciências sociais, da psicologia e

sobretudo, das artes. Nesse sentido, Hartmann considera que “a performance torna-se, portanto, não apenas mais um objeto de pesquisa, mas “o” objeto de pesquisa privilegiado para dar conta do universo multifacetado, fragmentado, processual e dialógico da cultura” (HARTMANN, 2005, p.135).

Entretanto, como o conceito de performance abarca conotações diferenciadas como enfatiza Hartmann em sua pesquisa, aqui irei utilizá-lo dentro da perspectiva de performance como desempenho, que “pressupõe o envolvimento integral do contador no ato de narrar, seu desempenho vocal e corporal...” (HARTMANN, 2005, p.135)

Outro fator relevante é que, nas narrativas orais o contexto espacial e todos os detalhes que formam o contexto não-verbal complementam e sustentam o verbal. O lugar integra e corrobora com a performance, não sendo possível analisá-la sem considerar ‘cenário’⁹ como parte integrante da ação.

Mesmo inseridos em um grupo social que em alguns aspectos tem características que se assemelham às demais comunidades rurais espalhadas pelo país, Morro Alto tem especificidades que lhes são próprias, seja nos modos de produção, seja nas crenças e no lazer. Em muitos casos, um grupo de pessoas que formam a comunidade tem histórias que são comuns à maioria, o que lhes dão sentimento de pertencimento.

A forma de narrar uma mesma história se difere em cada boca, não apenas o enredo se modifica, as vozes são muitas, uma verdadeira polifonia, como na música em que diversas melodias independentes se encontram num mesmo tom. Ressalto ainda que inseridos num mesmo contexto, partilhando vidas e histórias parecidas, as experiências também são únicas. Utilizando-me das palavras de Zumthor, enfatizo que

o texto de performance livre, sem ter abertura da poesia escrita, interpretável ao infinito, varia constantemente no nível conotativo, a tal ponto que ele não é jamais duas vezes o mesmo: sua superfície é comparável à de um lago sob o vento”. (ZUMTHOR, 2010, p. 166)

Sobre a unicidade do contador e o discurso poético, Zumthor nos convida à seguinte reflexão:

[...] o poético (diferente de outros discursos) tem de profundo, fundamental necessidade, para ser percebido em sua qualidade e para gerar seus efeitos,

⁹ Utilizo o termo cenário por fazer uma análise dentro de uma perspectiva cênica, termo que segundo Pavis “é aquilo que, no palco figura o quadro ou moldura da ação através de meios pictóricos, plásticos e arquitetônicos etc”. (PAVIS, 1999, p.42)

da presença ativa de um corpo: de um sujeito em sua plenitude psicofisiológica particular, sua maneira própria de existir no espaço e no tempo e que ouve, vê, respira, abre-se aos perfumes, ao tato das coisas. Que um texto seja reconhecido por poético (literário) ou não, depende do sentimento que nosso corpo tem. Necessidade para produzir seus efeitos; isto é, para nos dar prazer. (ZUMTHOR, 2000, p. 41)

Dessa forma, o texto torna-se poético pelo corpo de quem o profere. É no corpo que o texto se “singulariza e concretiza as virtualidades de cada obra poética.” (idem, p.46). Tudo pode ser transformado pela voz que emana desse corpo, sendo assim acredito que nesse limiar se encontra a arte.

Para Zumthor “a performance e o conhecimento daquilo que se transmite estão ligados. A performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando ela o marca” (ZUMTHOR, 2007, p. 32). Sendo ela um fenômeno que se dá por meio de um corpo, que é vivo, pulsante, o conhecimento que passa por essa via bebe desse corpo.

Segundo Hartmann,

a forma de narrar, envolve tanto a colocação de palavras em estruturas inteligíveis de significado quanto a organização de uma série de códigos e dispositivos culturais que permitem que a narrativa seja compreendida. Estes últimos serão mais ricos e informarão mais a respeito da cultura em questão à medida que estiverem sendo observados num “evento” onde os significados são negociados e atualizados no ato mesmo de sua produção. (HARTMANN, 2005, p.126)

No momento único da performance há uma interação, uma troca de experiência entre o narrador e o ouvinte. Acredito que, quanto maior conhecimento dos ‘códigos’ utilizados pelo *performer* por parte do ouvinte, melhor será a compreensão da performance.

Nesse sentido, apresento no próximo capítulo a comunidade onde vivem os narradores deste estudo, seus hábitos, costumes e valores.

II CAPÍTULO: O MORRO ALTO - DOS GALHOS ÀS RAÍZES

*O mundo meu é pequeno, Senhor.
Tem um rio e um pouco de árvores.
Nossa casa foi feita de costas para o rio.*

*Formigas recortam roseiras da avó.
Nos fundos do quintal há um menino e suas latas maravilhosas.
Todas as coisas deste lugar já estão comprometidas com aves.*
(...)

Manoel de Barros – “O Livro das Ignoranças”

Saindo de Bocaiúva pela BR 135, rumo a Montes Claros, a 3 km da cidade você encontrará uma estrada de terra à esquerda que dá acesso ao Morro Alto. Para chegar é necessário percorrer 15 km dessa estrada. O cenário da comunidade é bucólico, onde não se vê muito movimento, a não ser nos dias de festa, leilões ou missas na igreja de São Sebastião. A descrição de Brandão cabe perfeitamente ao lugar:

A um primeiro olhar – que às vezes parece ser o único olhar que tem os turistas de carro e pressa - parece que aos dois lados da estrada não há nada e quase ninguém. Algumas casas esparsas cercadas de seus pomares, suas áreas de trabalho, seus mangueiros, suas lavouras e campos. (BRANDÃO, 1999, p.32)

No entanto, apesar desses elementos comuns, traços que se repetem por toda parte, em vários cenários rurais Brasil afora, cada lugar possui características singulares, que desde a história de sua formação vão sendo construídos e se manifestam nos modos de fazer, nos saberes e dizeres de seu povo.

Por lá encontram-se os sobrenomes Fernandes, Fonseca, Pereira, Carvalho, Durães e Vieira, durante o processo de realização dessa pesquisa observei que não há registros escritos sobre a origem da comunidade e, menos ainda, sobre as famílias que residem atualmente no lugar¹⁰. Mesmo não sendo esta uma pesquisa histórica, foi necessário fazer o levantamento de dados sobre a história da comunidade, para contextualizar os sujeitos apresentados neste trabalho. Entendo que não é possível separar a história dos hábitos, costumes e modos de vida dos seus moradores.

Os poucos registros existentes e que serviram de fonte para este estudo foram os livros de batismo da igreja do Senhor do Bonfim de Bocaiúva, livros do cartório de registro

¹⁰ Lugar: espaço ocupado, espaço próprio para determinado fim (Aurélio, 1986, p. 433); “no lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza (...) O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade”. (SANTOS, 2009, p. 322)

civil e do cartório de registro de imóveis. Além disso, a observação em livros, teses e dissertações de historiadores e antropólogos da região que abordaram o povoamento do norte de Minas. Especificamente sobre a formação da comunidade que enfoco, porém há hipóteses que são referendadas por estudos gerais e pelas falas dos sujeitos entrevistados. Essas fontes me deram subsídios para o texto que aqui apresento. Nesse sentido,

o cruzamento da história com a memória revela a possibilidade de poder aprender outras vozes ainda não legitimadas, vozes que enunciam sentidos distintos das identidades construídas e constitutivas da hierarquização das identidades regionais” (COSTA, 2004, p.220).

Os estudos apontam que “a ocupação e povoamento do Norte de Minas estiveram relacionados com a criação de gado e com as expedições bandeirantes” (COTRIM, 2007, p.22). Nesse sentido, “três grandes bandeiras atravessaram a zona que haveria de constituir, mais tarde, o município de Bocaiúva: a de Navarro em 1533, a de Tourinho em 1572 e a de Fernão Dias em 1677” (AMORIM, 1999, p. 18).

Ainda segundo este autor, outros nomes de grande relevância são os de Matias Cardoso e Antônio Gonçalves Figueira, que trouxeram para a região mais de 600 homens, no início do século XVII. Estes se estabeleceram nessas terras, rompendo com a concepção de nômades de outros bandeirantes.

Para Cotrim (2007) esses bandeirantes tinham como objetivo não apenas desbravar estas terras, mas também fundar povoados. Nessa perspectiva, Antônio Gonçalves Figueira percorreu toda essa região tornando-se dono de várias fazendas. Fundou diversos povoados, que deram origem às muitas cidades de hoje.

É importante ressaltar ainda que “Antônio Feijó, que vinha da Bahia, descortinou os caminhos do rio Verde Grande, até as suas cabeceiras, no município de Bocaiúva” (AMORIM, 1999, p. 19), onde alguns membros da expedição permaneceram vivendo. Segundo Amorim (1999), o encontro entre baianos e paulistas não apenas engrossou o povoamento da região, mas também contribuiu para estabelecer o caminho das minas – maior estrada para cavalos, que ligava o estado de Minas ao da Bahia.

Dessa forma, às margens do Rio Verde Grande, quem tem sua nascente no município de Bocaiúva, mais especificamente no distrito de Alto Belo, estabeleceram-se os primeiros moradores, dentre eles Antônio Gonçalves Figueira. De acordo com Paula (1979), Figueira lutou contra índios e fez mais de 700 prisioneiros. Tendo também iniciado o cultivo da cana e a criação de bois no local.

O antropólogo João Batista de Almeida Costa (2004) afirma, a partir de seus estudos, que o estado de Minas Gerais na verdade se divide em dois desde a sua formação: as Minas, diretamente relacionada à mineração e que não cultivava a terra nem criava animais; e as Gerais, região da criação de gado e da produção de alimentos, que abastecia a região das Minas. Mesmo tendo um papel crucial no desenvolvimento do estado, a região dos Gerais registra em sua história o abandono do estado, que não se difere muito das condições atuais.

Por isso mesmo Costa (2004) optou, durante suas pesquisas em trabalhar com a perspectiva do nativo, levando-se em conta que estes, por estarem excluídos dos benefícios gerados pelo desenvolvimento econômico da região, trilham caminhos alternativos e criaram suas próprias lógicas e estratégias de sobrevivência, o que contribuiu para que essa versão da história viesse à tona, já que por não constar na história oficial de Minas Gerais, era desconhecida para a maioria das pessoas.

Retomando a questão da origem das famílias da comunidade Morro Alto, os estudos apontam que as famílias Vieira e Durães aqui chegaram, pelo período e pela origem, juntamente com a bandeira de Matias Cardoso e Antônio Gonçalves Figueira. A família Vieira é de origem ibérica. Quanto à Durães, a vertente mais consistente é que ela também é de descendência ibérica, cuja origem vem do sobrenome Durão.

Os descendentes dos Durães posteriormente se espalharam pelo Brasil, entretanto, a maioria encontra-se no norte e nordeste de Minas Gerais (Salinas, Montes Claros, Bocaiúva, Diamantina e Curvelo). Estes dados baseiam-se em informações obtidas na internet, nos estudos já mencionados e em fontes empíricas, como os depoimentos dos contadores aqui estudados, somados aos poucos documentos encontrados e costurados através da minha interpretação dos dados.

Como Dona Maria e *Seo* João são os moradores mais antigos da comunidade e também sujeitos desse estudo, foram eles, com suas memórias, que forneceram alguns dados relevantes sobre a história de sua família e do Morro Alto. Os seus antepassados estão na comunidade desde final do século XVII, pois seu pai, senhor Gabriel Vieira Durães nasceu no Morro Alto em 1881, porém seus avós paternos, Senhor Gabriel Vieira da Silva e Ana Durães Coutinho, já viviam no lugar. Não existe nenhum referencial que trata dessa história, principalmente quando se aborda o período anterior ao qual me refiro. Ressalto ainda que nos registros do cartório e dos batismos da igreja desta época só constavam o primeiro nome da pessoa. O que de certa maneira dificulta um pouco a pesquisa.

Assim iniciou-se a história, que rendeu outras histórias, dessa trama que venho desfiando: Senhor Gabriel Vieira Durães, meu avô casou-se com Joana Francisca do Amaral,

com quem teve dois filhos: Jorge Vieira Durães (nascido em 23 de abril do ano de 1907) e Joana Vieira Durães (esta foi embora para o Paraná onde permaneceu até seu falecimento). Sr. Gabriel, após ficar viúvo, casou-se novamente com Júlia Rita de Oliveira, migrante que vinha da Bahia a pé, juntamente com seus familiares, a caminho de São Paulo. Dessa união nasceram oito filhos. Após a morte dos pais, as terras foram divididas entre os filhos, a cada um coube uma pequena área, onde construíram suas casas. Esses filhos permaneceram morando na comunidade e constituíram família. Dessa forma, a comunidade foi sendo construída, somando a outras famílias (Vieira, Fernandes, Fonseca, Pereira e Carvalho).

Outro sobrenome bastante comum no Morro Alto é Pereira, também de origem ibérica. A família tem um grande número de descendentes, sendo que boa parte migrou para o Brasil, principalmente a partir da Bahia e do Rio de Janeiro, por volta do século XVII, e daí para várias partes do país, ficando um número significativo em Minas Gerais. O que vem ao encontro das minhas reflexões sobre a origem das famílias que atualmente residem na comunidade.

A divisão das terras por herança entre os descendentes contribuiu para a predominância de pequenas propriedades na comunidade. Apesar de alguns terem adquirido ou vendido partes dessas terras, o quadro não se modificou substancialmente na atualidade.

Ressalto ainda que há na comunidade um alto grau de parentesco entre os moradores e muitos se casaram com primos. Como não havia outros sonhos senão o de construir uma casa, casar e ter filhos, muitos permaneceram em Morro Alto. A vida na cidade não exercia o fascínio de tempos depois e o campo era a melhor perspectiva que tinham. Assim “cresciam e multiplicavam-se”.

No Morro Alto todos são proprietários de suas terras, alguns as herdaram e compraram mais, aumentando a extensão. Hoje há apenas uma família que veio “*de fora*”, os outros moradores são filhos e netos dos que viveram e vivem na comunidade. No lugar não há latifúndios, apenas propriedades familiares que, segundo o Estatuto da Terra é “o imóvel rural que, direta e pessoalmente explorado pelo agricultor e sua família, lhes absorva toda a força de trabalho, garantindo-lhe a subsistência e o progresso social e econômico.” (LEI 4.504/64) Tampouco há empresas, que exploram a terra e a mão de obra, nem empregados e empregadores, há apenas pequenas propriedades, habitadas por pessoas de hábitos simples, sem luxos nem vaidades.

Não há um limite territorial preciso de onde começa ou termina a comunidade, nesse sentido, o Morro Alto, aqui descrito refere-se ao vale, localizado entre serras, que faz divisa com as comunidades de Catarina, Angicos, Lalau, Maria Preta, Chapadinha e Boa vista

dos Matos. A origem do nome da comunidade provém da sua localização geográfica, pois se situa bem aos pés de um morro. Essa foi a motivação para nomear o lugar, que à primeira vista, para quem não conhece, pensa que as casas estão localizadas no alto, para fazer jus ao nome. Morro Alto é um nome inventado, não se sabe ao certo por quem, mas que tornou-se referência no município e região como a terra da farinha e é carregada de símbolos - nos documentos das terras registrados em cartório, toda aquela extensão territorial que envolve a comunidade é denominada de Fazenda Almas.

Apesar de ter sido uma comunidade forte e bastante povoada, hoje se encontra demograficamente vazia. O número de casas aumentou, já que alguns filhos de moradores casaram e construíram, porém o número de moradores diminuiu consideravelmente. Isso porque muitos se mudaram para a cidade.

A comunidade do Morro Alto hoje conta com 34 famílias que vivem basicamente da agricultura familiar, onde todo trabalho é realizado pela própria família, aspecto comum entre os moradores.

Famílias que hoje residem na comunidade:

1. Senhor Manoel Fernandes Fonseca e Maria do Rosário Vieira Fonseca (Rosarinha)
2. Domingos Fernandes (*Decão*) e Fabiana Cássia Pereira Fernandes
3. Walter Fernandes e Luciana Da Silva fernandes e filhos
4. Senhor Marcelino Pereira de Carvalho (viúvo) e Paulo Roberto Perira de carvalho (filho)
5. Domingos de Fátima Fernandes e Vanete Pereira Fernandes
6. José Vieira Silva e Vani Vieira Durães
7. Nildo Vieira Silva e Gilson Vieira Silva (irmãos)
8. Jairo Durães
9. Walter Vieira Durães e Sueli Fernandes
10. Anita Vieira de Carvalho e *Didi* e netos
11. Sr. José Vicente (*Zica*), Lourdes e Beto (filho)
12. Samuel Pereira de Carvalho e Maria do Rosário (esposa)
13. Maurício Vieira Durães, Maria Cesária (esposa) e Fábio (filho)
14. Rafael Vieira Durães e Cleide Durães (esposa) e filhas
15. Fabio Vieira Durães e Lucia Durães (esposa)
16. Nelson Vieira Durães, Elaine Maria e filha
17. Luís Vieira Durães, Cléia e filhos

18. Élson Vieira Durães, Sueli Carlos Durães e filhos
19. Laércio Pereira Leite, Neuza Fernandes Leite, filhos e Aroldo Pereira Leite (irmão)
20. Nelson Cardoso (*Barroca de Lage*), Luci Cardoso e Wagner (filho)
21. José Vieira
22. Leandro, esposa e filhos
23. Ataíde Paz Vieira e Josefa Paz Vieira
24. Geraldo Bertulino, Antônia e netos
25. Lourival Pereira (*Dingo*)
26. Sânio Vieira Durães e Nilce
27. Paulo Leite e Elce Fonseca
28. Osvaldo Pereira, Ilda e Filho
29. Dona Francisca Pereira Leite (viúva)
30. Aurélio Pereira, Andréia e filhos
31. João Vieira Durães e Tereza Pereira Durães
32. Silvano Durães (*Borete*), Maria Geni Durães
33. José Maria (*Zeção*)
34. Divino Carlos de Matos e Creuza de Matos (residem entre Morro Alto e Maria Preta)

Ressalto que enumerei apenas as residências que atualmente encontram-se povoadas, mesmo aquelas compostas por uma pessoa como em alguns casos. Registro ainda que, existem na comunidade algumas residências desabitadas, de pessoas já falecidas, como no caso do Sr. Noberto Vieira Durães e do Sr. Felisberto Vieira Durães.

Para compreender a realidade atual da comunidade faz-se necessário entender as transformações ocorridas no campo ao longo do tempo, e, como esse não é o objetivo deste trabalho, não cabe aqui ressaltar. Apenas chamo a atenção para os visíveis efeitos da crescente urbanização do país, que modificou muito o quadro da população rural, como podemos observar nos dados seguintes:

Tabela 1. População residente em Bocaiúva – MG de 1970 a 2010

| Ano | Urbana | Rural | Total |
|------------|---------------|--------------|--------------|
| 1970 | 11.616 | 23.776 | 35.392 |
| 1980 | 19.964 | 20.499 | 40.463 |

| | | | |
|------|--------|--------|--------|
| 1991 | 29.521 | 17.524 | 47.045 |
| 1996 | 24.203 | 16.135 | 40.338 |
| 2000 | 32.442 | 10.322 | 42.764 |
| 2010 | 36.600 | 10.054 | 46.654 |

Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Os dados do IBGE vêm demonstrar o processo de urbanização do país nos últimos anos. Porém é importante ressaltar que não consta na tabela que o município de Bocaiúva diminuiu em extensão territorial e em habitantes, com a emancipação de dois distritos (Olhos d'Água e Guaraciama). Atualmente no Morro Alto não há jovens e os moradores, em sua maioria são adultos, idosos e crianças. Também não há solteiros. Somente nos eventos se reúnem um grande número de pessoas, sobrinhos, primos, netos, que, segundo alguns moradores fazem lembrar o tempo efervescente, das casas cheias.

2.1 – HOMEM E NATUREZA

Incrustada no sertão norte mineiro, entre as árvores retorcidas do cerrado e outras paisagens, encontra-se a comunidade Morro Alto. Sertão é um termo polissêmico, carregado de significados, tão versado por muitos autores. O vocábulo segundo Ferreira (2004) é de difícil definição, algumas tentativas chegam a ser contraditórias, de deserto e povoado, de árido e fértil. A palavra

no Brasil desenvolveu significação de oposição a litoral e, em condições brasileiras, sertão estaria sempre em interior. No Nordeste, em circunstâncias que se conhece dirigiu-se a significação para a preexistente conotação de aridez, documentada em parte nos textos antigos. Inospitalidade da natureza, povoado, ermo. (FERREIRA, 2004, p.35)

Guimarães Rosa soube como nenhum outro descrever o sertão, retratar os sertanejos e toda esfera a simbólica que permeia esse universo em seus personagens, seus causos, seu linguajar, suas histórias. Ele mergulhou, se apropriou do imaginário sertanejo e depois o transferiu para a literatura de forma singular.

A palavra sertão me remete a vários significados que aprendi desde cedo, convivendo nesse meio com a rudeza, com a simplicidade, com o sagrado. Lugar de vida e trabalho, que tem uma dinâmica própria e que segue seu curso como os rios, naturalmente.

Observo, porém, que a visão cristalizada do sertão como lugar arcaico, onde seus moradores vivem isoladamente, ainda persiste.

A sociedade norte-mineira é caracterizada e reconhecida nacional e internacionalmente como uma sociedade sertaneja. A nacionalidade brasileira pode ser lida como o processo de expansão da civilização pelo interior do país, conjugando duas paisagens mentais distintas e opostas, o litoral e o sertão. O litoral informa cultura, civilização, presença do estado, enquanto sertão expressa natureza, barbárie, não estruturação do estado. (COSTA, 2007, p.38)

Essa ideia perdura, apesar de sabermos que hoje muito se modificou, com a eletrificação rural, com os avanços da comunicação e a introdução da televisão como meio de entretenimento. As distâncias foram diminuídas, não apenas pelos satélites, mas pela melhoria das estradas que dão acesso aos centros urbanos. Atualmente existe um grande trânsito de pessoas entre campo e cidade. Inclusive há os que fazem essas “migrações” diárias para trabalhar. Nesse sentido “torna-se cada vez mais difícil delimitar fronteiras claras entre as cidades e os pequenos vilarejos ou arraiais a partir de uma classificação sustentada em atividades econômicas ou mesmo em hábitos culturais” (CARNEIRO, 1997).

Mesmo em lugares mais inóspitos não podemos afirmar que as pessoas vivam isoladamente. Ainda assim,

permanece o mistério – missão daquilo que ficou guardado ou retardado nas entranhas da terra brasílica ou tudo aquilo que se devolve à civilização em arte, originalidade e autenticidade fazem com que a palavra *sertão* assumam novas e imprevistas dimensões... (FERREIRA, 2004, p. 36)

O norte de Minas possui características similares às da região Nordeste e faz parte do semi-árido¹¹ brasileiro, região sujeita a períodos de prolongadas estiagens e que tem duas estações bem definidas durante o ano: as secas que em geral vão de abril a outubro, e as águas, que vão de novembro a março. Enfatizo essa questão por considerar que as condições climáticas interferem diretamente nos modos de vida de quem vive do campo, nessa região.

¹¹ Região do Brasil que se estende por 975 mil quilômetros quadrados e compreende 1.133 municípios de 09 (nove) estados do Brasil: Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Nessa região, vivem 22 milhões de pessoas. É uma região de déficit hídrico, onde quantidade de chuva é menor do que a água que evapora. Além disso, as chuvas são irregulares e, algumas vezes, há longos períodos de estiagem. <http://www.asabrazil.org.br/Portal/> acesso em 10/08/2011

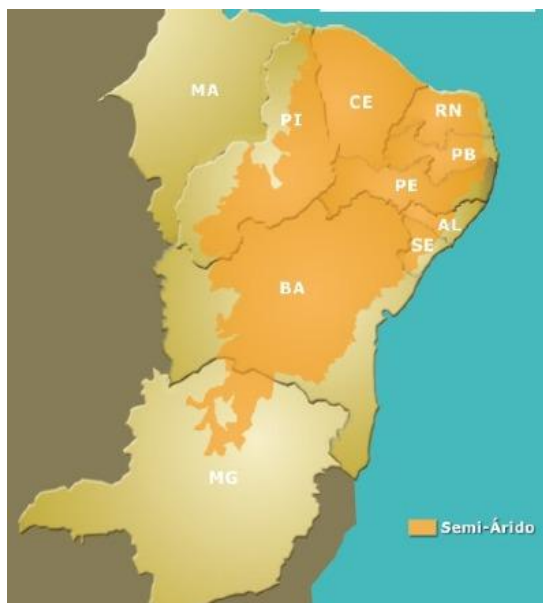


Figura 1 – Mapa do semi-árido brasileiro

Fonte: <http://sosriosdobrasil.blogspot.com>

Os moradores já se habituaram a essa realidade e todos os anos esperam com muita expectativa a chuva da *brotá*¹², para dar início às plantações de feijão, milho e mandioca. É época em que o pasto se renova e as águas voltam a correr nos rios.

Nos períodos de estiagem prolongada, até os ânimos ficam alterados. A seca é severa na região, os córregos e riachos se transformam em poças d'água e os peixes morrem, falta pasto para os animais, às vezes perdem-se lavouras inteiras. Em outros tempos se fazia muita penitência para a vinda da chuva, famílias inteiras percorriam longas distâncias com vasilhas de água na cabeça para molhar as cruzeiras das igrejas, rezando e cantando, na expectativa de, com a força da fé, trazer as águas. Hoje, nos períodos críticos de seca, há vigílias e orações na igreja e promessas para serem cumpridas durante a festa do Senhor do Bonfim de Bocaiúva.

É muito comum os mais velhos fazerem 'previsões meteorológicas' a partir de manifestações da própria natureza. Eles, segundo Brandão "lidam com presenças da natureza mais vizinhas à vida e ao trabalho" (BRANDÃO, 1999, p.84). Assim, quando formiga *correção* se assanha é sinal de chuva; quando o tempero (sal e alho) vira pedra (endurece) é sinal de seca; mudanças de lua geralmente trazem chuva. Esses são apenas alguns dos sinais que acostumei a ouvir dos meus pais na expectativa da vinda da chuva. Nesse sentido Brandão acrescenta ainda que:

¹² Primeiras chuvas que renovam a paisagem do sertão.

O que importa não é tanto o que cada ser da natureza é em si mesmo, mas a maneira conhecida e imaginada de como ele varia; de como a terra e as plantas, as plantas entre elas, elas e os animais, se relacionam. Este tipo de sutil conhecimento ainda em parte oculto à antropologia e que os pescadores e os caçadores, os lavradores e criadores possuem e utilizam de maneiras muito oportunas. (BRANDÃO, 1999, p.84)

No que diz respeito à leitura dos sinais da natureza, registro aqui uma passagem narrada por *Seo* João, que evidencia essa proximidade homem/natureza:

Chiquim Surdo, qui morava ali, do otro lado do rio, uma vez falô: é... nesse ano vai tê muintia chuva de vento vinda desse lado (estica o braço para o oeste). Eu pîrguntei pruuquê? Ele foi respondeu: os João de barro fizeram as casinha tudo cum as porta virada pra cá. (estica o braço para o leste) Dito e feito... foi um chuvão de vento vinda de cá. (estica novamente o braço para oeste). Os bicho é sabido... (Sr. João, dezembro de 2010)

Existe no povo sertanejo uma intimidade com a terra e uma observação de sutilezas que, aos nossos olhos e ouvidos cristalizados pelo número excessivo de imagens e sons a que estamos acostumados na cidade, passariam despercebidos. Assim “lêem” a natureza e decifram seus enigmas e sinais.

Para quem vive no campo, a chuva traz alegria, inspira prosperidade e fartura, é sinônimo de vida, tudo se renova com ela. Ninguém se incomoda com a lama nos pés, em molhar-se ou em acordar de madrugada nesse período, pois é *de cedo que principia o dia*.¹³ Ninguém ousa falar mal ou reclamar da abundância da águas, até porque acreditam que dessa maneira poderão comprometer as chuvas do ano seguinte. A relação dessas pessoas com a terra é permeada por crenças, por hábitos e costumes construídos coletivamente e têm as suas particularidades.

Outra característica marcante nesta comunidade, que merece ser ressaltada é que seus moradores não trabalham com extrativismo, mas com a produção de alimentos. Não é habitual entre eles coletar e comercializar frutos do cerrado, como o pequi, abundante na localidade. Eles comercializam o que produzem, plantam, colhem e transformam. Assim é com a farinha de mandioca, seu produto mais conhecido, também com a rapadura, o requeijão. É uma prática que se registra desde a sua formação até os dias atuais: a de produzir alimentos.

Essa prática que dá respaldo à comunidade tem seus produtos valorizados em toda a região. É comum encontrá-los no Mercado Municipal de Montes Claros, grande polo

¹³ Dito utilizado por muitos dos moradores para afirmar que quem não se levanta cedo, perde o dia, e também para alertar que é desde novo que a pessoa deve aprender a *lida*, a construir a vida.

regional. Ressalto ainda que pela fama adquirida pelos produtos do Morro Alto, deparamos com muitos comerciantes vendendo produtos como se fossem do lugar, para dar maior credibilidade.

2.3. A LABUTA DIÁRIA

O meio rural, apesar dos efeitos desagregadores que citei no início deste texto, é povoado e não está fadado ao desaparecimento, pois há os que por escolha permanecem lá, apesar das adversidades e das modestas expectativas. Ressalto ainda que tem surgido uma nova mentalidade que vê o campo como espaço de melhor qualidade de vida, como afirma Carneiro (1997):

Novos valores sustentam a procura da proximidade com a natureza e com a vida no campo. A sociedade fundada na aceleração do ritmo da industrialização passa a ser questionada pela degradação das condições de vida dos grandes centros. O contato com a natureza é, então, realçado por um sistema de valores alternativos, neo-ruralista e antiprodutivista. O ar puro, a simplicidade da vida e a natureza são vistos como elementos "purificadores" do corpo e do espírito poluídos pela sociedade industrial. O campo passa a ser reconhecido como espaço de lazer ou mesmo como opção de residência. (CARNEIRO, 1997)

O quadro descrito pela autora ainda não é uma realidade em nossa região, apesar de ter ocorrido algumas mudanças no sentido de uma revalorização do campo, como bom lugar pra se viver.

No Morro Alto, pela proximidade, muitos moradores vão à cidade pelo menos uma vez por semana para comprar mantimentos, fazer serviços de banco ou vender seus produtos no mercado municipal, isso ocorre principalmente às sextas e aos sábados. Esse trânsito é muito comum nos dias atuais, facilitado pelo ônibus que circula diariamente pela comunidade. Dessa forma, “nessa complexidade de universos culturais que se interpenetram, parece-nos impossível delimitar as fronteiras culturais entre o “rural” e o “urbano” (CARNEIRO, 1997). Para a autora, essas são reflexões que

nos leva a pensar a ruralidade como um processo dinâmico de constante reestruturação dos elementos da cultura local com base na incorporação de novos valores, hábitos e técnicas. Tal processo implica um movimento em dupla direção no qual identificamos, de um lado, a reapropriação de elementos da cultura local a partir de uma releitura possibilitada pela emergência de novos códigos e, no sentido inverso, a apropriação pela cultura urbana de bens culturais e naturais do mundo rural, produzindo uma situação que não se traduz necessariamente pela destruição da cultura local

mas que, ao contrário, pode vir a contribuir para alimentar a sociabilidade e reforçar os vínculos com a localidade. (CARNEIRO, 1997)



Fig. 2 Mercado Municipal de Bocaiúva onde os produtos da comunidade são comercializados

Fonte: acervo da pesquisadora

A comercialização dos produtos da comunidade no mercado municipal de Bocaiúva garante o sustento de muitas famílias e permite que o produtor se relacione diretamente com o consumidor, sem a necessidade do intermediário.

As crianças em idade escolar frequentam a escola da cidade e fazem esse trajeto de ônibus, que nem sempre está em boas condições. Atualmente a escola está fechada, seu espaço é utilizado para outros fins, como reunião da associação comunitária, leilões, concurso de pratos derivados da mandioca. Na comunidade, até 1996, funcionava apenas o primário, o

que corresponde hoje às séries iniciais do ensino fundamental, com turmas multisseriadas. Para quem queria dar sequência aos estudos era necessário se deslocar até Bocaiuva.

Durante o governo de Eduardo Azeredo em Minas (1995-1998), foi realizada a nucleação das escolas rurais, transferindo os alunos do campo para a cidade por meio do transporte escolar.

Segundo a Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais,

os defensores da nucleação argumentam que as escolas são melhores e mais eficientes do que as isoladas. O sistema aposta na eliminação das multisséries e do isolamento pedagógico a que estão submetidas as escolas rurais, o que impede o exercício contínuo de supervisão e de outras tarefas administrativas e pedagógicas. (SEE-MG)

Entretanto, esse novo modelo também promoveu a migração para a cidade, já que muitos dos alunos que iam diariamente estudar acabaram optando por ela, abandonando o campo. Outros valores surgiram nesse contato: o filho se afastou da terra e da sua realidade. Muitos ficaram à margem, excluídos, por não serem da cidade nem mais do campo. Essa é uma observação que faço a partir da minha prática como docente em escola pública da cidade e tendo alguns conhecidos como referência. Esse é outro aspecto que merece um estudo mais aprofundado.

Na realidade o jovem que sai da roça para estudar encontra-se como Veloso aponta em seu texto, “vivendo nas invasões das periferias da grande cidade, sente-se cada vez mais deslocado. Ali não é lugar para ele, está, portanto, num não-lugar, desterritorializado” (VELOSO, 2007, p. 02). Assim, perde

as suas identificações, que, quando em criança, eram determinadas, fundamentalmente pelas raízes religiosas e pelas práticas sagracionais. A causa? A ação de um processo de escolarização que hierarquiza a vida e seus fazeres (...) desqualificou seus saberes e o de seus pares. (VELOSO, 2007, p. 02)

Na realidade, a escola, mesmo quando funcionava na comunidade não preparava o estudante para permanecer no campo. Seguiu a mesma “cartilha” da escola urbana. Entretanto, em funcionamento, era viva, aconteciam eventos em datas comemorativas, havia barulho de crianças, reuniões, festas. De certa maneira agregava em torno de si, toda a comunidade.

Sempre questioneei o fato de fechar as escolas rurais e levar os alunos para a cidade, porém não sou estudiosa do assunto, apenas reflito sobre isso, e penso que fascinados

pela cidade, esses estudantes ficam cada vez mais distantes de suas origens, assim a folia, o mastro, as histórias do pai perdem o significado para eles. Porém, na maioria das vezes, na cidade ainda são “os da roça”, para provar que não, eles ousam, eles bebem, eles fumam ainda muito novos. Acredito que essa questão merece um estudo mais aprofundado, que não farei aqui, pois não é o meu objetivo.



Fig.3 – Primeira escola oficial de comunidade, construída na década de 1960 - Morro Alto
Fonte: Pesquisa de Campo realizada por Nelcira Aparecida Durães em outubro de 2010

A escola antiga foi construída no “terreiro” da casa do Senhor Sebastião Vieira Durães e Dona Maria Nazaret Pereira Durães (*D. Ninha*), já falecidos. *D. Ninha* foi a primeira professora no local, com apenas o “primário”, o que para a época era suficiente para ensinar. Com turmas multisseriadas, muitos moradores do Morro Alto e de comunidades vizinhas estudaram nesta escola. Concluir o primário – hoje, ensino fundamental I – já era uma grande conquista.

Hoje o prédio da escola é a residência de José Maria (*Zeção*), que não tem parentes na comunidade, tendo sido criado pela família do Sr. Sebastião. Ninguém sabe ao certo de onde ele veio. Alguns moradores afirmam que sua origem é indígena, mas ele mesmo não sabe dizer.



Fig.4 – Prédio atual da escola - Morro Alto

Fonte: Pesquisa de Campo realizada por Nelcira Aparecida Durães em outubro de 2010

Ao lado do prédio novo, foi construída a igreja de São Sebastião e a quadra, onde os moradores homens jogam futebol todas as sextas-feiras à noite.

Apesar das inúmeras transformações e avanços ocorridos nos últimos anos no meio rural, sob alguns aspectos a vida ainda é precária. Não há como negar o que modificou para melhor refletido nas moradias da comunidade, no acesso à bens e produtos.

As casas são simples, sem muito conforto, o abastecimento de água hoje é feito por meio de poços tubulares, mas, até bem pouco tempo era utilizada a água do pequeno riacho que passa nos quintais das casas. Os banheiros com vaso sanitário também são recentes na comunidade, antes em algumas casas havia fossas secas, em outras, nem isso. Dessa forma, “a imagem de insalubridade e atraso era articulada e atribuída, a princípio, a uma condição própria ao campo e à vida agrária no interior do país.” (COSTA, 2007, p.37)

A comunidade é atendida pelo Programa Saúde da Família (PSF) e recebe mensalmente a visita de um médico. Existe uma agente de saúde que visita as residências e avalia a pressão arterial e o quadro geral da saúde dos moradores.

Uma questão que salta aos olhos e vale mencionar aqui é quanto ao lixo no meio rural. Antes não havia o descartável e para transportar mantimentos, produtos para vender no mercado, água, os moradores utilizavam alforjes, *embornais*¹⁴, *bruacas*¹⁵ e cabaças. Com a

¹⁴ Sacolas feitas de pano com alça longa.

¹⁵ Caixas feitas de couro de boi, quase em desuso nos dias atuais, a não ser como peça decorativa.

cidade mais “próxima”, os produtos industrializados que “facilitam” a vida das pessoas, como os descartáveis (sacolas plásticas, garrafas pet, latas de conservas) passaram a fazer parte da vida das pessoas do meio rural. No entanto, não há coleta ou local destinado a esse lixo, sendo assim, em muitas casas há *monturos* industrializados com os quais os moradores não estão acostumados a lidar.

No que se refere à produção agrícola, além de manter o modo tradicional no plantio das culturas já mencionadas, os moradores recebem a orientação técnica especializada por meio da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER-MG). Além das plantações, nas propriedades criam-se porcos, galinhas, gado e as técnicas ainda são rudimentares: a ordenha das vacas é manual, a maior parte do trabalho é braçal. O cultivo da mandioca, milho e feijão garante fartura à mesa. Todos têm algumas árvores frutíferas no quintal, principalmente mangueiras, goiabeiras e jabuticabeiras. Praticamente todos possuem um cavalo para auxiliar na *lida* diária.

Além da farinha de mandioca, outro produto que é feito em quantidade maior é a rapadura. Em muitas casas também há um pequeno canavial para a fabricação dos produtos derivados da cana: doces de mamão, batida e a rapadura propriamente dita.



Fig.5 – Osvaldo Pereira plantando roça de milho na *meia* com *Seo* João de Julinha - Morro Alto

Fonte: Pesquisa de Campo realizada por Nelcira Aparecida Durães em outubro de 2010

Plantar e criar animais na “*meia*” é uma prática antiga ainda muito utilizada no Morro Alto, principalmente no plantio.

Ressalto ainda a presença do SEBRAE-MG na comunidade, que atua na região com objetivo de incentivar o aumento da produção sustentável da farinha de mandioca, levando novas técnicas e treinamento dos produtores. Este projeto conta ainda com a participação da EMATER-MG, do Banco do Brasil S/A, da Prefeitura Municipal de Bocaiúva, do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável (CMDRS), da Associação Comunitária de Morro Alto (ACOMA) e trabalhadores/ produtores de farinha de mandioca de outras comunidades rurais do município. Todos os órgãos e entidades contribuíram na estruturação do projeto intitulado Farinha na Região de Bocaiúva. No Morro Alto já se encontra em processo de construção uma fábrica comunitária de farinha, que irá reunir os produtores do lugar em sistema de cooperativa.

A iniciativa tem contribuído com o aumento da produção, a abertura de novos mercados e o aperfeiçoamento das técnicas, o que é de grande relevância, já que a principal renda familiar dos moradores dessa comunidade vem das suas farinheiras. Grande parte da produção é comercializada no mercado municipal de Montes Claros e também em Bocaiuva.

Segundo a consultora do SEBRAE-MG, Macro Norte - Montes Claros, responsável pelo projeto,

a difusão e disseminação de tecnologias são fatores condicionantes à sobrevivência dos pequenos empreendimentos no mercado. A busca constante por novas técnicas, novas informações, novos conhecimentos e novas experiências determinam diretamente a eficiência e eficácia competitiva de qualquer negócio. (setembro de 2010)

A farinha de mandioca não é apenas mais um alimento na vida dos moradores do Morro Alto, ela é a principal fonte de renda da maioria das famílias, em praticamente todas as casas tem uma fabriqueta e o produto divulgou o nome da comunidade pelo país afora. O cultivo da mandioca e a fabricação de farinha existem na comunidade desde final do século XIX, conforme informações obtidas durante o trabalho de campo.

Sobre a produção da farinha, Dona Maria, falou-nos sobre o início da fama de produzir artesanalmente a farinha considerada a melhor do país. Conforme trecho aqui transcrito:

A fábrica de farinha começou com meu pai e Padrim Calixto aqui no Morro Alto...ele e Padrim Calixto, tocando aquelas rodinha de mão, assim (imitando manivela com as mãos), relando mandioca. Assim êvem...fazendo farinha e criando a fama. Daí Padrim Calixto inventô fazer uma roda de cavalo tocar... agora deu pra fazer muintia farinha, aumentô o movimento

com essa fábrica que ele inventou...nós já fazia mais fariinha (enfático) que os outro... (D. Maria, em novembro de 2010)

Com a mecanização do processo (de manivela tocada a mão, para a roda tocada por cavalo), conforme nos conta Dona Maria, foi possível aumentar a produção e fazer do lugar importante fabricante de farinha e de outros produtos derivados da mandioca. Hoje, há motores elétricos em todas as pequenas fábricas.



Fig. 06 Motor de ralar mandioca – Utilizado por Dona Lourdes, fábrica de farinha da residência do Sr. José Vicente (Zica) – Foto: acervo da Pesquisadora

O trabalho no campo, para quem *vive dos braços*, é sempre árduo. A lida começa cedo, antes do sol nascer. A enxada, machado, foice, pá, são ferramentas utilizadas no dia a dia. Apenas o arado, puxado por cavalo ou bois encontra-se em desuso, pois as terras são aradas por trator. No entanto, o plantio, a capina e a colheita de qualquer cultura ainda são feitas artesanalmente. Ao executar essas etapas do trabalho, havia os cantos, as rezas, as danças da *cana verde*, o que hoje está apenas na lembrança dos mais velhos.

2.4 – SABERES E FAZERES

Para definir o enfoque que quero dar aos “saberes e fazeres” do Morro Alto, utilizo-me novamente das palavras de Veloso (2007). Refiro-me

“aos saberes produzidos pelas convivências sociais: os saberes direcionados às práticas para a sobrevivência, aqueles que o homem usa para a produção do trabalho e suas tecnologias; os saberes destinados à folgança e à vadiagem, em que o interesse é facilitar o prazer e o ócio através do lazer; os saberes voltados para a sagração, pelos quais a espécie se organiza para adorar e agradecer as ações atribuídas às várias divindades; e, finalmente, os saberes para o estar juntos, nos quais o que importa são os mecanismos criados para as práticas de si na relação com o outro. (VELOSO, 2007, p. 01)

No transcorrer da vida em grupo, vão se solidificando alguns elementos simbólicos, que passam a fazer parte da vida desses sujeitos. Há que considerar nesse aspecto as condições sócio-históricas em que se constituiu o referido grupo, permitindo o desenvolvimento de características que lhes são peculiares. Não obstante a esse fator, é necessário ressaltar também o que se produz simbolicamente na interação com os *de fora*, no momento em que se reduziram as distâncias entre o rural e o urbano, devido aos fatores já citados (estradas, eletrificação rural, a chegada da televisão, nucleação das escolas), conforme afirmam os autores “O modelo delineado como cultura popular rural se organiza, se desenvolve e se modifica num campo social onde interage com outros modelos culturais” (GOMES, PEREIRA, 2002. p.11).

Dessa forma se constitui o universo dos saberes e fazeres dos moradores da zona rural que, “por mais que existam elementos comuns nos processos de experiência social dos habitantes das áreas rurais do Brasil, devemos ficar atentos para as particularidades que levam as comunidades a agirem de acordo com seus interesses” (GOMES, PEREIRA, 2002, p.12).

Nesse sentido, quero apresentar aqui algumas práticas da comunidade e refletir sobre o que as orientam, relacionando-as à memória dos sujeitos desse estudo. Há na comunidade os mais velhos que são aposentados, os trabalhadores adultos e crianças, a grande maioria dedicada ao trabalho, às rezas, às festas e leilões realizados na comunidade.

Os homens frequentam o bar do Paulinho à noite e nos finais de semana, para jogar truco, beber cachaça, jogar sinuca e contar *causos*. O alcoolismo entre os homens, até bem pouco tempo atrás era um grave problema no Morro Alto. Hoje não está superado, mas diminuiu consideravelmente.

Ainda assim o bar tem sido a principal forma de lazer dos homens do Morro Alto, além do futebol na quadra ao lado da escola, todas as sextas-feiras. Enquanto as mulheres ficam em casa, em geral, vendo televisão, o que representa segundo Pereira (2002) “uma

oposição clara entre o tempo de ontem e o tempo de hoje, entre as alegres reuniões de antigamente e o silêncio solitário provocado pelo rádio e pela televisão” (PEREIRA, 2002, p.24).

São elas que organizam os cultos na igreja aos domingos, às 17 horas, ensaiam os cânticos, trocam as flores do altar. Raramente vão à cidade. Em outros tempos, e isso já é uma lembrança minha, quando não havia igreja, o culto era realizado nas casas dos moradores. Após a celebração, sempre tinha um café com biscoito, requeijão, o que proporcionava o encontro e a audição de histórias. Nesses casos, as mulheres saíam de casa e os moradores se visitavam mais.

O *truco* é predominantemente masculino. Quando se encontra mulheres numa mesa de jogo, geralmente são *de fora*. Segundo Brandão (1999) não há como comparar um jogo camponês de truco com os silenciosos, contidos e pretensamente civilizados jogos urbanos “de salão”. E acrescenta,

joga-se aos gritos, gesticula-se com exageros, e nas grandes partidas, campeonatos absorventes, não é raro que o vencedor suba na cadeira. Tiros de revólver com pólvora seca eram, no passado recente, uma boa maneira de se festejar uma vitória. Tudo se comenta de uma maneira liminarmente agressiva, e um embate verbal, coreográfico em tudo... (BRANDÃO, 1999, p.53)

Outrora havia os que caçavam e pescavam, alguns deles estão entre os sujeitos desse estudo, como *Samu* (Samuel Pereira de Carvalho) e *Zica* (José Vicente). Segundo Brandão “duas atividades pensadas e vividas mais como diversão do que como trabalho, francamente masculinas” (BRANDÃO, 1999, p. 49). Ele considera a caçada um jogo entre homens e animais. E acrescenta: “as caçadas furtivas tornam-se excepcionais e sobre elas pesa agora a mistura do antigo orgulho épico do caçador, com a suspeita do gesto infrator perante a lei ‘de fora’” (BRANDÃO, 1999, p.56).

No meio rural, os espaços dos gêneros são bem distintos. Tanto no que se refere às atividades diárias: cozinha, espaço feminino, curral, masculino, como no lazer também há essa divisão. Sobre essa questão, Brandão argumenta que desde cedo as condutas são culturalmente diferenciadas, criam-se os meninos para enfrentar essa batalha entre o homem e o animal e a menina a vida doméstica.



Fig. 07 – José Vicente (Zica) confeccionando pilão em seu quintal.
Foto: acervo da pesquisadora

Ressalto ainda alguns trabalhos de artesanato executados pelos moradores. *Zica* (um dos narradores deste trabalho que irei apresentar no próximo capítulo), com sua habilidade de marceneiro hoje fabrica pequenos engenhos (miniaturas) réplicas de engenhos de moer cana puxados por tração animal e pilões para uso doméstico, conforme demonstra a foto.

Há também algumas bordadeiras que fazem ponto cruz e ponto-cheio e compotas para vender no mercado. Ainda cito João *Bodega*, residente na comunidade vizinha, que faz *bruacas* sob encomenda, para moradores do Morro Alto e região.

Como é comum em quase todas as comunidades rurais, cabe às mulheres também o preparo da comida, que deve ser como diz a minha mãe: “*forte*”, sentido associado ao arroz com feijão e carne, farinha e um tipo de verdura, preparado com banha de porco. Estão habituados à “*muintia comida, pôca variedade... sem vaidade.*” Entretanto os moradores da comunidade são receptivos e oferecem os melhores pratos aos visitantes. É possível ao passear por três casas, e “*pra não fazer disfeita*”, ter de comer três vezes. Registro também o costume de fazer uma grande variedade de biscoitos de goma de mandioca por ocasião das festividades do lugar.

Nos encontros, festas, cultos, jogos, as relações entre os moradores são fortalecidas. Hoje existe uma associação comunitária que se reúne mensalmente em uma sala da escola. A formação da associação foi incentivada pela EMATER-MG. Motivados também

por algumas ações e projetos do Governo Federal que beneficiam as associações e associados, nesse sentido, é muito importante para a comunidade estar organizada de forma jurídica. Além disso, a entidade sempre contribui na promoção de atividades coletivas, festas religiosas e eventos festivos.



Fig. 08 – Saída do culto dominical na igreja de São Sebastião – Morro Alto – Na foto *seo* João, Dona Maria, Dona *Rosarinha*, Dona *Cezinha*, dona Tereza e outros –

Fonte: acervo da pesquisadora

Outra característica marcante no povo do Morro Alto é a religiosidade. Todos os moradores são católicos. Antes, quando não havia igreja na comunidade, eles frequentavam a igreja da comunidade vizinha, Lalau. Colaboravam e participavam efetivamente dos festejos de Santo Antônio, leilões e cultos naquela localidade. Em 1997, foi construída a igreja na própria comunidade e escolheram São Sebastião como padroeiro que é festejado no dia 20 de janeiro. Sobre essa questão transcrevo as palavras de Padre Antônio de Oliveira Maia (*Padre Maia*), profundo conhecedor da região:

Tenho uma vaga lembrança dos antepassados de lá (Morro Alto), eles tinham muito apreço pela religião, muito focada nos padres. Eles tinham muito apego à figura do padre. O padre era o paradigma para que eles pudessem se nortear diante da vida. Apesar disso existia muita malquerença, assim o que alguns confessavam não punham em prática... Sinto até saudade dessa gente simples dos paletós o modo de agir, o modo de sentar, nos catres antigos cobertos com couro de boi. Não só sentavam como punham os pés... Sobre os costumes, quando eles modificavam um pouco mais a sua aparência, quando dos festejos religiosos, eles se

empanavam, não empanavam é uma palavra errada, eles se arrumavam para as festas, as desobrigas....Não se arrumavam por vaidade, mas para demonstrar a importância daquele momento em suas vidas. Até com visual extravagante, como não tinham maquiagem, passavam urucum no rosto. Somente os festejos religiosos faziam com que o povo mudasse o seu visual (Padre Maia, depoimento em fevereiro de 2011).

Para a festa, os preparativos envolvem a comunidade inteira. Os homens constroem a barraca de bambus e pindoba (espécie de palmeira da região), compram as bebidas para vender na barraca, pedem apoio à prefeitura para a sonorização, encomendam cartazes. Às mulheres cabem as tarefas da igreja, ornamentar, preparar os cânticos, ofertório; também fazem a comida, tanto para vender na barraca como para servir a algum convidado importante, como os padres. Geralmente fazem algum prato para leiloar. Esses momentos fazem com que os laços solidários da comunidade sejam revitalizados.

Ressalto ainda que a renda da festa é revertida para as benfeitorias na igreja, no prédio da escola e para cobrir despesas com a própria festa. Da programação consta novena, levantamento do mastro, procissão, missas, barraquinhas e forró.

Historicamente os moradores cultivam o hábito de rezar o terço, de fazer novenas e cultos. Estes são celebrados sob a coordenação da liderança religiosa da comunidade, hoje representada por dona Maria do Rosário (*Rosarinha*). As rezas amenizam as dificuldades e as lutas da vida real. Nesse sentido Geertz ressalta que “a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana”. Para ele “a religião nunca é apenas metafísica. Em todos os povos e formas, os veículos e objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral” (GEERTZ, 1989, p.93).

Nessa perspectiva, Geertz (1989) define a religião como:

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (GEERTZ, 1989, p. 67).

E são essas representações que dão significado ao cotidiano desses homens e mulheres. Os ritos, os festejos, os cultos dominicais, as reuniões da associação, o futebol na quadra ao lado da igreja, os encontros no bar do Paulinho, os momentos de ouvir as histórias de

Dona Maria, de *Samu*; seguem preenchendo os dias e dando sentido à existência. Assim preservam e resistem entre o real e o simbólico

[...] A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seus conceitos de natureza, de si mesmo, da sociedade. Esse quadro contém suas idéias mais abrangentes sobre a ordem. A crença religiosa e o ritual confrontam e confirmam-se mutuamente... (GEERTZ, 1989, p.93).

Assim as vidas vão sendo reveladas; nestas manifestações os moradores põem muito de si, de como vivem e se relacionam. Nesses encontros possibilitados pela festa, pela *desobrigação* como fala Padre Maia, falam de outras festas, de como se organizavam para a Festa do Senhor do Bonfim em Bocaiúva, dos casamentos de antigamente, das imensas filas de cavaleiros, do *embaixador* à frente para anunciar a chegada dos noivos com tiros de revólver. Como nos fala *seo* João:

Antigamente cê tratava o casamento com uns setenta dia... aí saía convidano o povo daqui da roça mesmo. No dia juntava aquele mundo di gente na frente da casa do noivo e da noiva... Tudo di cavalo... na frente ia os dois: o noivo mais a noiva... ia aquele filão toda vida, dois a dois...cumo daqui no lalau. A noiva ia rastano aquele vistidão, o povo sigurava o véu pra num sujá. Depois quando cabava, soltava aquele tanto di fuguete, bomba. Os pai da noiva fazia uma festa...aquilo qui era festa...num era essa bosta di hoje...” (Seo João. Novembro de 2011)

Dessa forma permanecem vivas as lembranças das festas grandiosas, das intermináveis danças da cana verde, uma dança circular, feita em roda, trocando os pares. Varavam noites cantando, dançando e jogando versos. Cujo refrão básico era: “*ó minha caninha verde, ó minha verde caninha, eu não vou na sua casa pra você não ir na minha...*” cantado por todos, entremeado com o verso individual de cada brincante.

Essa forma “democrática” de entretenimento, celebração, onde todos podiam participar não existe mais. Nos dias atuais, a festa se modificou consideravelmente, também se modificaram as músicas, as danças. Os mais velhos ainda dançam forró, preferem o *pé de serra* tradicional. A festa de São Sebastião acontece na segunda quinzena de janeiro e atrai centenas de pessoas da cidade e de comunidades vizinhas. Há muita bebedeira, carros de som com altos volumes. Entretanto a parte religiosa segue rigorosamente o protocolo da grande maioria das festas da região: durante a semana que antecede a festa tem novena, no sábado

tem o mastro organizado por quem “roubou” a bandeira no ano anterior (o festeiro), com queima de fogos e levantamento da bandeira. No domingo, há procissão e missa. O bar organizado pelos moradores é aberto nos dias principais da festa (sexta, sábado e domingo), há várias outras barraquinhas de ambulantes vindos da cidade.

Assim é a vida do lugar, composta de momentos de trabalho árduo para garantir a sobrevivência, de momentos destinados à folgança e à vadiagem e de momentos sagrados. Há tempos atrás, pelo que contam seus moradores mais antigos, não era diferente, havia também todos esses momentos, porém, pelo que observo em suas falas, com menos interferência do meio urbano. O tom nostálgico das histórias que contam traduz o desejo de voltar no tempo.

III CAPÍTULO: UM DEDO DE PROSA

*Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.
Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.*

Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

Carlos Drummond de Andrade

O trabalho de campo foi sem dúvida um dos pontos relevantes nesta pesquisa, afinal ele é que vem ilustrar as argumentações e teorias aqui apresentadas. Nesta fase trago à tona os relatos das experiências de campo por meio das quais pretendo reconstituir os cenários e as circunstâncias das visitas às casas dos sujeitos pesquisados. Pontuo que, ao longo do processo de pesquisa, este momento foi muito significativo, porque me deu a possibilidade de ver de outra forma as pessoas e as histórias que compõem este universo. Analisá-los dentro de uma perspectiva etnográfica ampliou e aprofundou as minhas reflexões sobre o contexto em questão.

Para um novo olhar sobre os sujeitos, foi preciso observar, com olhos e ouvidos atentos, o dito e o não dito – o que cada palavra e cada silêncio significavam. Como as palavras, os silêncios também nos fornecem dados fundamentais para análise, são carregados de informações, aí reside um aspecto importante para a compreensão do *outro* e de sua alteridade. Nesse sentido, a alteridade como “ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro” (ABBAGNANO, 2000, p.34-35). Sendo capaz perceber e respeitar o outro, sobretudo, na sua diferença.

Antes, para a antropologia, quanto mais distante estivesse o pesquisador do seu objeto de estudo, melhor, entretanto hoje, “bem diferente de há vinte anos atrás, uma antropologia que se faz perto de casa, *at home*, é não só aceitável quanto desejável” (PEIRANO, 1999, p.2). Nesse sentido, o estudo aqui apresentado está dentro dessa nova perspectiva antropológica que a autora define como “alteridade mínima” já que os sujeitos dessa pesquisa fazem parte da minha história, são parentes próximos ou conhecidos desde a infância na *roça*.

Mariza Peirano ressalta ainda que, “no contexto brasileiro, as exigências relativas à alteridade adquiriram desde cedo contornos específicos.” E acrescenta que aqui “nos últimos trinta anos a alteridade deslizou territorial e ideologicamente em um processo dominado pela incorporação de novas temáticas e ampliação do universo pesquisado” (PEIRANO, 1999, p.2).

De acordo com a autora

estamos sempre, mais ou menos confortavelmente, em casa. Assim se justificam, de um lado, os limites estratégicos que, como vimos, informam a escolha da alteridade; de outro, o fato paradoxal de que, quando procuramos diferenças, muitas vezes acabamos por encontrar uma suposta singularidade (que é ‘brasileira’). (PEIRANO, 1999, p.2)

Dessa forma, ao ouvir o outro, percebo nas histórias de cada um pouco da minha própria história.

Tomo como minha a reflexão de Mafesoli, ao tratar do universo da observação: “por quisermos obstinadamente tomar distâncias, corremos o risco de esquecer o que dá sua legitimação à pesquisa intelectual” (MAFESOLI, 1985, p.194). O autor nos lança uma questão que considero de suma importância, que vem ao encontro não apenas do que acredito, mas também abarca questões significativas com relação a esse novo paradigma da pesquisa: “e o que pretendemos aqui perguntar é o seguinte: saberemos ainda ouvir e interpretar o pensamento de praça pública?” (MAFESOLI, 1985, p.195) E ousou lançar outro questionamento: estamos dispostos a erguer os olhos e enxergar o *outro*?

Nesse sentido, recorro novamente a esse autor para afirmar que:

existe efetivamente um ‘conhecimento’ empírico cotidiano que não pode ser dispensado. Estes ‘saber fazer’, ‘saber dizer’ e ‘saber viver’, todos de tão diversas e múltiplas implicações, constituem um dado cuja riqueza a fenomenologia tem, com inteira justiça, posto em destaque (MAFESOLI, 1985, p.195).

Servindo-me da poesia de Manoel de Barros: “... as coisas que não pretendem, como por exemplo: pedras que cheiram água, homens que atravessam períodos de árvore, se prestam para poesia. (...) Tudo aquilo que a nossa civilização rejeita, pisa e mijam em cima serve demais para poesia ...” (BARROS, 1999, p. 16). A vida comum, de pessoas sem ‘importância’ serve demais para a arte, serve para a pesquisa. Acredito que “já podemos começar a repensar a vida social adotando uma perspectiva holista” (MAFESOLI, 1985, p.195), na busca de um entendimento mais amplo do que nos cerca.

Durante o trabalho de campo, de certa maneira, interferimos na vida do pesquisado e na sua cultura, entramos em suas casas, provocamos as suas lembranças, remexemos em seus guardados; isso não deixa de ser invasivo. Nesse campo de subjetividades é preciso trilhar o caminho do sensível e perceber até onde posso ir. Reflito sobre as palavras de Geertz, quando ele afirma que “a análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa” (GEERTZ, 1989, p.20). De fato, experimento a sensação de incompletude no processo de reflexão e escrita. Muitas indagações vão surgindo nesse percurso.

E, novamente, Geertz me fornece argumento para amenizar as inquietações surgidas, com a sua metáfora sobre fazer uma etnografia:

é como tentar ler um manuscrito estranho e desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado” (GEERTZ, 1989, p.07).

Nesse aspecto, mesmo se tratando de pessoas próximas, compreendê-los em seus contextos não é uma tarefa simples, principalmente com o olhar ‘viciado’ de quem supõe já conhecer os sujeitos e objetos pesquisados. Nas pesquisas no campo das artes e humanidades, é necessário que as impressões sejam confrontadas com a realidade. Aparentemente tudo é muito simples: as pessoas, o lugar, as casas, a vida, a imagem visível e cristalizada que temos da velhice e do meio rural. Complexas são as redes constituídas por esses sujeitos ao logo do tempo.

Há muitas coisas embutidas nas falas e nas ações durante as falas que requer uma atenção maior no ato da transcrição e da análise. Elas (as falas) são marcadas pelas crenças, pela utilização de metáforas e de um vocabulário próprio do lugar. Para penetrar nesse universo para compreender a esfera simbólica que permeia as falas, os silêncios e os gestos desses narradores, é preciso ser cuidadoso e atento a toda atmosfera que envolve o momento da narração. Ressalto aqui que as falas, os silêncios e os gestos é que darão o norte à minha observação para desvendar a esfera simbólica dos contadores do Morro Alto.

Nesse sentido, vejo que há necessidade de refletir sobre a narrativa de forma mais complexa, levando em conta o que é dito, o não dito e o como é dito. Ressalto ainda a importância de observar o que circula entre o particular e o coletivo.

Considero audaciosa a proposta de investigar, por meio de histórias narradas o que há por trás delas e dos sujeitos que as narram, o que dizem suas mãos, seus olhos. Para o

estudo da oralidade, tão vasto e subjetivo, me utilizo do questionamento de Brandão: “de que maneira a realidade tão densa e polissemicamente vivida e como símbolo, cabe dentro do pequeno tabuleiro em que as minhas categorias a aprisiona para torná-la efêmera e tão restritamente inteligível?” (BRANDÃO, 1999, p. 33)

Vivenciar a experiência é a palavra mais apropriada para utilizar nesse caso, quando o objetivo é entregar-se à escuta da voz do outro e mergulhar nesse universo em que a palavra é o fio condutor para a compreensão do lugar e o que o circunda.

[...] dentro da existência de uma sociedade humana, a voz é verdadeiramente um objeto central, um poder, representa um conjunto de valores que não são comparáveis verdadeiramente a nenhum outro, valores fundadores de uma cultura [...] (ZUMTHOR, 2005, p. 61)

A voz é reveladora e constitui uma rede invisível tecida pelo tênue fio da enunciação da palavra, que é efêmera e se reconstrói a cada momento quando falada. Não podemos mais fazer distinção entre voz e corpo (estão aí os estudos da performance, da antropologia, da etnocenologia¹⁶ e outros, que sustentam esse argumento).

De certo modo, a pesquisa cuja base é a oralidade, tem a intenção de capturar a voz e o gesto do narrador, transferi-la para fora do seu corpo e registrá-los num espaço-tempo específico. Por meio da transcrição das narrativas e da descrição da performance do narrador, fixo por meio de outro código, a escrita, o gesto e a palavra, permitindo outras leituras e interpretações do evento narrativo. Mas, com certeza nada se compara ao encontro, à troca estabelecida entre narrador e ouvinte no momento da audiência.

3.1 HISTÓRIA DE UM, HISTÓRIA DE TODOS

Ouvir e registrar as narrativas orais de moradores de uma comunidade rural é, de certa maneira dar voz aos sujeitos anônimos, possibilitando-os falar de onde vivem, dos seus saberes, valorizar suas experiências. Sobretudo perceber o meio rural como lugar de trabalho e de vida, expressos de forma simples em suas histórias.

A rede de histórias compartilhadas e a troca a que estão acostumados os moradores da zona rural permitem que a transmissão dos ofícios seja feita por meio das narrativas, assim é com a farinha de mandioca, apesar da adesão às novas técnicas; com os

¹⁶ Neologismo forjado por J. M. PRADIER (1995) e que se aplica a uma nova disciplina: a etnocenologia amplia o estudo do teatro ocidental para as práticas espetaculares do mundo inteiro, em particular aquelas que se originam do rito, do cerimonial, das *cultural performances* (práticas culturais), sem projetar nessas práticas uma visão eurocêntrica. (PAVIS, 1999, p.152)

biscoitos, com o requeijão moreno tudo isso contribui para constituir a ideia de comunidade, no caso, do Morro Alto, terra da farinha de mandioca, do biscoito espremido, do povo trabalhador, das rezas, das festas de santo. O lugar é constituído por esse imaginário.

Para Silva (2003)

o imaginário é um reservatório/motor. Reservatório que agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras de vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo (SILVA, 2003, p.11-12).

Nessa perspectiva, o autor aponta que “por meio do imaginário o ser encontra reconhecimento no outro e reconhece-se a si mesmo” (SILVA, 2003, p.14). Na coletividade é que se estende o leque que forma o imaginário de um determinado lugar. O autor enfatiza que “o imaginário surge na relação entre memória, aprendizado, história pessoal e inserção no mundo dos outros” (SILVA, 2003, p.14).

Para Mafesoli (2001), só existe imaginário coletivo: “o imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo” (MAFESOLI, 2001, p.76). Este autor enfatiza que mesmo quando é dito “meu” ou “seu” imaginário, ele nunca estará desvinculado do grupo ao qual esse indivíduo se encontra inserido.

Segundo Bosi assim se tece a rede: “a história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos” (BOSI, 1994, p.90). No ato de narrar coisas ou fatos o narrador cria uma ponte que liga passado e presente, dessa forma os fatos, os personagens, as coisas atravessam o tempo e se conectam com o agora.

Vale ressaltar que as histórias contadas tratam também da leitura e da escolha de cada sujeito, através de suas lembranças e esquecimentos, como pessoa histórico culturalmente constituída. Suas diversas memórias individuais narradas, muitas vezes promovem e reforçam a construção e reconstrução da memória coletiva e leva-nos a reinterpretar essa realidade.

Para Bosi,

por muito que deva a memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos

que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro que é comum (BOSI, 1994, p.411).

A memória coletiva é definida por Nora (2003) como “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado” (NORA *apud* LE GOFF, 2003, p. 467).

Halbwachs (*apud* BOSI, 1994, p. 63) lembra que é impossível falar de “Memória Coletiva” se não tomarmos como referência a realidade do grupo social ao qual o contador está inserido, o que é fundamental no processo de reconstrução da memória, ou seja, o lembrado só é significativo se tiver relacionado ao grupo que este indivíduo faz parte.

Portanto, é interessante observar que, embora as narrativas sejam recolhidas individualmente, faz-se necessário analisá-las dentro de um grupo social. O grupo em que se inserem os sujeitos aqui descritos aproxima-se da descrição feita por Gomes e Pereira (2002):

[...] instalados em áreas rurais, definidos a partir de famílias do tipo nuclear às quais se agregam outros elementos: vizinhos, compadres e comadres, parceiros de vivência religiosa e parceiros de trabalho. (GOMES; PEREIRA, 2002, p.94)

Os causos e histórias ora apresentados podem contribuir de forma efetiva para o estudo e entendimento da mentalidade do lugar em questão. Na voz dos contadores entrevistados, os hábitos e costumes, as crenças se fazem presentes, permitindo analisá-los dentro da perspectiva proposta, ou seja, o conteúdo das narrativas e a performance durante a narração. O contador contribui para que a comunidade se conheça melhor, já que os valores e tradições relativos à sua comunidade encontram-se presentes em seus discursos.

Os contos são reveladores daquilo que muitas vezes à primeira vista não se percebe. Por meio deles a comunidade se afirma enquanto coletividade e assume as suas particularidades. Nesse sentido, Pereira (1996) afirma que

contos e casos são a maneira particular de um grupo social ordenar o pensamento, a ação e os sonhos de sua comunidade. São igualmente o seu meio de parlamentar com as diferenças, seu modo especial de ‘negociar a vida’ para conseguir manter um estado de unanimidade” (PEREIRA, 1996, p.47).

De acordo com Vera Lúcia Felício Pereira “os contos orais exercem em seu contexto a função social de ensinar às gerações um modo de conciliação do muito novo e do

extremamente antigo, mesmo arcaico, ideando uma colagem que sugira os caminhos do que se pensa moderno sem o abandono do passado.” (PEREIRA, 1996, p.62) Esse diálogo entre presente/passado contribui para a manutenção das tradições.

Segundo o dicionário Aurélio (2000, p. 679) tradição significa “ato de transmitir ou entregar”, partindo dessa curta definição, transmitir e entregar, observo o sentido de tradição implícito nessa acepção: na ação de conduzir, de um tempo a outro e se preservar na “repetição e no ritual” (GIDDENS *apud* COLARES, 2006, p.14).

Para Thompson (1995), “no sentido mais geral, tradição significa *traditum* – isto é, qualquer coisa que é transmitida ou trazida do passado”. Segundo este autor, encontra-se na própria definição da palavra a causa de seu enfraquecimento para os pensadores iluministas. Estes rejeitaram a tradição como coisa do passado, fonte de misticismo, inimiga da razão.

Em sua análise, Thompson (1995) suscita algumas reflexões com relação à tradição que considero importante ressaltar. Para ele a tradição pode envolver elementos de aspecto normativo, onde as práticas do passado servem de princípio orientador para futuras ações, quando refere-se a pequenas ações do cotidiano e são realizadas com pouca reflexão ou para servir como princípio normativo quando as práticas são tradicionalmente fundamentadas; de aspecto hermenêutico, como portadora de elementos que condizem com a vida cotidiana e são transmitidos de geração para geração, como esquema interpretativo, uma estrutura mental para entender o mundo; outro citado é o aspecto legitimador, quando servem como fonte de apoio para o exercício de poder e da autoridade; e, por último o aspecto identificador, sentido de pertença. Neste último caso, são as tradições que fornecem material simbólico (valores, crenças, padrões de comportamento), sempre construídas sobre um conjunto de material simbólico preexistente.

Entendo que, partindo da análise de Thompson, o que se refere às tradições colocadas no âmbito desta pesquisa, envolve todos os aspectos por ele elucidados.

As tradições orais, ao serem repassadas vão sendo transformadas. No universo sertanejo, como a oralidade é ainda o meio mais utilizado para a manutenção de algumas práticas, assim se suas tradições vão atravessando os anos, passando de pai para filho, as rezas, os rituais, as festas, os ofícios tradicionais chegam aos dias atuais, ainda que modificados pela própria vida que é dinâmica.

Nesse sentido, as narrativas não apenas possibilitavam compartilhar experiências, mas também se encarregavam de transmitir os valores significativos para aquele grupo e contribuíram para a manutenção do que lhe é importante. Através das histórias e de alguns

relatos, observo que, em alguns casos há a utilização das narrativas como forma de disciplinar e/ou censurar os mais jovens:

Na coresma vai lá pro cê vê. Na chapada tá assim de rastim do chibungo pererê. Parece desenhadim no chão. Eu que nunca encontrei ele não. Também nunca cacei ni coresma...(Samu, fevereiro de 2011).

A cancela lá de frente Zé Tibertino é mal assombrada, a gente vê sempre um clarão de fogo e um animal gemeno. Isso é de tanto ele judiá cum os bicho. O xibungo mora lá... (Zica, novembro de 2010)

Nesse contexto, os causos se fundamentam na religiosidade popular e têm explícito em seus conteúdos a intenção moralizante e de alertar os mais jovens sobre as suas atitudes. O contador, muitas vezes coloca-se presencialmente no lugar do fato: “*eu vi...*” com autoridade e certeza do que diz, não deixa dúvidas no ouvinte sobre a veracidade da história.

Na concepção de Benjamin (1994) a narrativa tem sempre em si uma dimensão utilitária. Que pode consistir segundo ele, em um ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida.

3.2. Ô DE CASA, ABRE A PORTA!

Apresento aqui os narradores e faço a transcrição das narrativas, analisando as performances destes durante a narração. Interessa-me igualmente refletir sobre o conteúdo das histórias e a forma como são narradas, observando cada contador como um ser singular, dentro de uma rede cultural que é coletiva, que tem símbolos, comportamentos e dizeres que lhes são próprios. Dessa forma quero contextualizar a vida e o universo familiar, educativo, religioso de cada um, enfocando o que é recorrente em suas narrativas, enfim, mergulhar no universo de cada um deles sem separá-lo de sua performance.

O que foi selecionado para ser apresentado neste texto faz parte do trabalho de campo que consta de centenas de horas de gravação e fotos, com cerca de 20 (vinte) pessoas, entre causos, conversas, cantigas, piadas e versos.

A transcrição das narrativas foi feita na íntegra, escrevi tal como ouvi, para que o leitor possa ter a noção real do que foi dito e de como foi dito. Utilizo-me de reticências para ilustrar as pausas durante a fala. Ao longo do texto uso fragmentos das narrativas para fazer as observações das temáticas abordadas por cada contador, o contexto, as recorrências e por fim a performance durante a narração.

Logo após as narrativas, para melhor compreensão dos textos, fiz um pequeno glossário com as palavras e os termos utilizados pelos narradores, já que a escrita é fiel à maneira de falar de cada narrador, a pronúncia das palavras, às pausas, ênfases e repetições.

3.2.1 FALAS, SILÊNCIOS E GESTOS

DONA MARIA



Fig. 9 – Dona Maria no sofá da sala de sua casa no Morro Alto

Fonte: Pesquisa de Campo realizada por Nalcira Aparecida Durães em 10 de novembro de 2010

A primeira visita foi à casa de Dona Maria de *Dôca*, apelido do seu falecido marido. Assim muitos são chamados em sinal de pertencimento, do marido, do pai em raras vezes da mãe. Esses dados “revelam a afirmação da dominância patriarcal (a mulher vive em função das necessidades do homem)” (GOMES; PEREIRA, 2002, p.38).

Dona Maria nasceu no dia 04 de abril de 1914, hoje tem 97 anos, é viúva, tem sete filhos, sendo seis mulheres e um homem. É conhecida pela sua boa prosa e pela religiosidade. Católica fervorosa e ouve todos os programas religiosos pelo rádio. Aos domingos não perde o culto na igreja local, nem as missas que ocasionalmente acontecem na comunidade.



Fig.10 – Dona Maria e suas filhas na porta da capela de São Sebastião na comunidade rural de Morro Alto

Fonte: Pesquisa de Campo realizada por Nelcira Aparecida Durães em 10 de novembro de 2010

Hoje ela mora sozinha, numa casa ao lado de seu único filho homem. Depende do auxílio dos filhos e netos para algumas tarefas domésticas, porque praticamente não enxerga. Sua casa se situa às margens da estrada principal da comunidade que dá acesso as outras moradias.

D. Maria lê e escreve bem, mas nunca frequentou escola. Como a maioria dos idosos do Morro Alto, também aprendeu a ler e escrever com *Padrim Calixto*, seu tio. É importante ressaltar a importância que teve a figura de *Padrim Calixto* para esta comunidade, não há registros escritos sobre a história dele, porém todos os idosos que lêem e escrevem na localidade aprenderam com o seu auxílio. Segundo conta Dona Maria, ela queria muito ir à escola e aprender corte e costura na cidade, porém “*meu pai falava que mulhé aprendê lê e escrevê é que nem marcha ne égua: sem servintia*”. (ri) (D. Maria, novembro de 2010)

Ressalto aqui a condição de desigualdade da mulher rural em relação ao homem, destacando a autoridade deste e o poder exercido por ele dentro das famílias. Nos relatos informais observo que naqueles tempos a mulher rural se submetia a uma condição de silenciosa opressão. Na atualidade houve alguns avanços, porém alguns comportamentos em

relação à mulher ainda são mantidos. Elas praticamente não saem de casa a não ser para ir à igreja. Há espaços masculinos e femininos bem definidos nas casas.

Filha do segundo casamento do Sr. Gabriel Vieira Durães com D. Júlia, Dona Maria nasceu e foi criada no Morro Alto. Diz que lembra muito da casa cheia de meninos:

vixe, me alembro daquele mundo de minino qui mãe tinha. Criado tudo junto... cum os outro só de pai, do primêro casamento...mesmo que iguale, tudo de uma mãe só...me alembro que tinha muitio movimento na casa de pai...ele tinha muitia amizade e tocava muitio sirviço... Ah, nas roça tinha gente toda vida...num era essa briquita de hoje, qui o povo que ficá só na vida mansa da cidade... (D. Maria, novembro de 2010)

briquita: dificuldade, peleja

Em sua fala ela ressalta sobre o esvaziamento do campo, com a migração ocorrida principalmente nos últimos 20 anos. Enfatizo que esse tema é recorrente em outras falas e que preocupa muito os moradores do lugar.

Durante a visita estavam presentes além de mim, outros parentes de D. Maria que participaram como ouvintes e em alguns momentos fizeram pequenas intervenções, perguntando ou enfatizando algo dito por ela. Como faço parte *dos de casa*, e não dos *de fora*, termos utilizados pelos moradores da comunidade para definir quem é do lugar e quem não é, a abordagem foi tranquila e bastante espontânea. Eu, antes de tudo, expliquei sobre a pesquisa. Foi necessário, a princípio, um estímulo para o início das narrativas. Avisei que estaria gravando. Ela perguntou por onde começar e eu pedi que falasse sobre a história da comunidade e como iniciou a produção de farinha de mandioca. Depois a narração foi tomando seu próprio curso e enveredando por outros caminhos.

Dona Maria demonstrou disposição e generosidade ao partilhar conosco suas histórias e o fez com extrema gentileza. Iniciou dizendo “*ô gente mas...mas...mas fugiu um bucado das coisa da... da... da... minha cabeça*”, e em seguida nos contou por mais de uma hora várias histórias de sua vida e do povo do lugar, com toda a autoridade que seus 97 anos de experiência lhe conferem.

Assim,

o narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas do trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principados pela sua voz. (...) A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana (BOSI, 1994, p.90).

No encontro entre narrador e audiência, a roda de “causos” se abre, possibilitando pequenas intervenções dos presentes, como numa conversa informal. Nesse sentido a “voz implica ouvido. Mas há dois ouvidos, simultâneos, uma vez que dois pares de ouvidos estão em presença um do outro, o daquele que fala e o do ouvinte” (ZUMTHOR, 2010, p. 86). A palavra laça-nos, somos envolvidos por ela.

A enunciação da palavra ganha em si mesma valor de ato simbólico: graças à voz ela é exibição e dom, agressão, conquista e esperança de consumação do outro; interioridade manifesta, livre da necessidade de invadir fisicamente o objeto de seu desejo; o som vocalizado vai de interior a interior e liga, sem outra mediação, duas existências (ZUMTHOR, 2010, p. 13).

Em muitos momentos, o narrador busca na audiência aprovação, o reconhecimento, implicando uma participação ativa do ouvinte. Nessa relação há uma participação efetiva dos dois lados.

Suas narrativas em sua maioria são histórias de vida onde ressalta fatos que marcaram sua trajetória e da comunidade. Através de seus relatos características importantes da vida no meio rural podem ser observadas. Nelas concentram-se aspectos relevantes dessa cultura, composta por elementos peculiares que compõem a esfera simbólica do lugar. Por isso busco elucidar na análise das narrativas e da performance dos narradores esses aspectos importantes da cultura local presentes nas falas.

De acordo com Geertz (1989), “o homem é um animal amarrado a teia de significados que ele mesmo teceu” (GEERTZ, 1989, p.04), assim, vinculadas a essa teia tecida de memórias, costumes, saberes construídos coletivamente, se encontram as histórias desta narradora e dos demais sujeitos ouvidos no percurso deste trabalho.

Voltando às narrativas de Dona Maria, entre vários temas que aborda, saliento especialmente a questão do nascimento dos filhos, de como eram os partos realizados pelas parteiras ‘oficiais’ do Morro Alto (Joana de Henrique, Maria de Valu e Cipriana), do pós-parto, chamado *resguardo*, cercado de cuidados e remédios caseiros.

Segundo seus relatos, a mulher ficava praticamente um mês sem sair da cama, recebendo comidas preparadas especialmente para a ocasião, como canjica, canja de galinha, escaldado de fubá. *Resguardo quebrado* deixava seqüelas irreversíveis na mulher, algumas chegavam a enlouquecer, como o caso de Eva de Colodino, história narrada por Seo João.

Aqui transcrevo a fala de dona Maria sobre o *riscado de fogão*, chá que eram obrigadas a tomar logo após darem a luz:

Pra resguardo as partêra dava riscado di fugão. A gente era obrigado tomá...todo mundo tomava. Era assim: queimava três turrãozim e fazia um chá cum artimijus, sarça e aquelas coisa de horta...arruda...artelã fazia o chá...e...queimava aquelas folha cum pinga...e agora punha a água dentro e punha os turrãozim...os turrãozim vermelhim que nem brasa dentro. Os turrãozim frivia lá, quando ele parava, tirava os três turrãozim de dentro dessa água (sorriso). Quem que quer esse castigo?

Eu falava: Eu num quero beber pinga não, eu tunteiro, eu num quero não.

Parteira insistia: - Toooma remédio é pra isquentá, pra isquentá, pra sará.

Eu tomava, nem sei se tuntiava, se imbebedava, num sei não, sei que passava tudo. (D. Maria, novembro de 2010)

Artimijus: Artemísia, flor com propriedades medicinais.

Sarça: salsa

Observo ainda que as lembranças estão muito vivas, as cantigas, os remédios, as técnicas de trabalho, suas crenças, isso porque ainda fazem sentido para eles. “As lembranças grupais se apóiam umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal” (BOSI, 1994, p.414).

As lembranças de dona Maria e da maioria dos narradores não são em sequência cronológica, elas vão e vem. O contar não segue em *linha reta* e não há datas, as falas vão fluindo livremente. Em muitas das narrativas aparecem trechos de épocas diferentes. Tomo a liberdade de situar a próxima narrativa na década de 30, levando em conta a idade da narradora, o ano em que se casou e o nascimento dos filhos.

Já perdi fio... Um deles era gordim, bunitiiim que só veno. Vei num parto feliz e tudo. Quando foi no dia que ele estava com seis dia...Mãe num deixava a gente lavá, dá bãim só no sétimo dia. Eu fui dá um bãinzim nele nos seis dia. Aquela gracinha do menino...conversando cum ele falando assim: vovó só deixa lavá amanhã, vo lavá é hoje. Lavei a cabecinha.... lavei todo direitim...botei talco...arrumei...e tô lá contente cum esse neném. Deitei ele prá durmi...mamava bão...menino mais sadio. Quando eu fui lá dentro, que eu vim...já vi aquela fungueira nele.. E eu fui pegá ele...ele tava cum febre...cum febre e cum o narizim intupido, que tava assim (imitando) abrindo a boquinha pra respirá. Será aquele bãim nojento meu, demorado que fez isso? Fui fazer um chazim de puejo pra dá ele. Quando eu fiz o chazim, cheguei, já ele tava gritando, tava istrimecendo (faz o gesto) assim de chorá. Eu panhei...e essa tal cólica foi dano e o coitadim até desmaiava todo assim oh! (encena) Mãe mais...mais Zé Grande pegô...batizô ele em casa... O batizado, mãe fazia muito bem feito...ela pegava a água, porque nós sempre tinha a água benta da igreja, mais num precisava, podia água natural mesmo. Era assim: pegá a água da vasilha e botá na cabecinha... se quisesse botar o nome, punha, se num quisesse, só as palavra. Fulano, eu te batizo em nome do pai, do filho e do espírito santo. Cê ia batizar na igreja o padre perguntava:

- Foi batizado in casa?

- Foi.

- Como que foi?

Se ocê falasse assim direitim, num punha água na cabeça mais não... num precisava mais não... tava batizado...fazia os outro sacramento tudo...

Mais o mininim tava ruim demais... istrimicia todo assim (com gesto)...e aquela dô...que ele sentia. O que que a gente fazia? Num tinha médico, num tinha nada. Ficô desse jeito...no outro dia ele morreu, no sétimo dia ele morreu. (D. Maria, novembro de 2010)

Ao analisar essa narrativa, podemos observar diversos elementos da cultura tradicional local. Destaco aqui a maneira ritualística de que era cercado o nascimento e o tratamento do recém-nascido. Eles só podiam ser lavados depois do sétimo dia. Vale lembrar que existe em torno do ‘sétimo dia’ uma série de crenças, pois como cita Dona Maria: “*Deus fez o mundo em sete dia, só dipois discansô*”. Assim fecha-se o ciclo, a semana. Há de citar também o alto índice de mortalidade de recém-nascido pelo chamado *mal-de-sete-dias* ou tétano umbilical, infecção do umbigo do recém-nascido quando não é tratado devidamente. Uma prática comum na *roça*, era *curar* o umbigo com picumã¹⁷, óleo de mamona, até pólvora, aumentando ainda mais o risco de infecção.

Outra questão que salta da narrativa é a importância da realização do ritual do batismo católico, antes da morte para que a criança não morra *pagã*. Precisando torná-la cristã através do batismo. Neste caso ele foi realizado por leigos, sendo que:

na igreja há uma hierarquia, que a religiosidade popular não precisa levar em conta. O rezador não se insere na hierarquia dos sacerdotes, mas é distinguido hierarquicamente no grupo social a que pertence, através da liderança nas atividades de manipulação dos bens religiosos” (GOMES & PEREIRA, 2002, p.192)

No que se refere à performance durante o evento narrativo, Dona Maria permaneceu todo o tempo sentada no sofá da sala de sua casa. Com voz suave desenvolveu sua ‘atuação’ gesticulado sempre com as mãos. Seus movimentos são contidos. Em sua fala, utiliza-se muito o alongamento das palavras: (*Tooma remédio é pra isquentá... muiiiiiiiiitia farinha...*) dando ênfase a algumas palavras que quer colocar em destaque. Utiliza-se das pausas com frequência e sua expressão facial denota sentimentos diversos nos momentos da fala: tristeza quando fala da morte do bebê, ri quando dá a receita do *riscado de fogão*, com saudosismo lembra das casas cheias de gente em outros tempos.

¹⁷ Fuligem escura que acumula nas telhas, formada por acúmulo de fumaça.

No decorrer da narrativa, não há muita modulação da sua voz. O volume permanece sem alterações, mantendo-se bastante linear. Fala com fluidez e serenidade. Em diversos momentos coça a cabeça, para aguçar as lembranças. Outras vezes segura uma almofada que se encontra ao seu lado, brinca com os botões da blusa e passa as mãos pelas bordas do sofá, buscando ocupá-las.

As mãos de D. Maria são a sua principal “ferramenta” durante a sua narração, elas “falam”, brincam, buscam, rememoram e ainda trazem consigo a história de uma ávida inteira.

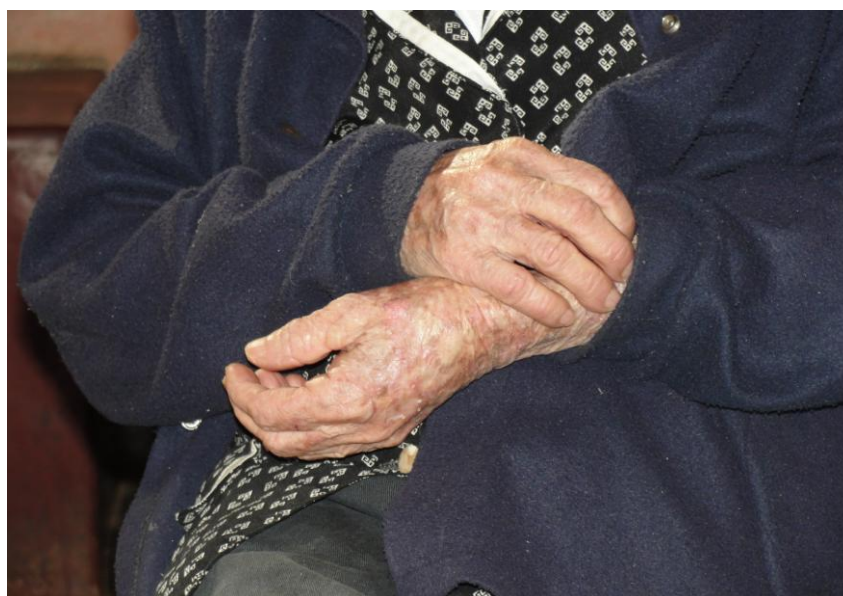


Fig. 11 - Mãos de Dona Maria, durante a narração – Morro Alto – novembro de 2010

Foto: Pesquisa de campo de Nelcira aparecida Durães

Observo que a performance de dona Maria se diferencia entre as narrativas que são diretamente ligadas à sua vida e as em que narra histórias do lugar e/ou de terceiros, como esta em que fala da festa do Senhor do Bonfim de Bocaiúva¹⁸:

A festa do Sinhô do Bonfim era linda demais... era mais bonita que agora, num tinha aquela confusão danada de mascate, hoje é só negociada... O povo ia de carroção e a cavalo pros camim afora.... Ia de pé também (sorrindo) os que num tinha nem carroção nem cavalo ia de a pé também. Ia até discalço naquela época (sorrindo), quem tinha um sapatim bõ, num

¹⁸ Senhor do Bonfim é o padroeiro de Bocaiúva, sua festa é centenária e acontece no 2º domingo do mês de julho. Atrai milhares de romeiros de todo país. Atualmente sua programação é composta por novenas, missas, procissões, mastro e shows musicais. Além disso atrai centenas de camelôs que transforma as ruas da cidade numa grande feira aberta.

quiria estragá o sapato não, estragava o pé ino (sorrindo) e...e...e pra deixá o sapato mais novo pra ir na festa.”(ri) (D. Maria, novembro de 2010)

Especificamente durante esta narrativa, dona Maria olha pra frente, como se enxergasse a festa, a igreja enfeitada, o povo seguindo pela estrada, levando as roupas novas e os mantimentos. Parece que o que narra está diante dos seus olhos. Diferentemente de quando trata das histórias de sua vida, mesmo sendo passagens engraçadas, como do chá para resguardo, olha mais para o chão e remexe tanto na almofada, como se remexesse no baú das suas memórias e fosse tocada pelo que vai encontrando. Ela também realiza sutis dramatizações corporais e vocais em vários momentos da sua fala.

A nossa conversa foi se estendendo até a hora do almoço, quando decidi me despedi. Ela logo foi dizendo: *“Mais já? Fica mais gente... toma ao menos um café...”* O almoço estava sendo preparado por sua filha Lucinha e o cheiro de comida encheu a pequena casa. Ainda assim, para aproveitar melhor o dia fui para gravar com o próximo narrador, Zica, seu filho mais velho. Marquei de voltar depois para tomar um café com biscoito.

JOSÉ VICENTE (Zica)



Fig.12 – Zica e sua esposa Lourdes na sala de sua residência no Morro Alto-Bocaiúva-MG

Fonte: Pesquisa de Campo realizada por Nelcira Aparecida Durães em 10 de novembro de 2010

Zica é o filho mais velho de D. Maria. Reside praticamente no terreiro da casa da mãe. Tem 80 anos, é casado com D. Lourdes e tem cinco filhos, sendo quatro mulheres e um homem. Exímio contador de causos, como pude observar durante a pesquisa de campo. Ele também não frequentou a escola, mas aprendeu a ler e escrever com *Padrim Calixto*.

Zica é marceneiro, ofício que seu pai e seu tio Jorge passou para ele, como relata em sua narrativa:

Ainda minino trabaiava cumo ajudante de Jorge fazendo sirviço de marcenaria. Fazia de tudo: cancela, gamela, teiado. Quando Davi foi fazê uma construção lá...fazê um curral e tudo, ele chamô Jorge mais pai pra fazê e eu pra ajudá. Eu ganhava era \$2,50 pru dia pruquê eu era bem minino ainda.

Pergunto - *Dois e cinqüenta, era qual o dinheiro Zica?*

Zica: - Dois mirrés e cinqüenta centavos... que eu ganhava pru dia. Jorge ganhava \$5,00 e pai ganhava \$5,00. Assim nós foi pra lá pra trabaiá. Quando chego lá Jorge riscô um montão de cancela pra mim furá e falô cumigo:

- Cê fura mais num funila não (gesto)...dêxa pra mim podê limpá.

Eu falei: - Tá e metí o formão. Furei...arrumei tudo...apruimei a fura bem aprumadinha e aí dêxei tudo diritim...E falei: o meu cabô....

Ele foi e falô: - Vai furano aqui pra mim pudê riscá ôto pro cê.

Eu fui trabaiá no dele e ele foi riscá ôto pra mim furá. Quando ele cabô de arriscá o oto e me intregô, chegô perto e oiô a fura que êu tinha feito, iêu já tinha feito uma fura (gesto)...no dele...ele oiô e - uai ...ele ta fazendo e é bem feito...Davi iscutô e vei vê tamém. Quando foi no final da tarde iêu tinha um montante de sirviço na frente deles. Aí quando nós findalizô Davi veio pagano eles e veio me pagá assim...

Eu falei: - Não, eu ganho é dois e cinqüenta...

Ele disse: Não, pois cê trabaiô o mesmo ou mais que eles. Ce tamém ganha \$5,00. Me pagô iguale. Jorge é que num gostô muitio. Teve qui passá a me pagá \$5,00 tamém.(ri)

(Zica, novembro de 2010)

Funila: de funil, cuja boca é maior que o fundo;

Ainda hoje Zica faz “*um sirvicim aqui, outro ali*” de marcenaria. Hoje vive mais tranquilo com a aposentadoria como trabalhador rural. Durante muito tempo, quando a “*idade pirmitia*” foi apreciador da caça e da pesca, atividades que segundo Brandão são

pensadas e vividas mais como diversão do que como trabalho, francamente masculinas e sinalizadoras de uma invasão efêmera da sociedade do domínio da natureza (pois o melhor para caçadores e pescadores, mentirosos contumazes ou não, é que as matas e os rios permaneçam exatamente como estão, ou melhor ainda, regridam a um tempo passado, quando eram mais “virgens”, mais selvagememente naturais) (BRANDÃO, 1999, p.49).

Ao abordá-lo, pedi que contasse causos das caçadas que fazia, ele foi evasivo e disse: *ah, quem sabe caúdo de caçada bom mesmo é Samu (ri) e é bõo que ele intera cum umas mintira. (ri). Samu é Samuel Pereira de Carvalho, outro narrador desta pesquisa.*

Ele contou-nos com seu jeito tranquilo, voz mansa e alegre os causos de aparições, de trabalho, de pescaria e de como conheceu Juscelino Kubitschek quando esteve internado em Belo Horizonte na sua adolescência.

É comum na comunidade, ouvir narrativas sobre aparições, de cancelas mal-assombradas, de defuntos que aparecem. Praticamente todos os moradores sabem contar alguma passagem que tenha acontecimentos sobrenaturais. *Zica* tem muitas histórias como esta em seu repertório.

A história é o seguinte, foi eu que fui buscar uma bandinha de porco lá na casa de cumpade Dudu. Capado criado na meia. Fui de tardinha...fui. Quando chego lá fui jantá mais ele...distrá lá...fiquei cum ele até umas...umas sete e meia, oito hora...Saí pra ir embora...

Quando eu cheguei na...na trunquera... eu apiei...abri a trunquera...passei pro lado de fora...a cela tava frôxa, mas eu num senti que tava não...no apiá num...num vi. Quando eu fui muntá eu vi, mais acabei de muntá e cunsertei a cela cum o corpo...ela fico torta...e eu cunsertei...

Quando eu rumpí o...o cavalo iscorô...e eu olhei tava um claro dentro da istrada... parecendo esse claro que dá ni televisão (gesticulando com a mão) quando ela tá fora de ar...tava lá balançando assim (gesticulando com a mão) No...no meio da istrada...e o cavalo iscorava e impinava e eu veno a hora que a cela saía...nada...mais eu num sô medroso não...eu num tava cum medo não, só...só tava cum medo da cela cair (gesticula com a mão)...e a bandinha de porco sujá toda (riso)

Aí eu...fui obrigando o cavalo...o cavalo foi impinando...fui obrigando...cum poco aquilo apagô (gesto)...apagô o cavalo deu de rompê...quando o cavalo rompeu...tava do lado do arame de João...e saiu arrastando parecendo uma tora de pau (gesto) e o cavalo deitô cumigo e saiu dôidio mesmo...e eu firmei inriba da cela...quando eu saí pra descê naquela cancela (gesto)...já apareceu foi parecendo um poste...branquinzim...bem no lado deu passá na cancela (gesto) e o cavalo iscorô e aí agora num ia...num ia mesmo de jeito nenhum...e eu fui cutucando ele...fui briquitano...aquilo apagô... o cavalo dêu de í...quando nós chegô...foi entrano na cancela...eu levei a mão pra abri a cancela...o cavalo passo d`uma vez cumigo...o trem rastô (gesto e onomatopéia) vrummmmm...o cavalo passo...passô e...e bati o juêi na cancela iec (gesto) abriu. Agora ele deitô na carrera... ele vai correno...correno...quando chego naquele pau pretim entro pro breu escurão...aí eu: Nossa Senhora!! Tá qui outra vez...aí num apareceu...o cavalo passo e eu cortei...quando eu cheguei na porta de cumpade José eu inxerguei a luz acesa e eu lembrei que eu tinha... ido cendê um cigarro e num sabia...eu ôiei... tava cum isqueiro na mão...e eu fui caçá o cigarro...o cigarro tinha sumido...eu peguei...fiz volta e fui embora. (Zica, novembro de 2010)

Trunqueira: porteira improvisada, feita de arame;
Iscore: parou, empacou;

cum poco: então;
 briquitano: lutando, pelejando;
 juêi: joelho;
 deitô na carrera: correu em alta velocidade.

A prática citada pelo narrador é comum entre os habitantes da zona rural: criar animais *na meia* que no caso, um entra com o animal, o outro o trata e engorda, depois o divide em partes iguais. Essa prática se estende às plantações, em que um entra com a terra preparada e a semente, o outro, com o plantio, os cuidados e a colheita, que é dividida ao meio.

Outro fator que merece destaque em sua narrativa, no trecho transcrito abaixo, é a presença da televisão, algo que foi incorporado ao dia a dia dos moradores da comunidade, de forma tão espontânea que o narrador se utiliza dela para ilustrar sua fala. Nesse sentido observo que os moradores da zona rural recriam suas histórias locais a partir do consumo de informações universais e de elementos que foram incorporados ao seu cotidiano. Proporcionando assim uma aproximação do velho com o novo, rural e urbano; algumas coisas vão sendo inseridas naturalmente em suas histórias, como observo na fala de Zica: “*e eu olhei tava um claro dentro da estrada... parecendo esse claro que dá ni televisão (gesticulando com a mão)... quando ela tá fora de ar.*” Hoje, a luz elétrica está presente em praticamente todas as casas da comunidade. Com isso, a maioria tem acesso à geladeira, ao som, ao DVD e a televisão, que ocupa o lugar do narrador.

A ênfase dada pelo narrador ao afirmar: *Mais eu num sô medroso não...* nos permite refletir sobre este sistema cultural, que tem o homem como corajoso, forte e destemido, até mesmo para lidar com o sobrenatural, como no caso. Faço esta consideração e tantas outras, lembrando que algumas questões ressaltadas nesse trabalho merecem um aprofundamento maior. Aqui as coloco em evidência para dar luz às reflexões acerca do universo pesquisado.

Há uma multiplicidade de informações dentro de uma pequena narrativa, sendo necessário, como afirma Bosi (1994), o exercício de “reinterpretar as lembranças”, pois “uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugidia” (BOSI, 1994, p.21).

Como exímio contador, Zica fez a sua performance sentado num banquinho na sala de sua casa, ao lado de um guarda louça antigo, peça que se encontra na maioria das casas da comunidade. Lugar de guardar os melhores copos, para as visitas, imagens de santos e fotos de parentes presas ao vidro do móvel, sendo vistas por quem chega. Nesse sentido, o

banquinho e o guarda-louça com uma imagem de santo dentro, à sua direita e um filtro de barro à esquerda, compunham o cenário de sua narração.

No início da nossa conversa sua esposa sentou-se ao seu lado timidamente, mas não permaneceu por muito tempo e foi cuidar dos afazeres domésticos. Retornando algum tempo depois, quando pedi para fotografá-los.

Zica tem a fala fluida, sem muitas interrupções e suas histórias parecem acontecimentos recentes, pois não tem necessidade de pausas para lembrar. Nesse sentido Zumthor (2010) diz que “o correr da voz se identifica, segundo um sábio banto, com o da água, do sangue, do esperma; ou então ele se associa ao ritmo do riso, um outro poder” (ZUMTHOR, 2010, p. 15).

O narrador faz comparações interessantes inserindo elementos atuais nas suas histórias. Utiliza-se das mãos e braços em toda sua extensão, esticando-os e encolhendo-os, abanando as mãos em outros momentos. Diverte-se contando suas histórias. Em muitos momentos, mesmo sentado, movimentava o corpo todo. Como fez quando nos contou um fato acontecido quando retornava de uma *espera*¹⁹.

Eu tava numa ispera...lá ni Dôto Carlo e tinha de descê porum trio...o trio passava um gomo de...assim uns cinqüenta metro dentro de uma moita de ispim d'aguia...ispim d'aguia vermelho. Num era de a pé não. Dava pra passar de a cavalo. Eu disci da ispera...no que eu rumpi um pôquim a lâmpida quemô e a noite iscura e eu evem...evem...evem dentro desse trio...evem dentro do trio...doido que saísse na istrada...que na istrada era tranqüilo pra rompê (gesto) Mais eu êvinha rompeno...rompeno...quando eu cheguei dentro dessa moita de ispim d'aguia me apariceu uma...um pedaço branco assim oh (gesto)...baxava e ribava...baxava e ribava...(gesto) e eu fui e falei assim – Oh se fô uma pessoa quereno fazê medo eu vou mandá chumbo (valente) O trem tornava baxá e tornava levantá Quando eu ia abalano ele levantava, quando eu quêtava...o trem baxava...Eu fui e pensei...gente as vez é um que tá ingnorano...que num ta acriditano qu'eu atiro e eu atiro. E baxeï, (gesto) panhei um toá e soprei nesse trem (riso)... o toá pego...o trem fez vrummy, era a égua de Roguele (riso) Ela era ela lazã, com a cara branca. Esse trem deitô dentro do ispim a correr...a correr.(gesto e riso) A égua foi imhora e eu tamém.
(Zica, novembro de 2010)

trio: trilho, caminho

gomo: pedaço da estrada, distância pequena

ispim d'aguia: espinho d'agulha, espécie de espinho comprido, de ponta muito fina;

abalano: andando

toá: torrão de terra colorido

soprei nesse trem: joguei forte

lazã: alazã, animal pintado.

¹⁹ Termo utilizado para identificar o caçador à espreita da presa.

Nesta última narrativa, o narrador apresenta alguns recursos que pretendo enfatizar, que são recorrentes em suas performances. Primeiro a repetição de palavras pra enfatizar o movimento “*eu evem evem dentro desse trio*” e ainda “*Rompeno...rompeno...*” e *a correr...a correr.*” O que dá à sua fala uma dinâmica que nos aproxima do fato narrado. Segundo, o contador faz movimentos maiores com o corpo “*que na estrada era tranqüilo pra rompê*” (estica o braço, indicando o caminho) “*...baxava e ribava...baxava e ribava...*” (Move o tronco para baixo e para cima duas vezes). Terceiro, o narrador utiliza em muitos momentos de onomatopéia, indicando barulhos diversos. Por último ele opta por narrar situações engraçadas, ri e provoca o riso da audiência durante a contação.

Outra questão que pretendo ressaltar é o acréscimo da vogal “i” nas palavras, que é comum não apenas na performance desse contador, mas na maioria dos moradores da comunidade, é uma maneira peculiar de falar: *muitias* (muitas), *ieu* (eu), *biscoitio* (biscoito), *oitienta* (oitenta), *coitiada* (coitada), *eitia* (eta). E essa forma de falar dá uma certa musicalidade às palavras.

Sua voz é baixa e um pouco rouca, devido ao problema de saúde que teve na adolescência (leishmaniose) no nariz, quase morreu. O que o levou a uma internação de dez meses na santa casa de Belo Horizonte, onde conheceu JK que era o provedor. Dessa época ele contou:

Juscelino era boa gente era...boa gente. Num dispregava ninguém...era uma pessoa do povo mesmo...por isso que ele ganhô né? A pessoa representava o que era. Conversei e foi muintias e muintias vez com ele. Tinha um cumpanheiro meu lá no hospitá que tinha um barái...nós jogava o barái. Aí a irmã de caridade foi e tomô o barái e rasgô...Ele (Juscelino)...ele entrô cum os istudante né? Dentro da infermaria... quando ele entrô... eu êia saindo, aí eu contei do barái...

Ele falô: - Iêu ti dô ôto...

Dispois quando o padre entrô cum a comunhão...ele torno falá cum o padre...

O padre falô: - Iêu ti dô ôto...

Bão qui nós ganhô dois e continuô jogando (ri)... a irmã num tomô mais nunca.(ri)

Prisidente! E eu votei nele...paguei ele com o voto.

(Zica, novembro de 2010)

O narrador apresenta-nos a sua opinião a respeito dos políticos, afirma que algumas pessoas não servem para a política. Até são boas, mas não para ocupar esses cargos. Em tom enfático afirma que Juscelino era um político bom, sabia fazer o que era preciso e era atencioso, “*sodava todo mundo, num diferençava ninguém...pobre rico... tratava que nem*

iguale...” (Zica, novembro de 2010). Disse que ficou devendo *obrigação* para ele, valor comum aos moradores da comunidade: o de serem eternamente gratos a quem lhes presta algum benefício. O que muitos políticos usam a seu favor.

Assim é a relação de muitos com a “política” exercida na região, uma relação de troca. Nesse sentido, uma boa estrada é moeda de troca, uma ponte, um mata-burro, uma prenda para leilão, um jogo de camisa para o time de futebol.

Depois de ouvir as suas histórias, tomamos café, proseamos mais um pouco sobre assuntos diversos. Agradei a acolhida e as *boas palavras* e retornei para a casa dos meus pais que fica na comunidade, já na divisa com o Lalau (comunidade vizinha). Com o intuito de gravar as histórias contadas por meu pai.

JOÃO VIEIRA DURÃES



Fig. 13 – *Seo* João de Julinha, durante a narração - Comunidade rural de Morro Alto

Fonte: Pesquisa de Campo realizada por Nelcira Aparecida Durães em novembro de 2010

No dia seguinte gravei com meu pai João de *Julinha* (nome da mãe). Não conheci muito minha avó, porém pelo que ouço dizer era uma mulher forte e brava, respeitada pela comunidade. Dona Júlia ficou viúva muito cedo e criou seus oito filhos, sendo apenas duas mulheres, de forma muito severa. Como meu pai conta: “*presente que eu ganhava era enxada e foice*”. Nessa família em que o era matriarcal todos filhos herdaram o nome da mãe: *Tião de Julinha, Moriço de Julinha...*

O contato com meu pai foi uma das motivações que tive para realizar este estudo. Com sete anos fui para a cidade estudar, mas nunca perdi a ligação com a roça. Meu pai sempre quis que estudássemos, “... *pra tê uma vida mió que a minha.*”, dizia. Eu o via como uma pessoa áspera e raivosa. Imagem que ele sempre fez questão de cultivar. Porém ele aos poucos foi nos revelando uma outra faceta, a de contador de histórias. E isso nos aproximou bastante. Descobri essa artimanha: mesmo em seus piores dias, quando encontrava-se enfurecido, bastava chegar e puxar a *prosa*: - “*Pai, quem foi Bastião Preto?*” *Ou quem fez esse forno de farinha?* É como puxar o fio de um carretel. Uma atrás da outra, as histórias iam se sucedendo. Em Bocaiúva, muitos já ouviram suas narrativas permeadas de palavrões.



Fig. 14 – Seo João de Julinha, fabricando requeijão - Comunidade rural de Morro Alto

Fonte: Acervo da pesquisadora

Seo João nasceu em 24 de junho de 1925, tem hoje 86 anos, é casado com Dona Tereza, tem cinco filhos e sempre morou na roça. Ele só assina o nome e também aprendeu com *Padrim Calixto*, por isso é considerado alfabetizado, mesmo sem ler. Faz conta *de cabeça* com uma grande habilidade. Até hoje faz requeijão moreno que é famoso nas redondezas.

Gosta de falar palavrões sem nenhum pudor, suas narrativas na maioria das vezes são recheadas deles. Acredito que essa característica do narrador tenha uma relação com a sua trajetória, já que ele nos conta que durante muito tempo de sua vida viajou muito. Vivia em cima de um cavalo, primeiro como vaqueiro de um fazendeiro de Bocaiuva, Sr. Geraldo Valle, depois fazendo seus próprios negócios. Sempre foi muito ousado, não tinha medo de arriscar. Dessa foram, passou muito tempo fora de casa, dormindo em acampamentos em meio a outros homens.

É nítida a sua satisfação em contar as histórias de antigamente, que são em sua maioria de terceiros. Personagens que povoam o seu imaginário e do lugar. Durante suas narrativas nota-se o propósito de provocar riso e divertimento nos ouvintes. Contou a história de Eva de *Colodino* mais de uma vez. Ressalto ainda que *Zica* também narrou outras passagens que se deram com Eva. Aqui transcrevo a narrativa de *Seo* João:

Eva de Colodino era uma doida que vivia vagano por aqui nessa bêra de istrada... entre Lalau, Morro Alto... Angicos... Preta feia, das pena cumprida qui nem siriema. Mais cantava bunito qui só veno. Infeitava a cerca com cipó de marra-vaqueiro e ramo e flô que pegava no mato. Punha uma coroa de marra-vaqueiro na cabeça. Fazia ou monte pedra na bêra da istrada e...e... enfeitava, como um altare... Agora jueiava e cantava arto e afinado, iscutava longe. Passava argüem ela chamava: vem rezá pro capeta num ti carregá! (ri) Cê tá pricisano...

Falô isso muintias vez isso pra pai... Falava era rimado.(enfático)
Num dia, de festa no Lalau, Eva arrumô uma canturia na igreja qui incomodô o padre qui tava celebrano a missa. O padre intão pidiu pras poliça tirá ela de lá. Vei dois home e pego Eva prus braço (faz gesto) No que eles vai levano, ela falô: Peraí que vô cunzinhá procês...

Eles parô assim iscutano e ela cuntinuô: (fala alto e gesticula)
- Vô prepará uma cumida boa pr' ocês: uma farofa de andu, cum casco de tatu, pena de urubu e pimenta no cu....

O povo iscutô e cairo na risada... Eles deixô Eva pra lá...
Assim foi... qui viveu, fazeno os altare, cantano e fazendo verso. Num incomodava ninguém. Depois sumiu, sube qui tinha murrido. Diz qui foi de fraqueza, pois cumia feito passarim... só pipinava na casa de um e de otro. Coitiada... marido ruiiiiiiiim qui tinha. (Seo João, novembro de 2010)

marra-vaqueiro: espécie de cipó comum nos cerrados, que entrelaça e acaba derrubando quem passa despercebido;
 pipinava: beliscava.

A narrativa explicita alguns aspectos da cultura rural na época. Ressalto aqui alguns: a festa de Santo Antônio do Lalau (comunidade vizinha ao Morro Alto), que é centenária e reunia pessoas de várias comunidades rurais. Até hoje tem celebrações, procissões, leilão, missa e forró. Porém se transformou muito com o passar dos anos. Hoje ela apresenta características mais urbanas, com carros de som em alto volume.

Outro aspecto relevante que o texto apresenta é referente à condição da mulher em questão, que segundo disseram sofria silenciosamente os maus tratos do marido, estes se manifestaram apenas em sua loucura. O resguardo (pós parto), questão abordada pelas narrativas de D. Maria, foi durante algum tempo motivo de preocupação e cuidados especiais. Pois temiam a tão falada ‘quebra de resguardo’ que deixava sequelas permanentes nas mulheres. Ainda mais na realidade aqui descrita, em que as condições sanitárias eram precárias e não havia assistência médica.

Naquela época, os loucos viviam perambulando livremente, pois não havia tratamento apropriado, em muitos casos as famílias os abandonavam ou os internavam em manicômios, como o de Barbacena-MG, que inclusive já recebeu outra moradora do lugar, Antônia, filha de José Tiburtino, que segundo contam, sofria com os maus tratos do pai e ficou louca. Vivia gritando pendurada nos galhos das árvores. De acordo com os moradores, seu pai um dia falou que ela podia sumir, ir pro inferno e nunca mais voltar. Levaram-na para Barbacena, de lá recebeu alta médica e nunca mais voltou. Seu pai passou a vida atormentado procurando por ela.

Observamos que, “juntamente com a instância social, o narrador evidencia a instância simbólica” (PEREIRA, 2002, p. 287). É ele que seleciona, ressalta, enfatiza o que considera relevante na história, além de inserir o que lhe é significativo. No Morro Alto todos os idosos sabem alguma passagem de Eva, cada um fala à sua maneira, considerando também a dinâmica imposta pela oralidade, que permite que em cada boca a história se modifique.

“As narrativas consideradas no contexto de Minas Gerais estão permeadas de metáforas” (PEREIRA, 2002, p. 256), “*comia feito passarim...só pipinava...*” “*quebrô o resguardo....*”, “*das pena cumprida qui nem siriema*”. Elas caracterizam a singularidade de cada lugar, com seus modos de falar.

Conforme nos diz Pereira:

A performance denota a competência do narrador para articular o discurso, valendo-se dos recursos sintáticos, semânticos e pragmáticos da linguagem, bem como do patrimônio sócio cultural do grupo a que pertence. Por isso a

performance implica o estabelecimento e a manutenção de laços entre o indivíduo e sua comunidade, de modo a caracterizar a narrativa como uma construção simultaneamente particular e coletiva. (PEREIRA, 2002, p.280)

No que se refere à performance, no decorrer deste evento especificamente que registrei para esta pesquisa, *seo* João permaneceu sentado em um toco de madeira, em frente à casinha que faz requeijão, à princípio com a mão no queixo. Aos poucos ele soltando seus movimentos, que a princípio são pequenos e vão crescendo, causando-lhe uma vivacidade em todo o corpo.

Em alguns momentos de sua narrativa ele assume a voz do outro, muda o tom da voz, dramatiza atuando em primeira pessoa, como personagens das suas histórias. O que permite nos aproximar bastante desses personagens e imaginá-los a partir de sua representação.

Além disso, ele fala muitos palavrões, enfatizando-os, com o objetivo claro de provocar riso nos ouvintes, quanto mais riem, mas entusiasmo provoca no contador, que também acha graça nas histórias que narra. Assim ele grita, gesticula, cospe; seu corpo e sua voz assumem de fato a história, tomando-a para si. Ressalto ainda que essa atitude do narrador é repetida em todos os *causos* que conta. É uma característica intrínseca à sua performance.

Nesse narrador, a transformação ocorrida em seu corpo durante a narração, é nítida. Ele inicia contido, apresentando a lassidão da idade e aos poucos vai se modificando, sua voz vai ficando mais forte, seu rosto a princípio fechado vai sendo tomado pela alegria, no meio da contação já encontra-se totalmente envolvido pela animação provocada pela história. Lembrar o faz muito bem, tanto que em muitos momentos ele declara com certo saudosismo: “*naquele tempo tinha home...*” enfatizando a coragem, a bravura e a *palavra* do homem de seu tempo.

Faz-se necessário citar outras histórias narradas por *seo* João que fazem parte do vasto repertório que compõe o imaginário do homem sertanejo, são as que tratam do sobrenatural, das aparições, de poderes que se situam em outro plano. Ele nos conta do benzedor já falecido, *Bastião sete Cuia*, conhecido em toda redondeza. Bastião benzeu por muitas vezes as lavouras de *seo* João, para espantar as pragas. “*Os trio ficava cheim de lagarta que saía das pranta.*” Segundo conta a reza desse benzedor era poderosa. *Seo* João lamenta a morte desse benzedor e comenta que não tem mais quem benza. “*Tamém o povo de hoje perdeu a fé.*” Segundo ele, só aprende as rezas quem acredita. Na comunidade do Lalau, havia Dona *Tôca*, que benzia os moradores das redondezas de quebranto, mal olhado, cobreiro, espinhela caída. Depois da morte do marido mudou-se para a cidade, não restando

nenhum benzedor na comunidade e vizinhança. Dessa forma, os moradores “resolvem” os problemas que julgam ser do plano metafísico, com rezas, simpatias e pequenas mandingas.

Outro nome conhecido no lugar, pelos seus poderes é Geraldo Vieira, também já falecido. Não morava na comunidade, mas tinha um laço de parentesco com os Vieiras do Morro Alto, onde todos comentavam seus feitos. Diziam que ele havia lido o livro de São Cipriano²⁰ de trás pra frente, com isso ganhou poderes de se transformar em qualquer coisa que quisesse. Como no caso aqui transcrito:

Geraldo Vieira... virava qualquer coisa... Uma vez ele descobriu que tava robando mio de sua prantação. Todo dia ele sentia farta de mais espiga nos pé....tava pió que maritaca quando dá nas roça.

Ele falô: - Inda pego esse desgraçado!

Robava di noite... e ele dava farta no dia seguinte. Uma noite ele foi pra bêra da istrada. Ta veno os pé de mio balaçano... pra lá pra cá. (faz com a mão)

Ele ficô quitim na bêra da istrada fez força e virô um tronco de madêra.

Môião de cerca. Nisso vem o home, com um saco cheiim de mio. Inda paro pra discansá e boto o saco bem na cabeça dele... Pensa procê vê, qui azá!

E ele (Geraldo Vieira) lá quitim... Quando o home resorveu sigui adiante, ele boto o pé bem na frente. Num era pé de gente, era raiz... O home paft! Caiu de cara no chão. O ladrão fico até zonzo... sem intendê nada... deitô o cabelo e o mio fico lá no chão... (Seo João, novembro de 2010)

Deitô o cabelo: saiu correndo

São vários os casos desta natureza que os moradores estão acostumados a narrar. Nesse sentido alguns trazem em seus conteúdos além do aspecto místico, um sentido moralizante, como o transcrito acima.

Como não há mais benzedoiras nem benzedores no lugar, os moradores buscam outras formas para resolver pequenas questões surgidas no dia-a-dia, com simpatias específicas para cada ‘caso’. E recomendam: o segredo está em acreditar. Seo João ensinou uma simpatia para curar bicheira em animal:

se o bicho pegá bichêra é só cê fazê uma cruzinha de capim... assim (mostra o tamanho com a mão) e botá no rasto dele e fazê o sinal da cruz. Tem di sê

²⁰ São Cipriano – o feiticeiro - foi um homem que dedicou boa parte de sua vida ao estudo das ciências ocultas. Após conhecer a jovem (Santa) Justina, converteu-se ao catolicismo. Martirizado e canonizado, sua popularidade excedeu a fé cristã devido ao famoso *Livro de São Cipriano*, um compilado de rituais de magia. <http://www.spectrumgothic.com.br>

no rasto do lado qui tivé a bichêra. Ah, é cirtim... no oto dia o lugá tá seco, os bicho já morrero tudo. (Seo João, novembro de 2010)

Nesta fala o narrador é enfático e não apresenta dúvida do poder da simpatia e afirma categoricamente que inúmeras vezes curou a bicheira do gado assim. Dessa forma os homens e mulheres do sertão vão construindo as suas histórias entre rezas, simpatias. Esta é uma das inúmeras simpatias que foram citadas durante as narrações, não apenas por este, mas por outros moradores do lugar.

Sobre este narrador, o trabalho de registrar as suas histórias é contínuo. A cada novo encontro, vou provocando e ouvindo mais relatos e causos sobre os personagens que povoam as suas lembranças. E vou redescobrimo o significado de viver naquele lugar.

SAMUEL PEREIRA DE CARVALHO (*SAMU*)



Fig. 15 – Samuel pereira de carvalho (*Samu*) em sua residência na comunidade rural de Morro Alto

Fonte: Pesquisa de Campo realizada por Nelcira Aparecida Durães em 05 de fevereiro de 2011

Samuel é conhecido como *Samu*, nasceu em 1943, hoje tem 64 anos. É casado com *Zara* (Maria do Rosário), filha de Dona Maria, com quem tem quatro filhos. Hoje, apenas uma de suas filhas mora na comunidade. Sua casa é muito simples, como todas do lugar. Lá moram ele e a esposa *Zara*.

Samu foi um apreciador da caça. Inclusive já ouvi muitas das suas histórias de caçador. E foi por esse caminho que resolvi iniciar a nossa conversa, pois sabia do seu vasto repertório de causos de caçada. No entanto, a princípio ele se apresentou resistente, ficou incomodado, não quis falar muito. Ficou questionando para que mesmo eu queria saber dessas histórias de caçadas, se ele nem era mais caçador. E enfático disse: “*Num caço mais há muito tempo. Tem gente que pensa qui ainda caço...*”

Segundo Brandão, “a caçada formal é apenas um intervalo cerimonial de toda uma persistente cadeia de atos e gestos individuais e coletivos de domínio do homem sobre todos os animais” (BRANDÃO, 1999, p. 54). É um jogo de ‘machos’. O autor acrescenta ainda que hoje “as caçadas furtivas tornam-se excepcionais e sobre elas pesa agora a mistura do antigo orgulho épico do caçador, com a suspeita do gesto infrator perante a lei ‘*de fora*” (BRANDÃO, 1999, p.56).

Por esse motivo *Samu* não ficou muito à vontade para contar suas histórias de caçada. Porém, algum tempo depois narrou algumas peripécias acontecidas numa *espera* em que esteve.

Há muito tempo o contador afirma que na chapada, região próxima à comunidade, acima do morro, região conhecida como Carobas, tem saci pererê, devido aos vários rastros encontrados. Sendo sempre de um único pé. Segundo ele o ‘*bichim é isperto...*’, pois anda léguas numa só noite. Conforme a narrativa transcrita abaixo:

...Moço já eu vi os rastim... óia, eu num sei falá...é um rasto redundim... assim no chão...na chapada...na areia...por todo canto...eu nunca vi o bicho...né. Diz por aí que é o xibungo pererê...xibungo pererê é o saci, o capetinha...né não?...Deva ser uai. O rastinho dele redundim...do jeitim do copo na areia assim oh (gesto)

Pergunto – E você acompanhou o rastro?

Uai...se cê for acompanhá o rasto cê anda o dia intirim... (riso) Agora... cê tem que muntá num cavalo e vim aqui pra nós i lá pra vê se é mintira...que tem quem fala que é cass de mintira... mas cass de mintira é pra quem num anda lá e num vê...entrô a coresma cê acha...é durante a coresma...passô a coresma cê num acha mais não. Agora eu num vi esse ano não...mas cê vim aqui nós vai e caçá e acha pro cê vê... Na coresma se chuvê hoje...amanhã cê pode ir que tem o rasto inriba da chuva...na areia.

Se num fô do saci.. pode ser um bizorrim que trabaia a noite toda e faz aquilo...pode ser uma lagarta...

Eu mesmo nunca vi o bicho, o povo é que fala. O tanto que eu já mixi e nunca sofri mais ele...e vejo esse trem direto na chapada...(interrompe o assunto e fala pra sua esposa) – Ô Zara, passa aquela bezerra branca pra dentro...ela vai rasgá toda no arame lá ó... (acena com a mão) (Samu, dezembro de 2010)

Cass de mentira: caso de mentira

O saci é um dos mais conhecidos personagens das lendas brasileiras, tendo influências tanto indígenas quanto africanas. Inclusive contam que ele perdeu a perna jogando capoeira. Por fazer parte da cultura oral, suas histórias vão se modificando e perpetuando em diversas versões. O saci se tornou conhecido do grande público por meio dos livros de Monteiro Lobato e posteriormente, como personagem do Sítio do Picapau Amarelo, série adaptada para a televisão. Daí então passou a fazer parte do imaginário nacional.

Nesta narrativa o contador apresenta uma contradição: o fato é verídico, segundo conta, os rastros existem, mas ele mesmo nunca viu o saci. Ainda assim desafia o ouvinte a ir ao lugar para ver, brinca com a história, faz comparações. Esta é uma característica inerente a este contador, ele é astuto e brincalhão.

Das várias histórias que narrou, transcrevo mais uma, do tempo que ele gostava de uma ‘caninha’

Minino, oto dia eu cheguei aqui bunito dimais da conta isso já faz tempo... pois já num bebo mais... cheguei e tinha sobrado na garrafa um tantim assim de pinga... eu pensei em guardá...depois eu falei: o que? Amanhã Zara acha isso aqui e joga no munturo, eu vô é cabá cum ela hoje mesmo e drumi. Botei um tiquim, mas num era muitio boa não. Ai eu pensei, só botano limão par bicha descê mió...

Procurei e achei uns limãozim na pratilêra da cunzinha.

Peguei um isprimi... ô limão ruizin de caldo! Peguei oto e nada. Só tinha mais um, peguei e isprimi tamém...Mandei essa pinga no peito... e fui drumi...No oto dia, acordei Zara tava uma arara, perguntano quem foi que mato seus priquitim vassôra?

Eu fiquei caladim.. (ri).

Bunito dimais da conta: bêbado

munduro: lixo, entulho

tava uma arara: com muita raiva;

priquitim vassôra: espécie de ave, periquito, verde e pequeno.

O narrador é cômico em sua performance. Fala rasgado com gestos grandes e sempre retorna ao ouvinte com perguntas como “né não?” “Cê viu?”. Também assume a primeira pessoa em alguns momentos, no papel de personagem da história que narra. Emenda

uma narração em outra, pois tem um vasto repertório. A sua opção pelo cômico é evidente, é impossível não rir diante das suas narrativas, mesmo quando os conteúdos das histórias não são engraçados.

À sua casa foram duas visitas com a finalidade de gravar. Da primeira vez, como ressaltei ele ficou receoso, preso. Acredito que devido à minha abordagem, quando propus que nos contasse algumas histórias de suas caçadas. Porém, já na segunda visita, já o encontrei inspirado e totalmente à vontade.

A forma espontânea como compartilha as suas histórias, contribui de forma significativa para uma atuação singular, que se destaca perante a comunidade.



Fig. 16 – *Samu e Zara*, no dia da visita a sua casa - Comunidade rural de Morro Alto
Fonte: Pesquisa de Campo realizada por Nelcira Aparecida Durães fevereiro de 2011

Quando chegamos em sua casa, *Zara* fazia biscoitos e roscas no forno de tambor no quintal, hábito comum em todas as casas da comunidade. Em geral há uma grande variedade de ‘quitandas’ nas mesas para receber os visitantes. Esta é outra característica que salta aos olhos na localidade: o de receber bem.

Os saberes culinários dos moradores foram muito divulgados durante um concurso de pratos derivados do milho, realizado pela EMATER-MG, que acontecia na cidade. Durante vários anos consecutivos, os participantes do Morro Alto ficaram entre os primeiros colocados. Hoje acontece apenas a nível local o concurso de pratos derivados da

mandioca, onde os moradores, homens e mulheres, usam de todo potencial criativo na confecção dos pratos.

Esse dia de visita à casa de *Samu* foi muito proveitoso, o contador pareceu-me mais inspirado do que normalmente é, a sua lúdica de narrar, mais evidente. Utilizou-se de toda sua capacidade de envolver o ouvinte com seus causos, suas piadas e mentiras exageradas. Ouvir as suas histórias, regadas a café com biscoitos e roscas *da hora*, faz desse um momento único. Assim terminou a visita à casa de *Samu*..

DIVINO CARLOS



Fig. 17 – Divino Carlos em sua residência no dia da gravação, tocando acordeon

Fonte: Pesquisa de Campo realizada por Nelcira Aparecida Durães em fevereiro de 2011

Nessa empreitada, a última casa visitada foi a de Divino Carlos de Matos, morador da comunidade de Maria Preta, bem na divisa com o Morro Alto. Divino é casado com Creusa de Matos, com quem teve duas filhas: Sueli Matos Durães e Luci Matos Leite.

Ele tem fama de ser o melhor fazedor de cercas da região, mas hoje diz que ficou velho e não tem a mesma potência de antigamente, com 65 anos, ainda faz alguns poucos

serviços que *toma de empreitada*. Divino está aposentado e considera que a vida está bem mais tranquila. É músico autodidata, possui e toca vários instrumentos: viola, rabeça e acordeon.

Na localidade onde vive com a mulher há pouquíssimos moradores, apenas quatro famílias, todas compostas por negros, que, segundo contam, são descendentes dos moradores do Borá, outra comunidade da região, considerada remanescente de quilombo.

As suas filhas e esposa sempre o ajudaram nas empreitadas que tomava, porém depois que se casaram, já não podem mais ajudar o pai. Ele considera que perdeu seus melhores ajudantes e ficou pesado só para ele e Creusa. Ainda assim vez ou outra faz algumas cercas.



Fig.18 – Divino Carlos, em apresentação da Folia de Reis

Fonte: Acervo da pesquisadora Nelcira Aparecida Durães

Divino é o mestre da folia que participa a 16 anos. Ao mestre cabe a significativa função de manter o grupo vivo. Ele é quem ‘convoca’ os foliões, faz o itinerário por onde a folia irá passar naquele ano e juntamente com os demais foliões organiza a festa de Santos Reis, dia 06 de janeiro. Ao mestre também cabe o papel de puxar a cantoria durante as visitas às casas, receber os donativos nas casas onde passa e organizar a festa.

A folia de Reis é uma tradição forte na região, somente no município de Bocaiúva, no ano de 2008 havia cerca de 35 (trinta e cinco) grupos, conforme levantamento feito pela secretaria municipal de cultura da cidade. Na maioria das comunidades católicas havia um grupo, já que a manifestação se liga às festas religiosas.

No Brasil há um número considerável desta manifestação, porém com muitas variantes, mesmo falando dentro do contexto de Minas Gerais, as Folias de Reis se diferem de uma região para outra. As diferenças vão desde a indumentária até os personagens. Na Folia de Reis coordenada por Divino Carlos, a indumentária é bem simples, composta por uma camiseta verde, com a bandeira dos reis à frente, doada por um vereador local, usam os tradicionais lenços no pescoço, estes estão presentes na maioria das folias do município. Como esse não é o foco da pesquisa, quero apenas fazer referência à atividade exercida pelo contador em foco, além de ser sobre as experiências vivenciadas pela folia em suas andanças a maior parte do conteúdo narrado por Divino, conforme o transcrito aqui:

*Isturdia saímo cum a fulia como di custume, depois do natal.
Só que dessa veiz lá ni Sintinela (distrito de Bocaiúva).
Uma dona, sabeno qui a folia ia visitar argumas casa, mandô falá pra nós í na casa dela. Ela sonhava em recebê a folia.
Eu falei: mais as casa di nós visitá já foi tudo cumbinado iantes. Num dá tempo i ni mais casa... Ela insistiu insistiu.... eu falei bõo... se dê tempo nós passa da casa da sinhora intonce...
A vizinha dela, que nós já tinha marcado da folia cantá lá... vei pra mim falano – Ô Divino, se dê vai lá mesmo, ela é fraquinha coitiada (pobrezinha) e mora sozinha...
Eu falei pros outro do grupo: Nós num é de desfitiá ninguém...nóis anda mais dipressa aqui, pra cantá na casa da dona.
Assim fizemo... Lá já bem de madrugada nós chegemo na dita casa. Demo uma afinado nos instrumento e cumeçamo com o canto de chegada da folia... Esperamo ela abri a porta cumo de costume e saldar a bandêra...nada...(pausa) Cantemo o segundo canto e nada...
Nisso eu falei: - Oh gente, ela deve tá é drumino... vamo cantá e dançá o guaiano que agora ela acorda...e nada. Nisso cumpade Osvaldo oiô, a porta tava só recostada, ele deu um impurrãozim a porta abriu duma vez e ele foi pra cair bem incima da dona... (ri muito) Ela tava atrais da porta...iscutano caladinha... mais foi uma sengraceza só... (ri).
(Divino, fevereiro de 2011)*

isturdia: outro dia
 fraquinha: no sentido de probrezinha;
 desfitiá: fazer desfeita
 guaiano: tipo de canto e dança, que na região é feita pelos ternos de folia de reis.

Divino é um contador tranquilo, ri durante a narração. Seus fatos são narrados como se tivessem acontecido recentemente: inicia com *isturdia* fatos acontecidos a mais de um ano.

Durante a visita em sua casa estavam presentes a esposa, as filhas, os genros e os netos. Somados à minha “equipe”, eu, meu marido e minha sobrinha. A princípio os familiares de Divino não compreenderam bem a proposta deste trabalho e se apresentaram resistentes à gravação, principalmente as filhas. Somente depois de algum tempo as amarras foram sendo desfeitas e a *prosa* foi rendendo.

Para nos contar suas histórias, Divino de fato se colocou “no palco”, separado de todos, numa única cadeira colocada para ele do lado de fora de sua casa. A platéia se posicionou em sua frente. As filhas e esposas ficaram observando da janela.

Este contador gosta de apresentar-se para a câmera, ser fotografado, filmado. Esta observação eu já havia feito em outras ocasiões, inclusive durante a visita da Folia de Reis à casa de meus pais. É com grande satisfação que ele posa para fotografia.

No que se refere à sua performance, sua fala é clara, e tem uma forte tendência a resumir os causos. Enfatiza o que vai contar abrindo sempre com “*o causo é o seguinte...*” O próprio Divino é quem mais acha graça das histórias que conta. Quando engraçadas as histórias ele as encerra com uma volumosa gargalhada.

Apresenta grande entusiasmo ao contar suas histórias e tocar seus instrumentos para uma ‘platéia’. Tem isso nítido em seu corpo e em sua fala: querer ser visto.

Assim contou-nos mais uma passagem da folia:

A folia roda no mês de dezembro, do dia 24 até o dia 06 de janeiro. As noites são chuvosas. Nessas andanças nós tomamos chuva, sereno, moia de aruvaio... tem dia friiiiiio (enfático) mais dá gosto, Ai... acaba que nas casas que nós visitamos, os foliões tomam uma branquinha pra isquentar... falo pra num exagerar...si não nem dá conta de cantar... (ri)

Teve um dia, nós andamos à noite...já era taaarde da noite...e o carregador de bandeira nosso era o Zé de Diolina. Nós chegamos e nada da bandeira... Quando vê o Zé toxado dentro dum barroca d'água... ele é meio cambeta das pernas... A bandeira toda mojada.

*Nóis foi raiô cum ele: - Ô Zé, cê tem de tê mais cuidiado...ele foi respondeu:
- Mais eu num tive curpa... foi Santo Reis qui mi dirrubô. (ri) Hã, num sei
não... (Divino, fevereiro de 2011)*

toxado: fincado, colocado dentro;
aruvaio: orvalho

A sua fala não é fluida como de outros contadores, é necessário estimulá-lo para dar vazão às lembranças. As suas histórias em geral são bem curtas. Tem começo e fim e sempre finaliza com uma sonora gargalhada. Destaco ainda a ênfase que o contador dá em algumas sílabas, para reforçar o que quer dizer: “*friiiiiio*”... “*taaaarde*”...

Depois de narrar esses fatos passados durante as andanças da folia, Divino contou-nos um pouco de sua vida, depois tocou acordeon e rabeca para a pequena “platéia”. Após isso despedimo-nos com o propósito de fazer uma nova visita e dar continuidade à prosa.

Dessa forma encerrei a pesquisa de campo com a finalidade de gravar as narrativas. Fase do trabalho que superou as minhas expectativas, já que a princípio me perguntava como reagiriam os contadores frente a uma câmera ligada, à espera de suas falas. Tanto que os perguntava com receio, se poderia filmar.

A *prosa* fluiu com tamanha naturalidade que me surpreendeu. Penso que, na verdade eles não se viam sendo filmados, presença da câmera não os inibiu. Como todos me conhecem, era apenas mais uma roda de conversa, como de costume.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU “A RETIRADA EH, MEUS CAMARADAS”²¹

Ao sentar em torno de uma mesa, ou na varanda da casa, ou num tronco de árvore para ouvir uma história e compartilhar experiências dessas vidas pacatas dos moradores da comunidade rural de Morro Alto, eu mergulhei num universo de oralidade, ouvi as vozes, os silêncios e *assuntei* as mãos, a face, o riso, a saudade. Desta forma se sucederam os dias que estive lá com o intuito de ouvir e transcrever as narrativas orais de moradores da comunidade e analisá-las, observando os seus enredos e a performances dos narradores. Nesse sentido posso dizer que os objetivos propostos inicialmente foram atingidos de maneira satisfatória.

Para isso tornou-se necessário fazer outro mergulho, num universo teórico novo para mim, Zumthor, Benjamin, Schechner e tantos outros passaram a povoar o meu mundo e descortinar a minha visão turva. Nesse processo os meus sentidos foram aguçados, desenvolvi uma audição atenta e minuciosa, sustentáculo de um trabalho com narrativas orais. Meus pés foram encontrando outros caminhos, em alguns momentos espinhentos. Também redescobri antigos já trilhados na minha infância na roça. Isso me proporcionou uma imensa satisfação, pois ressignificou a minha própria história de vida.

O trabalho me permitiu o contato direto com o outro, nesse sentido dentro do novo paradigma antropológico, apontado por Mariza Peirano (1999) que nomeia como ‘alteridade mínima’, uma etnografia feita bem perto de casa. Busquei a “redescoberta de uma interioridade para uma escuta das vozes primordiais, às quais o pensamento europeu parecia ter se tornado surdo.” (ZUMTHOR, 2010, P. 319) Esse pensamento que foi determinante para os nossos estudos até bem pouco tempo atrás. Por isso mesmo na maioria das vezes conhecemos pouco o nosso próprio contexto.

O Brasil é um imenso manancial de uma riqueza “sonora”, haja visto as inúmeras manifestações culturais transmitidas oralmente, que fervem pelo país afora ao longo do ano. Os nossos modos de dançar, de tocar, a musicalidade da nossa fala, servem de referência para teóricos no mundo inteiro. Por isso, cada dia torna-se necessário voltar os olhos para a nossa realidade e estudá-la. Para que possamos formular nossos próprios conceitos acerca do que produzimos e de quem somos.

²¹ Canto de despedida da Folia de Reis.

Durante o trabalho de campo, muito além do que eu esperava, me deparei com um universo vasto de informações. O sertanejo agrega uma diversidade de símbolos em seu imaginário, que isso bastava para um estudo denso. Houve a necessidade de muitos recortes, para que a pesquisa fosse ganhando o corpo desejado.

Observei as trajetórias, as memórias, as percepções de mundo e os modos de vida desse grupo. O que abriu um leque para a investigação teórica que hospedou-se na antropologia, passeou pela história, geografia, sociologia até chegar em sua morada, as artes; que foi de onde tudo partiu.

Procurei elucidar os conteúdos das histórias narradas pelos moradores da comunidade pesquisada, e suas performances durante a narração. Porém muitas ramificações e desdobramentos foram surgindo, o que em alguns momentos me levou a enveredar por outras vias. Era necessário frear para não deixar que os rumos se desviassem muito dos objetivos traçados a princípio. No entanto percebo que nesse campo em que me propus jogar, o das subjetividades, é comum o surgimento de novas possibilidades, questionamentos e necessidades.

No que se refere à performance dos contadores, respaldando-me em Shechner, observei pela sua ótica o “comportamento restaurado”, e o encontrei nas mãos e nos olhos experientes de Dona Maria que evidenciam o gesto tímido, servil e contido da mulher rural, evidenciado também em sua fala. Nessa perspectiva, o comportamento que convencionalmente repetimos, ao representar o “papel” social que nos é dado.

Presente também na contação mansa e minuciosa de *Zica*, como quem está à espreita para pescar um peixe ou à espera de uma caça. Na ênfase dada aos palavrões de *seo João*, destemido em sua *macheza* de homem sertanejo, criado no meio dos bichos. Nos gestos e falas exageradas de *Samu*, próprios de um bom caçador. Nas hábeis mãos de Divino, como um grande tocador. Estes são comportamentos de quem representa os seus “papéis”, como protagonistas desta história que compartilho com o leitor deste trabalho.

Este trabalho veio referendar a importância das narrativas orais enquanto vias onde passam histórias, experiências e saberes. A arte de narrar é uma atividade essencialmente humana, que tem como único meio de transmissão o corpo e a voz. Exercício que permite o encontro com o outro, em meio às atribuições da vida cotidiana. A palavra está intrinsecamente vinculada ao homem e seu corpo e sua história; então à vida.

Narrar é uma arte que requer talento e competência. Sei que há muitos habilidosos narradores, recolhidos ao anonimato de suas vidas simples e à margem. Escolhi estes. Talvez pelas referências anteriores. E foram eles que generosamente doaram suas vozes e imagem

para dar corpo a este trabalho. As histórias nutrem a nossa alma enquanto ouvintes e também alimentam o sentimento de pertencimento, em torno do qual se cunha o termo comunidade.

As narrativas foram de certa maneira delineando a escrita. Na transcrição estabeleci outra relação com a oralidade, pois fixei-a, determinando assim o término da sua efemeridade. Assim, como enfatiza Zumthor, elas perderam a “carnalidade” da voz, somente possível no momento da audição. Registrei com fidelidade as falas, mas não pude capturar o sentido da palavra dado pelo corpo, pelas sensações, o que é percebido apenas no ato de performance. A escrita nesse caso, não é uma representação fiel da fala, pois não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, como gestos, olhares, entonações. Mesmo numa audição atenta, não há como registrar as subjetividades, apenas relatar as nossas percepções. Assim o fiz.

As histórias foram aqui relatadas de forma simples, ainda assim nos forneceram os dados para buscar a compreensão do cotidiano dos sujeitos deste estudo, das experiências vividas e a forma como vêem o mundo que os cerca. Além disso, com a ênfase dada à performance, permitiram fazer a análise da atuação do contador.

Considero ritualístico o ato de sentar-se para ouvir uma história. Não faz o mesmo sentido ouvi-las no rádio ou na TV. A relação ao vivo é uma ocasião única que nos alimenta de outra forma, nutrindo a esfera simbólica que nos compõe. Desta forma, busquei compreender o imaginário coletivo do lugar, e a presença deste nas histórias narradas pelos moradores. Pude observar a relação direta entre a palavra e o corpo do narrador, já que estão intrinsecamente vinculados, e é no corpo que a palavra ganha vida e significado.

Como um dos objetivos deste trabalho era observar os processos históricos culturais inseridos nas falas dos contadores, pude acompanhar por meio delas as transformações ocorridas ao longo do tempo, tanto nos aspectos positivos, como a melhoria das condições de moradia, a luz elétrica, as estradas, os seus reflexos na vida das pessoas; como no aspecto negativo, a violência que se expandiu até o campo, o esvaziamento; todas estas questões encontram-se presentes nas falas.

Saliento ainda que o trabalho ressaltou o papel social do narrador e da narrativa, enquanto via de partilha e transmissão de conhecimentos. Creio que não apenas para esta comunidade em questão, para qualquer agrupamento humano, que valoriza a sua história e a sua cultura.

Este é um trabalho que tem muito de mim. Por isso mesmo o considero inacabado. Já que o desejo de aprofundar nas questões aqui suscitadas tem sido uma constante. Percebi durante o trabalho de campo que preciso ficar mais tempo na comunidade, participar dos

momentos das obrigações e desobrigações. Porque mesmo tendo passado algum tempo de minha vida lá, muitas coisas se modificaram com o passar dos anos.

Após as considerações feitas ao longo do texto, cabe agora, pela motivação provocada durante o processo, dar prosseguimento ao projeto de ouvir e registrar as narrativas orais dos moradores idosos desta e de outras comunidades, no sentido de não apenas assegurar a valorização das histórias de vida do povo sertanejo, também ressignificá-las em outras dimensões, outros formatos, como: teses, artigos, documentários e dramaturgias.

Com base nas discussões apresentadas em cada uma das partes deste estudo, foi possível aprofundar um pouco no mundo do homem e da mulher do sertão, trazendo à tona um pouco das suas vidas, dessa forma, chegar a algumas reflexões comprometidas e contextualizadas com os valores, significados e particularidades desse universo.

Daqui a alguns anos não sei se teremos mais contadores, se as pessoas permanecerão no campo, ou se mudarão todas para a cidade; porém uma coisa é certa: esse registro ficará, e dessa forma as histórias não morrerão com as pessoas. Mesmo com toda a magia da oralidade, a escrita permite aqui, neste trabalho, garantir que essas vidas e seus *causos* não caiam no esquecimento. Assim, “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe pra a gente é no meio da travessia...” (ROSA, 1986, 52)

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000

ABREU, Luís Alberto. **A restauração da narrativa**. In: *O percevejo. Revista de Teatro, crítica e estética*. Ano 8. n°. 9. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2000.

AMORIM, João Roberto Drumond. **Oligarquias, coronelismo, caciques e populistas**. Montes Claros:Ed. UNIMONTES, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia na linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. São Paulo, **Revista Brasileira de Educação. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação**, jan/abril, n°19. pp. 20-28, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O afeto da terra**. Campinas, SP: editora da UNICAMP, 1999.

CARNEIRO, Maria José. **Ruralidade: novas identidades em construção**, 1997.
Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil> - acesso: 27/08/2011

COSTA, João Batista de Almeida. Mineiros e baianos. Englobamento, exclusão e resistência. **Tese de doutorado** apresentada a UNB. Brasília, 2004.

COTRIM, Carolina Costa. O ordenamento do Estado imperial no sertão norte mineiro. **Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGDS**, UNIMONTES, Montes Claros-MG, 2007.

DAWSEY, J. C. Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: O lugar olhado (e ouvido) das coisas. In: Maria Beatriz de Medeiros (Org.) **Tempo e performance**. Brasília: Editors da Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília/CAPES, 2007, v. 1, p. 33 – 46.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERREIRA, Jerusa Pires. Os segredos do sertão da terra: um longe perto. **Léguas & meia: Revista de literatura e diversidade cultural**. Feira de Santana: UEFS, v. 3, n° 2, 2004, p. 25-39.

FERREIRA, Jerusa Pires. **O universo conceitual de Paul Zumthor**. Revista do IEB, nº 45, p. 141-152, 2007. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rieb/n45/a09n45.pdf> - acesso:04/072011

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, N. P.M.; PEREIRA, E. **Flor do não esquecimento. Cultura popular e processos de transformações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

HARTMANN, Luciana. **Corpos que contam histórias: Performances de contadores de causos**. Disponível em : <http://www.portalabrace.org/vcongresso> - acesso 21/06/2011

_____. **Performance e experiência nas narrativas orais da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 125-153, jul./dez. 2005.

LEITE, Luís Carlos. **Da narrativa oral a um processo de construção dramática – Romaria: uma partilha de experiências humanas**. Dissertação (Mestrado em teoria Literária), do Instituto de letras e Linguística da universidade federal de Uberlândia – UFU, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**; Trad. Bernardo Leitão, 5ª edição. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LOPES, A. H. **Performance e História**. In: *O percevejo. Revista de Teatro, crítica e estética*. Ano 8. nº. 12. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2003.

MAFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

_____. **O imaginário é uma realidade**. Revista famecos. Porto Alegre. Nº 15, 2001.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

PAULA, Hermes de. **Montes Claros, sua história, sua gente, seus costumes**. Montes Claros, edição do autor, 1979.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. São Paulo; Perspectiva, 1999.

PEIRANO, Mariza. **A alteridade em contexto: a antropologia como ciência social no Brasil**. Série Antropologia. Brasília, 1999.

PEREIRA, Vera Lúcia Felício. **O artesão da memória no Vale do Jequitinhonha**. Belo Horizonte: Editora UFMG/Editora PUC Minas, 1996.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: Veredas** . Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: EDUSP, 2009.

SCHECHNER, Richard. **O que é performance**. In: *O percevejo. Revista de Teatro, crítica e estética*. Ano 8. nº. 12. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2003.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade – Uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Editora vozes, 1995.

VELOSO, Jorge das Graças. **Saberes e Fazeres: significações e re-significações acadêmicas no universo do conhecimento comum**. IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2007 – Disponível em: <http://www.portalabrace.org/ivreuniao> acesso em: 20/05/2011

WIRTH, Louis. **Delineamento e problemas da comunidade**. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: 1992.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **Introdução à poesia oral**. Belo horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Educ, 2000.

_____. **Escritura e nomadismo**. Cotia, São Paulo: Ateliê editorial, 2005.

http://www.bibliotecaidene.org/arquivos/album/353/arq_2446.pdf - acesso em 26/07/2011

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> – acesso em 26/07/2011

<http://portal.iphan.gov.br/> – acesso em 10/08/2011

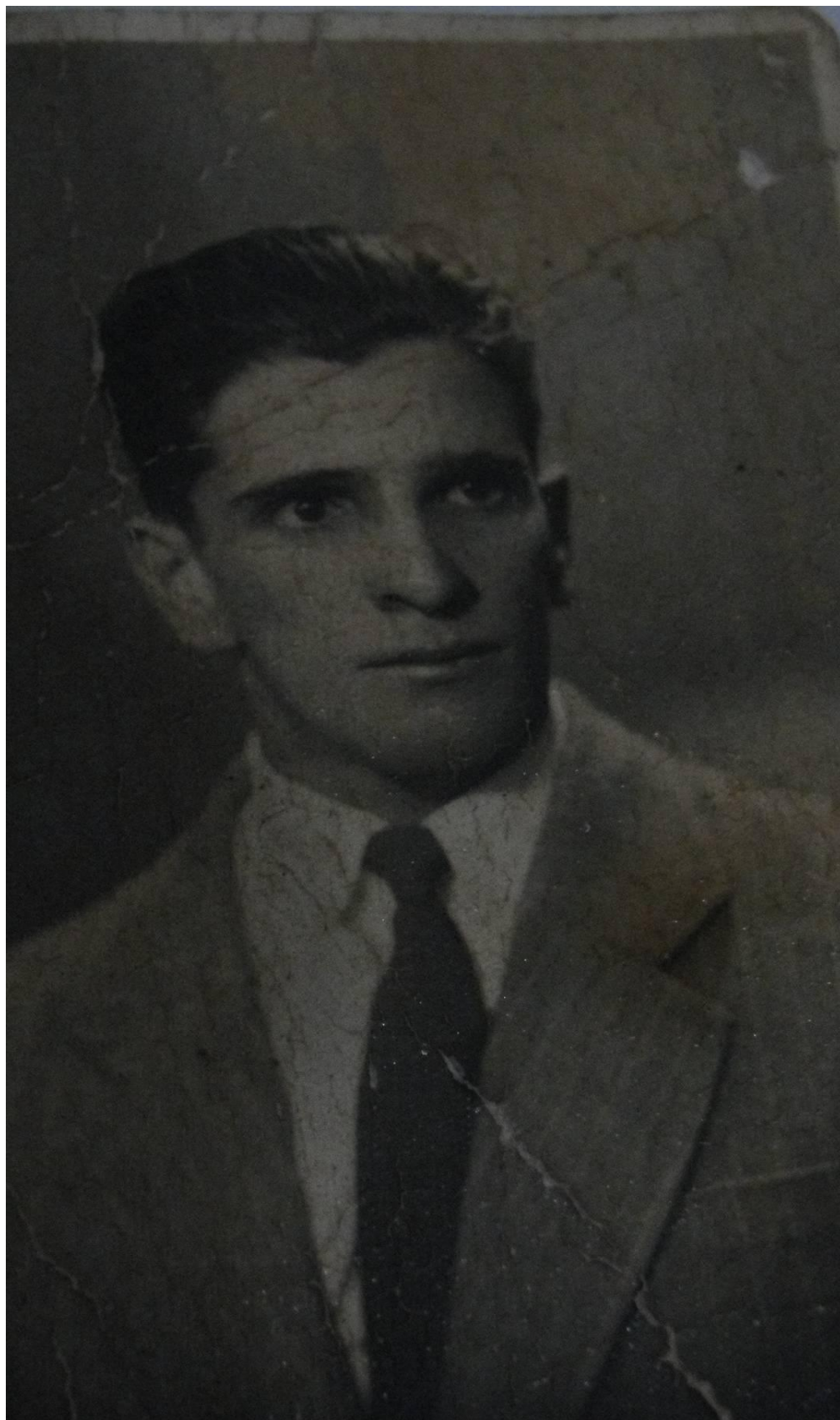
<https://www.educacao.mg.gov.br/> - acesso em 26/07/2011

ANEXOS

1. Casamento Zica e esposa
2. Sr. João Vieira Durães
3. Sra Tereza Pereira Durães
4. Família Fernades Fonseca no velório da filha Terezinha
5. Dona Ninha
6. Sr. João e Sr. Marcelino
7. Casamento do Sr. Marcelino e Sra. Julita
8. Foto Sr. Gabriel Vieira Durães e Júlia Rita de Oliveira
9. Foto Sr. Antônio Pereira e Angélica Pulsena de Andrade (pais do Sr. Samuel Pereira de Carvalho – *Samu*)
10. Revista Globo Rural especial
11. Mapa: Os caminhos do ouro



Anexo 1: Foto do casamento de Sr José Vicente (*Zica*) e Lourdes
Fonte: acervo da família



Anexo 02: Sr. João de *Julinha*
Fonte: acervo da família



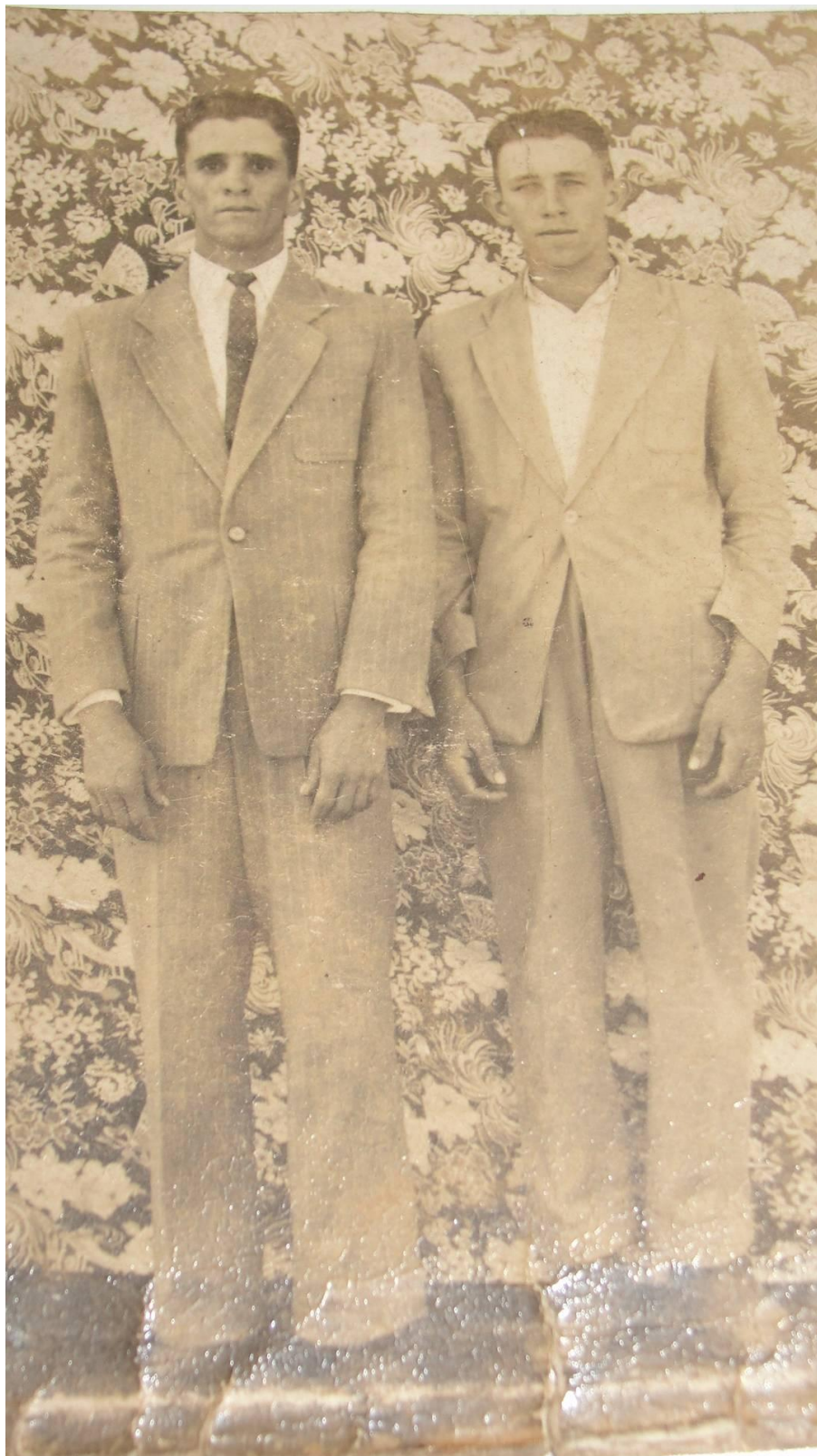
Anexo 03: Dona Tereza Pereira Durães
Fonte: acervo da família



Anexo 04: Família Fernandes Fonseca durante o velório da filha
Fonte: acervo da família



Anexo 05: 1º comunhão de Maria de Nazareth Vieira Durães (*D. Ninha*)
Primeira professora da comunidade
Fonte: acervo da família



Anexo 06: Sr. João de Julinha e Sr. Marcelino Pereira de Carvalho
Festa do Senhor do Bonfim de Bocaiúva-MG
Fonte: acervo da família



Anexo 07: Foto do casamento de Sr. Marcelino Pereira de Carvalho e Sra. Julita Fernandes
Fonseca

Fonte: acervo da família